

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA EDUCAÇÃO, ESTUDOS SOCIOHISTÓRICOS E
FILOSÓFICOS

NANAEL SIMÃO DE ARAÚJO

**PROFESSORAS PRIMÁRIAS DO SERIDÓ NORTE-RIO-GRANDENSE – MARIA
JOSÉ DO NASCIMENTO, OLÍVIA PEREIRA E THEODORA VALLE (1927-1947)**

NATAL

2016

NANAEL SIMÃO DE ARAÚJO

PROFESSORAS PRIMÁRIAS DO SERIDÓ NORTE-RIO-GRANDENSE – MARIA JOSÉ
DO NASCIMENTO, OLÍVIA PEREIRA E THEODORA VALLE (1927-1947)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós
Graduação em Educação da Universidade Federal
do Rio Grande do Norte, como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa Dra Maria Arisnete Câmara de
Morais.

NATAL

2016

Catálogo da Publicação na Fonte.
UFRN / Biblioteca Setorial do CCSA

Araújo, Nanael Simão de.

Professoras primárias do Seridó Norte-Rio-Grandense – Maria José do Nascimento, Olívia Pereira e Theodora Valle (1927-1947) / Nanael Simão de Araújo. - Natal, 2016.

115f: il.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Arisnete Câmara de Moraes.

Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Educação. Programa de Pós-graduação em Educação.

1. Educação – Dissertação. 2. Professor do ensino primário – Dissertação. 3. Região do Seridó (RN) – Dissertação. 4. Prática docente – Dissertação. I. Moraes, Maria Arisnete Câmara de. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/BS/CCSA

CDU 37.02

NANAEL SIMÃO DE ARAÚJO

PROFESSORAS PRIMÁRIAS DO SERIDÓ NORTE-RIO-GRANDENSE – MARIA JOSÉ
DO NASCIMENTO, OLÍVIA PEREIRA E THEODORA VALLE (1927-1947)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós
Graduação em Educação da Universidade Federal
do Rio Grande do Norte, como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada em ____ de _____ de _____.

Prof^ª. Dr^ª. Maria Arisnete Câmara de Moraes (Orientadora)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte | UFRN

Prof^ª. Dr^ª. Maria Lúcia da Silva Nunes (Titular)
Universidade Federal da Paraíba | UFPB

Prof^ª. Dr^ª. Olívia Moraes de Medeiros Neta (Titular)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte | UFRN

Prof^ª. Dr^ª. Maria Inês Sucupira Stamatto (Suplente)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte | UFRN

Prof. Dr. Charliton José dos Santos Machado (Suplente)
Universidade Federal da Paraíba | UFPB

Dedico este trabalho de pesquisa às minhas professoras primárias, a quem devo a aprendizagem das primeiras letras que li e escrevi.

AGRADECIMENTOS

A Nossa Senhora da Guia, por me conduzir pelas estradas que ligam o sertão do Seridó à capital potiguar, durante as idas e vindas que marcaram mais uma etapa da minha formação acadêmica.

À minha orientadora, Maria Arisnete Câmara de Moraes, pela constante companhia nas trilhas que percorri ao tracejar a escrita deste trabalho, pelo seu afeto e pela sua amizade.

À Direção do Grupo Escolar Senador Guerra e do Grupo Escolar Antônio Batista, respectivamente administrados pelo professor Ednaldo Medeiros e pela professora Jailda Néri, pela concessão de consultas aos documentos dessas instituições.

Ao Senhor Francisco Ovídio Pereira, ao Senhor Carlos Pereira da Silva, ao Senhor José Antônio Rodrigues, ao Senhor Otomar Lopes Cardoso Júnior, à Senhora Déa Lopes Cardoso, à Senhora Anita Brito, à Senhora Otília Medeiros e à Senhora Ana Zélia Moreira, pela concessão de entrevistas e de documentos do acervo pessoal das educadoras pesquisadas.

À Capes, pelo auxílio financeiro, sem o qual seria impossível a elaboração deste trabalho.

À professora Inês Sucupira Stamatto, pelas relevantes contribuições no processo de qualificação deste trabalho.

À minha mãe, Maria de Fátima de Araújo Simão, pelas orações e pela compreensão nas minhas inúmeras ausências no cotidiano da vida privada.

Aos meus amigos: Anderson Tavares de Lyra, Arlene Bezerra de Araújo, Diego Marinho de Góis, Débia Suênia da Silva Sousa, Elimária Maria de Souza, Janaína Silva Moraes, Jocimar Dantas de Araújo e Maria do Rosário Vale, pelo incentivo e contribuições durante a minha pós-graduação.

Já se foram os tempos em que a mulher ficava em casa, enclausurada, fiando ou fazendo renda, sonhando com um príncipe encantado ou um palácio de fadas. Hoje, as filhas de Eva, de algum modo libertas de preconceitos incompatíveis com a época, correm às escolas, às universidades, procurando formar outra mentalidade, a fim de conquistar os triunfos que antes constituíam privilégios exclusivos do sexo forte.

(P. E. – Revista Pedagogium, 1941).

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar as práticas educativas das professoras Maria José do Nascimento, Olívia Pereira e Theodora Valle, na Região do Seridó norte-rio-grandense, entre os anos 1927 a 1947. Nesse período, estas professoras atuaram em instituições de ensino primário como: Escolas Rudimentares e Grupos Escolares. As fontes documentais utilizadas em nosso estudo compreendem: artigos de jornais, Mensagens Governamentais, Leis e Decretos, localizados no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, documentos escolares como: Livro de Ata, Livro de Bens Móveis e Livro de Eventos Escolares, localizados no Grupo Escolar Antônio Batista (situado no município de Jucurutu/RN) e no Grupo Escolar Senador Guerra (situado no município de Caicó/RN), além de depoimentos de ex-alunos, familiares e colegas de profissão destas professoras. Tratando-se de um estudo de caráter histórico, pautado na perspectiva da História Cultural, fundamentamo-nos nas teorizações de Burke (1992), Certeau (2002), Chartier (1990) e Morais, M. (1996). Ao pesquisar as práticas educativas dessas professoras primárias, mostramos suas contribuições para a formação educacional dos seridoenses, principalmente no ensino da Leitura, da Escrita e do Cálculo, haja vista que, conforme determinava a Lei nº 405, de 29 de novembro de 1916, a instrução primária vigente nas escolas potiguares das primeiras décadas do século XX deveria primar pelo ensino dessas matérias. Expomos também a participação dessas professoras no processo de expansão do ensino primário para o sertão norte-rio-grandense, inclusive nas cidades menores, vilas e povoações seridoenses onde lecionaram essas profissionais.

Palavras-Chave: Seridó. Professoras primárias. Ensino.

ABSTRACT

This study aims to analyze the educational practices of teachers Maria José do Nascimento, Olivia Pereira and Theodora Valle, in the region Seridó of Rio Grande do Norte, between the years 1927 to 1947. In this period, these teachers worked in primary educational institutions, as rudimentary schools and school groups. The documentary sources used in this study include: newspaper articles, government messages, laws and decrees, located at the Institute of History and Geography of Rio Grande do Norte, school documents such as record book, book of movable property and book of school events located in the school Antonio Batista Group (located in the municipality of Jucurutu/RN) and School Group Senador Guerra (in the municipality of Caicó/RN), as well as testimonials from former students, family and co-workers of these teachers. In the case of a historical character study, based on the perspective of cultural history, it fundamented us in the theorizing of Burke (1992), Certeau (2002), Chartier (1990) and Morais, M. (1996). When researching the educational practices of these primary teachers, we aim to show their contributions to the educational development of seridoenses, especially in the teaching of reading, writing and calculation, given that, as stipulated in Law No. 405 of 29 November 1916, the current primary instruction in schools potiguares in the first decades of the twentieth century should prioritize the teaching of these subjects. We aim also to expose the involvement of these teachers in primary school expansion process for the wilderness of North Rio Grande, even in smaller cities, towns and villages of the Seridó Where these professionals taught.

Keywords: Seridó. Primary School Teachers. Teaching.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Imagem 1 – Professora Marina Rossi (década de 1930)	16
Imagem 2 – Professora Odete Lacava (década de 1930)	16
Imagem 3 – Professora Enedina do Nascimento (década de 1930)	17
Imagem 4 – Atual fachada da residência paroquial de Jucurutu, onde funcionou a Escola Rudimentar da Vila de São Miguel de Jucurutu (2015).....	30
Imagem 5 – Fachada da Escola Municipal Olívia Pereira Rodrigues, Caicó/RN (2015).....	43
Imagem 6 – Fachada da Unidade de Ensino Rural Professora Dorinha Vale – Sítio Pocinhos, Jucurutu/RN (2014).....	44
Imagem 7 – Rua Professora Dorinha Vale, Jucurutu (2015).....	45
Imagem 8 – Comenda Vila do Príncipe (2001).....	46
Imagem 9 – Reportagem sobre a professora Theodora Valle (1978)	47
Imagem 10 – Reportagem sobre a professora Olívia Pereira (MERCÊS, 2009)	48
Imagem 11 – Relação dos alunos diplomados pela Escola Normal de Natal em 1925	49
Imagem 12 – Procissão de São Sebastião no Centro Histórico da Vila de São Miguel de Jucurutu (1928)	50
Imagem 13 – Localização da Escola Rudimentar da Vila de São Miguel de Jucurutu (1935)	51
Imagem 14 – Homenagem realizada na Escola Doméstica de Natal, aos 80 anos natalícios do Senador Dinarte Mariz (1983)	53
Imagem 15 – Da esquerda para a direita: Olívia Pereira, suas irmãs Dalila Pereira e Maria Rosa e sua sobrinha Maria Afra (1929)	54
Imagem 16 – Relação dos professores diplomados pela Escola Normal de Natal, turma de 1928	56
Imagem 17 – Olívia Pereira durante sua diplomação pela Escola Normal de Natal (1928).....	56
Imagem 18 – Anel de formatura de Olívia Pereira (2015).....	57
Imagem 19 – Professora Olívia Pereira (em destaque) e sua turma de alunos da Escola Rudimentar da Vila de São Miguel de Jucurutu (1928)	58

Imagem 20 – Nomeação da professora Olívia Pereira para a regência do Ensino Infantil Misto do Grupo Escolar Senador Guerra (1931)	59
Imagem 21 – Escola de Bandolins de Caicó (1930), Olívia Pereira em destaque	61
Imagem 22 – Retrato do professor Giuseppe Babini (1920)	62
Imagem 23 – Casamento de Olívia Pereira com Francisco Rodrigues Nunes Franco (1932)	63
Imagem 24 – Primeira residência de Olívia Pereira em Natal (2015).....	64
Imagem 25 – Certidão de Óbito de Olívia Pereira (2010).....	65
Imagem 26 – Pais de Theodora Valle (década de 1930).....	66
Imagem 27 – Páginas do Diário de Theodora Valle (1959)	67
Imagem 28 – Professora Theodora Valle na sua juventude (Década de 1920)	68
Imagem 29 – Professora Theodora Valle e seu esposo Elísio Lopes de Araújo (1936)	69
Imagem 30 – Fazenda Adequê (2014)	70
Imagem 31 – Fachada da Prefeitura Municipal de Jucurutu (Década de 1930)	71
Imagem 32 – Residência de Theodora Valle em Caicó (2014)	72
Imagem 33 – Sepultura de Theodora Valle (2014).....	73
Imagem 34 – Oração póstuma a Theodora Valle (1978).....	73
Quadro 1 – Passeios Escolares realizados pela Escola Rudimentar da Vila de São Miguel de Jucurutu (1927-1932)	77
Quadro 2 – Instrumentos didáticos para o ensino de Geografia no Grupo Escolar Senador Guerra (1940)	82
Quadro 3 – Festas Escolares realizadas pela Escola Rudimentar da Vila de São Miguel de Jucurutu (1927-1932)	86
Imagem 35 – Transcrição da poesia <i>Ave Maria</i> de Olavo Bilac (1958)	91
Imagem 36 – Cartilha Ensino Rápido da Leitura (1944)	101
Imagem 37 – Nova Cartilha Analítico-Sintética (1953)	101
Imagem 38 – Livro Páginas Infantis (193-?)	101

SUMÁRIO

1 O ENCONTRO COM A PESQUISA	11
2 CAMINHOS METODOLÓGICOS	24
3 QUEM FORAM ESSAS EDUCADORAS?	40
3.1 Maria José do Nascimento, professora de ingentes esforços e munida dos melhores métodos cívicos	48
3.2 Olívia Pereira, mestra de práticas artísticas e literárias	52
3.3 Theodora Valle, educadora de ampla atuação no Seridó norte-rio- grandense	66
4 AS PRÁTICAS EDUCATIVAS DAS PROFESSORAS ESTUDADAS	74
5 A ESCRITA DESSA HISTÓRIA	104
REFERÊNCIAS	107

1 O ENCONTRO COM A PESQUISA

Enquanto historiador graduado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sempre nutri um especial interesse pela História da Educação Brasileira. Ao estudar as transformações culturais que marcaram a nossa sociedade nas primeiras décadas do século XX, realizei pesquisas e leituras, por meio das quais viajei pelo tempo e visitei a educação no Brasil nesse período.

Nesse percurso, deparei-me com as propostas pensadas pelos pioneiros do movimento educacional conhecido como a Escola Nova. São eles: Fernando de Azevedo, Afrânio Peixoto, A. Sampaio Doria, Anísio Spinola Teixeira, M. Bergstron Lourenço Filho, Roquette Pinto, J.G. Frota Pessôa, Julio de Mesquita Filho, Raul Briquet, Mario Casasanta, C. Delgado de Carvalho, A. Ferreira de Almeida Jr., J.P. Fontenelle, Roldão Lopes de Barros, Noemy M. da Silveira, Hermes Lima, Attilio Vivacqua, Francisco Venancio Filho, Paulo Maranhão, Cecília Meirelles, Edgar Sussekind de Mendonça, Armanda Álvaro Alberto, Garcia de Rezende, Nóbrega da Cunha, Paschoal Lemme e Raul Gomes, cujas concepções pedagógicas foram amplamente difundidas.

Os intelectuais que encabeçaram o movimento da Escola Nova no Brasil elaboraram e assinaram um documento denominado Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. Este documento condensa as diversas concepções pedagógicas que os seus signatários conceberam para a educação brasileira e, assevera que a escola enquanto “[...] campo específico de educação, não é um elemento estranho à sociedade humana, um elemento separado, mas ‘uma instituição social’, um órgão feliz e vivo, no conjunto das instituições necessárias à vida.” (AZEVEDO et. al, 1984, p. 407). Este pensamento evidencia não só o posicionamento intrínseco que a educação escolarizada ocupa numa organização social, mas também, sua importância diante da vida dos educadores, alunos e famílias a ela vinculados.

Isto significa que as atividades desenvolvidas na escola devem envolver toda a comunidade que a norteia, possibilitando a participação direta “[...] e o espírito de cooperação social entre os pais, os professores, a imprensa e todas as demais instituições diretamente interessadas na obra da educação.” (AZEVEDO et. al, 1984, p. 423). Nesta perspectiva, o dever da escola só se concretiza, à medida que a sociedade a ela vinculada colabora com o seu funcionamento, seja fornecendo subsídios morais e materiais, seja difundindo suas idéias. Pois, quando a família, os agrupamentos profissionais, e a imprensa propagam as atividades

desenvolvidas nessa instituição, conseqüentemente constituem-se como pontos que a apóiam, e que promovem a sua extensão.

Entre os referidos intelectuais, destaca-se Lourenço Filho (1978, p. 18), o qual, ao tratar das questões inerentes à escola, salienta que

Em cada época, a consciência social dos problemas educacionais revela-se na escola por sua organização, formas de trabalho e transformações que a ajustem a novas situações e novos fins sentidos como desejáveis. O movimento de renovação de nosso tempo não tem representado senão um grande esforço no sentido desse reajustamento, segundo novas bases e ensaio de instrumentação mais eficaz para a consecução de tal objetivo.

Segundo esse autor, a função da escola é sintonizar-se com o contexto socioeconômico que a norteia. Desse modo, as metodologias de ensino, a formação dos docentes e os conteúdos disciplinares adotados nesta instituição buscam resoluções para os problemas educacionais enfrentados pela comunidade escolar, e que são inerentes a cada época. Para tanto, uma constante reflexão sobre os instrumentos de ensino e as bases teóricas que regem esta instituição são caminhos a seguir.

Durante minha graduação, pesquisei em acervos de estabelecimentos educacionais da Região do Seridó Norte-rio-grandense, em busca de fontes que me informassem sobre práticas de professores que utilizassem os preceitos da Pedagogia da Escola Nova, conforme registra o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. Na cidade de Jucurutu/RN, minha terra natal, empreendi pesquisas no acervo do Grupo Escolar Antônio Batista, cuja sede é a mais antiga construção escolar local.

Nessa instituição, pesquisamos seus documentos remanescentes, materializados em coleções incompletas de *Livros Tombo*, *Livros de Ata*, *Livros de Eventos Escolares* e *Livros de Ponto*. Nestas fontes de pesquisa, encontramos registros de práticas educativas de cunho escolanovista, entre as quais destacamos: a co-educação de crianças em classes mistas, a realização de atividades manuais e as descrições de aulas de campo e de eventos que reuniam a comunidade escolar e a sociedade local.

Ao exemplificarmos essas práticas, recorreremos aos registros constantes no *Livro de Atas do Grupo Escolar Antônio Batista* (1936-1942). Este Livro de Atas, assim como os demais documentos arquivados nessa instituição de ensino foram lavrados e incorporados ao seu acervo a partir da sua fundação, ocorrida no dia 11 de outubro de 1935. Conforme determinava o Regimento Interno dos Grupos Escolares, no estado Rio Grande do Norte: “Os

Grupos Escolares serão constituídos pela reunião de três ou mais escolas, regidas cada uma por um ou mais professores. Compreendendo os cursos infantil e elementar e, quando possível, complementar, sob a direção de um funcionário administrativo.” (RIO GRANDE DO NORTE, 1925a, p. 5).

Os professores que regeram as salas de aula do Grupo Escolar Antônio Batista no período de 1936 a 1942 documentaram no mencionado Livro de Atas, relatos de suas práticas. Entre esses registros, destaca-se um Termo de Exames lavrado pela professora Odete Lacava no dia 17 de novembro de 1936:

Aos dezessete dias do mês de novembro de mil novecentos e trinta e seis, na sede do Grupo Escolar Antônio Batista desta cidade de Jucurutú, submeteram-se ao exame final os alunos dos 1º e 2º ano deste Grupo Escolar, no ano letivo, ora findo, verificando-se o resultado seguinte: [...] **2º Ano, regido pela professora Odete Lacava.** Aprovados com distinção os alunos: **Brasilina** Alves de Araújo, **Maria** Fabriciana Batista, **Manoel** Pedro Neto. Plenamente: **Maria** Lacava de Almeida, **Theodora** Baptista, **Irene** de Araújo. Simplesmente: **Severina** Medeiros, **Francisca** das Chagas, **Pedro** Segundo de Souza, **Venina** Odília de Araújo, **Lindalva** Vale, **Francisca** de Araújo, **Francisco** Eufrásio de Medeiros, **Maria** Dias, **Severina** de Moraes, **Antônia** Dulce da Costa, **Olga** Pereira, **Carmelinda** Pereira, **Maria** Luzia Batista, **Maria** de Lourdes Pereira, **Maria** **Magdalena** Filha, **Zulmira** Medeiros, **Maria** **Francisca** Viana, **Maria** Batista, Anna de Araújo, **Ranulpha** Batista, **Francisca** Dias, **Anna** **Anailde** de Medeiros, **Francisca** Pereira e **Sebastião** Batista. Foram considerados inabilitados três (03) alunos. Para constar, eu, Odete Lacava, professorada do 2º ano, fiz este termo que depois de lido, será assinado pela Diretora do Grupo e demais professoras. (GRUPO ESCOLAR ANTÔNIO BATISTA, 1936-1942, p. 88, grifo nosso).

No documento supratranscrito, destacamos o trecho referente à participação da professora Odete Lacava, que regia numa turma de meninos e meninas, evidenciando a co-educação de crianças numa mesma sala de aula, conforme explicitou o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, nestes termos:

A escola unificada não permite ainda, entre alunos de um e outro sexo, outras separações que não sejam as que aconselham as suas aptidões psicológicas e profissionais, estabelecendo em todas as instituições ‘a educação em comum’ ou co-educação, que, pondo-os no mesmo pé de igualdade e envolvendo todo o processo educacional, torna mais econômica a organização da obra escolar e mais fácil a sua organização. (AZEVEDO et. al, 1984, p. 414).

Essa concepção mostra as maneiras pedagógicas da co-educação de crianças em classes mistas. Esse modelo de ensino democratizava o acesso à instrução para meninos e meninas, pois pregava a importância de instruir ambos os sexos, convivendo dentro da mesma sala de aula.

Entretanto, não somente as mencionadas práticas denotam a adoção da Pedagogia da Escola Nova nesta instituição, pois, conforme consta num Termo de Visita e Inspeção Técnica, lavrado no dia 10 de outubro de 1936, a professora Theodora Valle ensinava atividades como “[...] Trabalhos manuais: Crochê e pontos de marca” às suas alunas (RIO GRANDE DO NORTE, 1936). Conforme registra o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, “[...] a escola deve ser uma comunidade em miniatura, e se em toda a comunidade as atividades manuais, motoras ou construtoras ‘constituem as funções predominantes da vida’ é natural que ela inicie aos alunos nessas atividades.” (AZEVEDO et. al, 1984, p. 416).

Exemplificamos, mais uma vez, a adoção dos preceitos da Pedagogia da Escola Nova. Citamos um passeio escolar realizado no dia 29 de março de 1936, pela professora Marina Rossi, com os seus alunos do 1º e 2º Anos

[...] O local escolhido para o referido passeio foi a fazenda ‘Jucurutu’.. Chegando ao dito local, distribuí os alunos em lugar apropriado, a fim de ser iniciada a parte instrutiva na qual os alunos receberam lições sobre as Principais partes das plantas; segui depois a parte recreativa que constou de cânticos, jogos infantis e merenda. Com a maior harmonia, voltamos ao edifício do Grupo Escolar. Terminando o passeio, lavrei o presente termo que vai por mim assinado. Eu, Marina Rossi. Professora. (GRUPO ESCOLAR ANTÔNIO BATISTA, 1936-1942, p. 75).

Ao lermos este trecho do documento em análise, percebemos a articulação entre o lugar escolhido para o referido passeio e a finalidade das lições ali ministradas. Ou seja, a utilização de um espaço rural, onde os alunos tivessem contato direto com a natureza, durante o ministério de uma lição sobre as principais partes das plantas. Sobre esta metodologia de ensino, que aproximava os alunos ao meio ambiente de sua região, o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova afirma a sua importância entre as atividades da escola, como neste trecho: “[...] é natural que ela inicie os alunos nessas atividades, pondo-os em contato com o ambiente e com a vida ativa que os rodeia, para que eles possam, desta forma, possuí-la, apreciá-la e sentí-la de acordo com as aptidões e possibilidades.” (AZEVEDO et. al, 1984, p. 417).

Ao ler as páginas amareladas dos documentos preservados nessa escola, conhecemos, em parte, o cotidiano do referido Grupo Escolar, que se encontra registrado

nesses arquivos, os quais registram as atividades dos gestores, professores e alunos do Grupo Escolar Antônio Batista. O que nos chamou atenção, naquele momento, foi o acervo que trata das atividades dos professores, ou seja, os livros que reúnem registros manuscritos sobre os conteúdos que estes ensinavam, bem como as solenidades cívicas e as festas escolares que organizavam na instituição. O interesse em analisar tais atividades deu origem ao nosso Trabalho de Conclusão de Curso (ARAÚJO, N., 2011), um artigo científico denominado: *Grupo Escolar Antônio Batista: um estudo sobre a história da educação no município de Jucurutu/RN (1935-1945)*.

Trabalhos como o nosso evidenciam o fortalecimento de uma tendência constatada pelas recentes pesquisas realizadas por alunos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte do Campus de Caicó/RN. Esse fato tem orientado as reflexões de professores e dirigentes do departamento do Curso de Pedagogia acerca de inovações em sua estrutura curricular.

Mais recentemente, os alunos dos Cursos de Pedagogia e História do Centro de Ensino Superior do Seridó têm voltado suas monografias de final de curso para os temas ligados à historicidade educacional, realçando histórias de vida de professores e das instituições escolares. Esses pequenos e modestos 'ensaaios' foram o suficiente para animar os estudos e despertar o gosto nos estudantes pela história da educação em nível local, regional e estadual, tendo surgido uma solicitação, na reforma da proposta curricular do curso de Pedagogia (revista recentemente), de se criar no currículo deste curso a disciplina História da Educação do Rio Grande do Norte, com ênfase nos processos histórico-educativos desenvolvidos no Seridó. (MORAIS, G., 2004, p. 16).

No meu Trabalho de Conclusão de Curso, analisei a história do Grupo Escolar Antônio Batista e a docência dos educadores que nele atuaram durante a primeira década do seu funcionamento. Entre estes, destacamos as professoras Marina Rossi, Odete Lacava e Enedina do Nascimento, cujas fotografias seguem abaixo:

Imagem 1 – Professora Marina Rossi
(Década de 1930).



Fonte: Acervo de Nanael Simão.

Imagem 2 – Professora Odete Lacava
(Década de 1930).



Fonte: Acervo de Nanael Simão.

Imagem 3 – Professora Enedina do Nascimento
(Década de 1930).



Fonte: Acervo de Nanael Simão.

Seduzido pela idéia de aprofundar as pesquisas sobre a presença de mulheres educadoras no sertão norte-rio-grandense, retornei várias vezes ao acervo do Grupo Escolar Antônio Batista. Naquele momento, o interesse foi estudar a atuação dos professores numa instituição, a fim de dar continuidade ao trabalho já realizado na Graduação. Diante desse arquivo, conversei com as fontes, procedendo às seguintes interrogações: Como se deu a formação pedagógica de tais profissionais? Quem foram as primeiras professoras desse Grupo Escolar e quais os métodos de ensino por elas utilizados? Recorri a orientações no Curso de História, em busca de respostas. No entanto, estas indagações persistem até hoje.

Em 2010, ao cursarmos a disciplina História do Rio Grande do Norte III, ministrada pela professora Jailma Maria de Lima¹, eu e toda a turma assistimos a explanações sobre a educação potiguar durante a primeira fase do sistema republicano do Brasil, ou seja, do ano de 1899 a 1930. Essa professora salientava a importância dada pelo Governo à disseminação de escolas de nível primário para o interior deste estado. Da mesma forma, destacou os investimentos que os gestores potiguares direcionaram para a qualificação de profissionais que exerceriam o magistério nesses estabelecimentos de ensino, materializados em

¹ Professora adjunta do Departamento de História do Centro de Ensino Superior do Seridó – CERES – Campus de Caicó/RN, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

instituições como os Grupos Escolares. Diante dessa realidade, destaca-se a Reforma Pinto de Abreu (Lei nº 249, de 22 de novembro de 1907), operacionalizada pelo Decreto nº 178, de 29 de abril de 1908 que: “[...] reabriu a Escola Normal de Natal para o preparo de professores de ambos os sexos, reestabeleceu a Diretoria Geral da Instrução Pública, extinta em 1900, e criou os Grupos Escolares e as Escolas Mistas na capital e em outros municípios.” (MORAIS, M.; SILVA, F., 2009, p. 270).

Ao relacionar a criação destas instituições de ensino com a região do Seridó, a professora Jailma Lima citou algumas cidades dessa região, cuja estrutura física dos Grupos Escolares pode ser contemplada em sua feição arquitetônica original. Foram citados por essa professora o Grupo Escolar Senador Guerra (situado no município de Caicó), o Grupo Escolar Antonio de Azevedo (situado no município de Jardim do Seridó) e o Grupo Escolar Thomaz de Araújo Pereira (situado no município de Acari).

Igualmente, a professora Jailma destacou a importância que os professores diplomados pela Escola Normal de Natal tiveram no processo de combate ao analfabetismo no território Potiguar ao desempenhar suas funções em instituições escolares do interior do Rio Grande do Norte.

A metodologia de ensino utilizada para o ministério da disciplina História do Rio Grande do Norte III incluía também a pesquisa em acervos localizados nas cidades onde residiam os alunos do curso de História. Os métodos de consulta a tais acervos e análise dos documentos coletados culminaram com a produção de textos sobre a realidade pesquisada.

Esse alicerce, embasado em dimensões empíricas e referenciais teórico-metodológicos, possibilitou a elaboração de trabalhos escritos solicitados como requisito para a obtenção de notas na mencionada disciplina. Nos textos produzidos, foi abordada a atuação de professores no Grupo Escolar Antônio Batista. Durante a realização desta tarefa, a presença de mulheres educadoras nesta instituição transbordava diante da análise documental e da coleta de reminiscências de ex-alunos do Grupo Escolar. Perante esse fato, surge o interesse em pesquisar a respeito da prática educativa de professoras da Região do Seridó.

Ao serem buscados estudos que fundamentassem esta pesquisa, recorreu-se ao acervo de monografias existente na Biblioteca Setorial Maria Lúcia Bezerra da Costa, localizada no Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES/UFRN) – Campus de Caicó/RN. Neste acervo, foi localizada a monografia intitulada *Júlia Medeiros, peso da tradição, desejo de liberdade* (FÉLIX; MOREIRA; FREIRE, 1997). Nessa obra, os autores expõem as práticas jornalísticas dessa professora, o seu pioneirismo em circular por espaços públicos

desacompanhada da presença masculina e o hábito de conduzir seu próprio automóvel pelas ruas de Caicó. Esse comportamento ilustra o perfil de mulheres, inclusive educadoras, que, no início do século XX, conquistavam espaços diferentes do ambiente doméstico, tornando-se autônomas através da profissionalização.

No referido acervo, foi localizada outra monografia, intitulada *Jornal das moças (1926): traços da história das mulheres seridoenses* (SILVANO, 2008). Nesta obra, a autora investiga o perfil da mulher seridoense descrito no *Jornal das Moças (1926-1932)*, analisando a literatura feminina presente nas suas manchetes. Este jornal fundado no ano de 1926 e redigido pelas professoras Júlia Medeiros, Georgina Pires e Dolores Diniz, expressa o pensamento de mulheres da sociedade caicoense sobre aspectos como: religiosidade, comportamento social, moda e educação feminina.

Ao aprofundarmos nossas pesquisas, ainda encontramos trabalhos sobre professoras que atuaram na região seridoense, no início do século XX. Trata-se de uma Dissertação de Mestrado intitulada *Jornal das Moças (1926-1932): Educadoras em manchete* (ROCHA NETO, 2002) e uma Tese de Doutorado (ROCHA NETO, 2005) intitulada *A educação da mulher norte-rio-grandense segundo Júlia Medeiros (1920-1930)*. Ambos os trabalhos foram vinculados ao Programa de Pós-graduação em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e orientados pela professora Maria Arisnete Câmara de Morais.

Rocha Neto (2002) analisa as práticas jornalísticas das senhoritas Júlia Medeiros, Dolores Diniz e Georgina Pires, durante o período em que redigiram o *Jornal das Moças (1926-1932)* no município de Caicó. Nesta pesquisa, o perfil destas mulheres é esboçado a partir de sua formação educacional e de sua contribuição para a história da imprensa no Seridó potiguar. Nesta perspectiva, o autor demonstra a atuação destas mulheres na sociedade daquele município sertanejo, durante as primeiras décadas do século XX. Para tanto, evidencia as críticas tecidas pelas redatoras do mencionado jornal sobre aspectos como a moda, o comportamento social, os atrativos culturais e a política local.

Rocha Neto (2005) analisa a participação da professora normalista Júlia Augusta de Medeiros na construção da sociedade letrada do Rio Grande do Norte. Essa pesquisa evidencia a atuação dessa professora no Grupo Escolar Senador Guerra, situado na cidade de Caicó/RN, e na imprensa potiguar, destacando suas práticas educativas nessa instituição escolar e as matérias escritas por ela no *Jornal das Moças (1926-1932)*. Nesse jornal, Júlia Medeiros publicou artigos sobre a importância da conquista de novos espaços sociais e políticos pela mulher brasileira.

Mediante o contato com os trabalhos acadêmicos desse pesquisador, tomei conhecimento sobre a existência do Grupo de Pesquisa História da Educação, Literatura e Gênero, coordenado pela professora Maria Arisnete Câmara de Moraes. A partir desse encontro, conheci as suas obras, dentre as quais destacamos: *Leituras de Mulheres no Século XIX* (MORAIS, M., 2002), *Chicuta Nolasco Fernandes, Intelectual de Mérito* (MORAIS, M., 2006) e *Isabel Gondim, Uma Nobre Figura de Mulher* (MORAIS, M., 2003). A leitura destas obras ampliou nossa compreensão sobre a função da mulher na sociedade brasileira durante a transição do século XIX para o século XX, bem como a autonomia e o prestígio social que potiguares como Isabel Gondim e Chicuta Nolasco conquistaram através da profissionalização como educadoras.

No ano de 2011, ao elaborarmos o mencionado artigo solicitado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), recorremos aos trabalhos produzidos pelo referido grupo de pesquisa, objetivando extrair subsídios metodológicos que fundamentassem este estudo. Mesmo após a finalização deste trabalho, continuamos nossas pesquisas no acervo do Grupo Escolar Antônio Batista. Dessa vez, nossa intenção era localizar os mais antigos documentos que expusessem a presença de professoras primárias no município de Jucurutu.

Após examinar prateleiras repletas de documentos, localizamos o *Livro de Atas da Escola Rudimentar da Vila de São Miguel de Jucurutu (1927-1932)*, que registra a presença das professoras Maria José do Nascimento, Olívia Pereira e Theodora Valle² no município de Jucurutu, durante o período de 1927 a 1932. (ESCOLA RUDIMENTAR DA VILA DE SÃO MIGUEL DE JUCURUTU, 1927-1932). A partir do contato com este documento, passamos a investigar sobre a presença destas professoras em escolas primárias da região do Seridó³ potiguar.

A Escola Rudimentar da Vila de São Miguel de Jucurutu foi o espaço de atuação das professoras: Maria José do Nascimento, durante o ano letivo de 1927; Olívia Pereira, durante os anos letivos de 1928 e 1929 e Theodora Valle, durante os anos letivos de 1930, 1931 e 1932. Os registros escritos que estas professoras deixaram no Livro de Atas dessa escola,

² Nos documentos mais remotos dessa professora seu nome foi escrito *Theodora Valle*; entretanto, em documentos relativos às homenagens póstumas e outros, lavrados nas suas últimas décadas de vida, a grafia foi simplificada para *Teodora Vale*, ou *Teodora Vale Lopes* (nome de casada). Também registramos a denominação *Dorinha Vale* (cognome pelo qual ficou conhecida na Região do Seridó), numa rua e numa instituição escolar da cidade de Jucurutu que foram mencionadas nesse estudo. Por medida de padronização, na escrita dessa pesquisa utilizaremos a grafia original da assinatura dessa professora, ou seja, *Theodora Valle*.

³ Segundo Moraes, I. (2005, p.26) “A Região do Seridó situa-se na porção centro-meridional do Rio Grande do Norte, portanto, em pleno Semi-árido nordestino. [...] atualmente representado pelos 23 municípios que, de forma direta ou indireta, se desmembraram de Caicó, primeira municipalidade a se constituir nessas plagas, cuja delimitação se sobrepôs à circunscrição da Freguesia da Gloriosa Senhora Sant’ Anna do Seridó”.

ilustram parcialmente suas práticas educativas. Tais práticas compreendiam a realização de aulas-passeio e de eventos escolares como: a Festa da Natureza, Festa da Pátria e Festa da Bandeira. Em suas descrições, as referidas professoras relataram a maneira como ministravam Lições de Coisas, durante os Passeios Escolares e orientavam apresentações lúdicas e declamações poéticas apresentadas pelos seus alunos durante as festas escolares.

Segundo Dominique Julia (1995, p. 10), as práticas dos educadores nas instituições de ensino constituem o segmento de uma regra que define conteúdos e métodos

[...] poder-se-ia descrever a cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). Normas e práticas não podem ser analisadas sem se levar em conta o corpo profissional dos agentes que são chamados a obedecer ordens e, portanto, utilizar dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar sua aplicação, a saber, os professores primários e os demais professores.

Diante dessa concepção, a prática educativa das mencionadas professoras representa as metodologias de ensino e os conteúdos curriculares indicados pelos Regimentos Internos das escolas primárias do Rio Grande do Norte (RIO GRANDE DO NORTE, 1925a; 1925b). Nessa perspectiva, ao estudarmos as práticas educativas das mencionadas professoras, estudamos também a legislação educacional que orientou as suas docências.

O período correspondente à atuação das professoras Maria José do Nascimento, Olívia Pereira e Theodora Valle em escolas primárias do Seridó potiguar foi aspergido pelas orientações da Lei nº 405, de 29 de novembro de 1916. Esta lei reformou a instrução pública no estado do Rio grande do Norte e traçou outras normas ao plano geral de organização e fiscalização do ensino, criou novos órgãos, como os conselhos escolares (RIO GRANDE DO NORTE, 1917, p. 7).

Segundo Araújo, M. (1998), a referida Lei serviu de base ao Conselho de Educação, durante a elaboração dos Regimentos Internos das escolas primárias do território norte-riograndense no ano de 1925. Os Regimentos continham o plano didático de cada matéria, quadro de horários e livros escolares recomendados aos professores.

Destacamos que após a elaboração desses Regimentos Internos pelo Governo do Rio Grande do Norte, no ano de 1925, o primeiro documento que localizamos acerca da prática de professores no atual município de Jucurutu, ou seja, o *Livro de Atas da Escola Rudimentar da*

Vila de São Miguel de Jucurutu (1927-1932) mostra a atuação das três mencionadas educadoras; por esse motivo, elegemos as suas práticas como objeto de estudo. (ESCOLA RUDIMENTAR DA VILA DE SÃO MIGUEL DE JUCURUTU, 1927-1932).

Ao pesquisarmos sobre a atuação das professoras Maria José do Nascimento, Olívia Pereira e Theodora Valle, percebemos que a proposta de modernização da instrução pública no território potiguar, vinculada à Lei nº 405, de 29 de novembro de 1916, não esteve circunscrita à capital norte-rio-grandense. Tal proposta foi também deslocada para o sertão, inclusive para as cidades menores, vilas e povoações seridoenses, onde lecionaram essas professoras. O Regimento Interno das Escolas Rudimentares, criado a partir dessa Lei, determinava que “[...] As Escolas Rudimentares, fixas ou ambulantes, serão criadas nos bairros, povoados, ou fazendas que contarem mais de cinquenta analfabetos.” (RIO GRANDE DO NORTE, 1925b, p. 5). Esta iniciativa revelava a necessidade de combater o analfabetismo nos mais longínquos lugares do território norte-rio-grandense.

Diante desse contexto, tomamos como objeto de pesquisa as práticas educativas das professoras Maria José do Nascimento, Olívia Pereira e Theodora Valle no Seridó Norte-rio-grandense, entre os anos de 1927 a 1947. Segundo a análise documental estabelecida no capítulo seguinte, esse período circunscreve a presença dessas professoras no interior potiguar, durante as primeiras décadas do século XX. Objetivamos com essa pesquisa demonstrar as suas contribuições para a formação educacional dos seridoenses, principalmente na aprendizagem da leitura, da escrita e do cálculo. Tal objetivo se firma no fundamento do ensino primário potiguar desse período que consistia “[...] em leitura, escrita, cálculo e desenho que serão cuidadosamente seriados, constituindo as demais matérias os elementos acessórios da instrução primária”, conforme consta na Lei nº 405, de 29 de novembro de 1916 (RIO GRANDE DO NORTE, 1917, p. 45).

As professoras Maria José do Nascimento, Olívia Pereira e Theodora Valle tiveram vivências peculiares e atuaram em escolas primárias da rede pública de ensino do Rio Grande do Norte. Elas lecionaram em instituições que funcionavam sob modalidades, como Escolas Rudimentares e Grupos Escolares. Ao buscarem a capacitação profissional que lhes era possível no contexto sociocultural em que viveram, adquiriram subsídios pedagógicos para praticar o magistério, contribuindo para a construção de uma sociedade letrada no território potiguar.

Em reconhecimento aos serviços prestados ao magistério, as professoras em análise nomeiam instituições escolares, foram mencionadas em Dissertações e Teses produzidas por

alunos do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (ver capítulo 3). Diante dessa realidade, constatamos a necessidade de desenvolver a presente pesquisa, haja vista o desejo de aprofundarmos e expor o nosso conhecimento sobre a contribuição dessas profissionais para a história da educação no Rio Grande do Norte e, de maneira mais particular, no território seridoense. Por todos esses motivos, as práticas dessas professoras constituem o objeto de estudo desse trabalho.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Ao pesquisarmos a atuação de professoras primárias no Seridó potiguar durante as primeiras décadas do século XX, entendemos que a história da educação no estado do Rio Grande do Norte pode, também, ser estudada a partir da docência dessas profissionais. Por esse motivo, acreditamos que não somente os gestores governamentais ou intelectuais renomados prestaram suas contribuições para a expansão da instrução pública nessa região. Portanto, buscamos nas pesquisas de Burke (1992, p. 12), fundamentos que fortaleçam o nosso trabalho, haja vista que “[...] a história tradicional oferece uma visão de cima, no sentido de que tem sempre se concentrado nos grandes feitos dos grandes homens, estadistas, generais ou ocasionalmente eclesiásticos. Ao resto da humanidade foi destinado um papel secundário no drama da história.”

Nesta perspectiva, nos direcionamo-nos às práticas educativas das educadoras Maria José do Nascimento, Olívia Pereira e Theodora Valle, entre os anos de 1927 a 1947, em escolas da rede pública de ensino localizadas no sertão potiguar. Nesse percurso, os estudos de Lopes e Galvão (2001, p. 52) nos mostram a importância de pesquisarmos sobre a presença de professoras numa sociedade, pois,

As pesquisas mais recentes também tem considerado relevantes para se compreender a história do ensino questões como a inserção das meninas e mulheres nos sistemas de ensino (como alunas e professoras), as discussões em torno da implementação da co-educação, a formação dos (as) professores (as) e os próprios processos de como se deu a progressiva afirmação da escola no interior das diferentes sociedades como instituição central, ou seja, como espaço privilegiado para a transmissão do conhecimento.

A partir dessa reflexão, empenhamo-nos em investigar a atuação profissional dessas três professoras, pois consideramos relevante estudar a configuração dessas mulheres na sociedade seridoense, seja enquanto estudantes, seja enquanto mestras. Para tanto, apoiamos nos estudos da História Cultural, considerando que

Por outro lado, a nova história começou a se interessar por, virtualmente, toda a atividade humana. ‘Tudo tem uma história’, como escreveu certa ocasião o cientista J.B.S. Haldane; ou seja, tudo tem um passado que pode, em princípio, ser reconstruído e relacionado ao restante do passado. (BURKE, 1992, p. 11).

Ao concordarmos com Burke (1992), compreendemos que as diversas atividades humanas nas mais diferentes épocas e sociedades são passíveis de uma análise histórica. Dessa feita, estabelecemos sobre as práticas educativas dessas professoras uma investigação de caráter histórico, pautada na perspectiva da História Cultural. Corroborando com esta concepção, Morais, M. (1996, p. 3) também nos mostra que

Na perspectiva da história cultural, entende-se que os eventos, ou tudo que se refira à atividade humana, são considerados objetos de análise histórica. Portanto, pequenos gestos, os sentimentos, os valores, a mulher, a infância, a morte, a loucura, o corpo, a festa, a fotografia, a pintura, a maneira de ler, escrever, por exemplo, são práticas culturais que não estão perdidas para a história. Esses objetos de análise são tão importantes no estudo histórico quanto os tradicionalmente analisados [...].

Chartier (1990) explicita para a História Cultural um conceito de história das representações, que, segundo este autor, é a história produzida pelos indivíduos e pelas sociedades, ao pensar (representar) uma realidade vivida. Esse conceito nos permite entender as práticas das professoras Maria José do Nascimento, Olívia Pereira e Theodora Valle como uma representação que objetiva

[...] reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significa simbolicamente um estatuto e uma posição. Assim como [...] as formas institucionais e objetivadas graças às quais uns ‘representantes’ (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe e da comunidade. (CHARTIER, 1990, p. 23).

O magistério dessas professoras representa parte do contexto educacional do período em que lecionaram, sendo, portanto, originário de culturas educacionais como regulamentos e normatizações, às quais estiveram submetidas. Ao nos apropriarmos das teorizações de Chartier (1990), percebemos nas práticas dessas profissionais a constituição de uma identidade definida pela presença de educadoras no interior potiguar, a partir de suas representações enquanto mestras primárias. Essa situação é exemplificada nos seguintes depoimentos das professoras Theodora Valle e Olívia Pereira: “[...] Com os anos que ensinei particular, tenho 49 anos de ensino prestados à educação do Rio Grande do Norte. Particular em Caicó (1927) e outros municipais e estaduais. Agora estão os processos para a minha aposentadoria.” (VALLE, 1959, p. 10).

No ano em que eu me diplomei pela Escola Normal de Natal, em 1928, fui ensinar em São Miguel de Jucurutu, nessa Vila eu era muito bem tratada. Ensinei durante dois anos em Jucurutu e depois fui lecionar em Caicó no Grupo Escolar Senador Guerra, onde ensinei durante quinze anos, depois vim para Natal onde ensinei no Grupo Escolar Áurea Barros durante vinte anos. (RODRIGUES, 1994).

As representações do mundo social são constituídas por práticas que aqui exemplificamos pelo magistério dessas professoras. Ao lecionarem em escolas primárias do sertão norte-rio-grandense, elas construíram “[...] representações para conferir sentido ao real. Essa construção de sentido é ampla. Uma vez que se expressa por palavras/discursos/sons, por imagens, coisas, materialidades e por práticas, ritos, performances.” (PESAVENTO, 2012, p. 43).

Uma pesquisa histórica sobre práticas de educadores aborda um dos objetos do conhecimento educacional mais complexo e de difícil análise, pois esses se concretizam na disseminação dos saberes ensinados nas instituições educacionais.

Enquanto objeto epistêmico, as práticas interpretam-se a partir de uma hermenêutica e estão informadas com base em artefatos, registros verbais e escritos; é o registro escrito que as dá a conhecer enquanto processo e construção. A informação sobre as práticas é, por consequência, de natureza discursiva, arquivista e museológica. (MAGALHÃES, 2004, p. 103).

Ao investigarmos as práticas das professoras Maria José do Nascimento, Olívia Pereira e Theodora Valle na região do Seridó norte-rio-grandense, buscamos esses artefatos apontados por Magalhães (2004). Portanto, perscrutamos arquivos e acervos públicos e privados, em busca de registros escritos, assim como entrevistamos familiares, ex-alunos e ex-colegas de profissão dessas professoras, durante a coleta de registros sobre esse objeto de estudo.

Inicialmente, realizamos pesquisas no acervo do Grupo Escolar Antonio Batista, sediado no município de Jucurutu. Uma das situações que nos angustiou, ao consultar o acervo desta instituição, foi descobrir que, há alguns anos anteriores à nossa pesquisa, uma diretora da Escola Estadual que atualmente corresponde ao referido Grupo Escolar, incinerou alguns documentos antigos que lá estavam arquivados. Segundo nos informou a secretária da instituição, essa profissional alegava que os mesmos estavam “comidos pelas traças e que mereciam ser queimados.” Essa atitude comprometeu uma parcela documental da história da

educação do Seridó potiguar, pois destruiu documentos escolares relativos à Primeira República.

Ao nos depararmos com situações como essas, onde o descaso com a documentação histórica das instituições escolares se concretiza nas atitudes de alguns dos seus gestores, refletimos sobre as discussões de Nunes e Carvalho (1993, p. 22), em torno das fontes de pesquisa analisadas por nós, historiadores da educação.

[...] todos já nos deparamos com a dificuldade de recolher fontes impressas e arquivísticas, geralmente lacunares, parcelares e residuais. Apesar dessas dificuldades, é justamente no manuseio crítico das fontes que o pedagogo ganha a distância necessária para olhar de uma nova maneira a pedagogia, tornando-se, pela sua prática e pelo seu projeto, um historiador.

Essa análise justifica nossa persistência em questionar funcionários de instituições como a Escola Estadual Antônio Batista e procurar, incansavelmente, nos armários e prateleiras do arquivo dessa escola. Ao executarmos essa tarefa, localizamos duas fichas de Termos de Visita de Inspeção Técnica da Escola Rudimentar da Vila de São Miguel de Jucurutu. Esses documentos, datados dos anos de 1930 e 1931, foram respectivamente lavrados por Dario de Andrade e Joaquim Coutinho⁴ e nos permitiram analisar aspectos como as qualidades profissionais e as lições ministradas pela professora Theodora Valle, no período em que regeu essa escola.

No referido acervo, localizamos também o *Livro de Atas da Escola Rudimentar da Vila de São Miguel de Jucurutu* (1927-1932). Esse documento reúne registros escritos pelas professoras Maria José do Nascimento, Olívia Pereira e Theodora Valle sobre suas práticas educativas. Com base nessas informações, analisamos as metodologias de ensino⁵ que essas professoras adotavam naquela instituição escolar, bem como a fundamentação pedagógica que norteava suas práticas. (ESCOLA RUDIMENTAR DA VILA DE SÃO MIGUEL DE JUCURUTU, 1927-1932).

Com base no referido Livro de Atas, mais precisamente a partir dos Termos de exames escolares nele existentes, elaboramos a seguinte relação, organizada em ordem alfabética e contendo os nomes dos ex-alunos dessas três professoras:

⁴ Os professores Joaquim Coutinho e Dario de Andrade foram diplomados pela Escola Normal de Natal, respectivamente, em 1921 e 1925. Além de inspetor de ensino, Joaquim Coutinho foi diretor da Associação de Professores do Rio Grande do Norte e do Grupo Escolar Senador Guerra.

⁵ Ou seja, a pedagogia da Escola Nova, conforme Araújo, M. (1998), esse modelo educacional consolidou-se nas escolas do Rio Grande do Norte, durante o governo de José Augusto (1924-1928), cabendo aos professores primários adotá-lo em suas salas de aula.

Relação dos ex-alunos da Escola Rudimentar da Vila de São Miguel de
Jucurutu (1927-1932)

- 01 – Anastácia da Conceição
- 02 – Ana Anaílde
- 03 – Antônia Dulce Costa
- 04 – Arlinda Pereira
- 05 – Avelina de Medeiros
- 06 – Brasilina de Araújo
- 07 – Carmelinda Pereira
- 08 – Celina Helena
- 09 – Cícera de Souza
- 10 – Donatila Bezerra
- 11 – Ediviges Araújo
- 12 – Elita de Souza
- 13 – Eugênia dos Santos
- 14 – Francisca Araújo
- 15 – Francisca da Conceição
- 16 – Francisca Pequenita Fernandes
- 17 – Francisca Santana
- 18 – Francisco Ovídio Pereira⁶
- 19 – Geraldo Cabral
- 20 – Gercina de Brito
- 21 – Iluminata Batista
- 22 – João Amâncio
- 23 – João Vale
- 24 – José Ambrósio
- 25 – José Apolinário
- 26 – Josefa Bezerra de Araújo⁷
- 27 – Júlia Maria da Conceição
- 28 – Júlia Lula
- 29 – Julieta Medeiros
- 30 – Lindalva Vale da Cunha
- 31 – Lindalva Marcolina
- 32 – Luzanira Jácome
- 33 – Macária Medeiros
- 34 – Manoel Lacava
- 35 – Manoel Pereira
- 36 – Maria Anunciada
- 37 – Maria Batista
- 38 – Maria de Lourdes Pereira
- 39 – Maria Diva

⁶ Ex-aluno da professora Olívia Pereira localizado ainda como vida, no ano de 2013, e entrevistado nessa data.

⁷ Ex-aluna de Theodora Valle foi localizada, ainda com vida, no ano de 2011, e entrevistada nessa data.

- 40 – Maria Fabriciana
- 41 – Maria Francisca Viana
- 42 – Maria Ivete
- 43 – Maria Lacava
- 44 – Maria Luzia
- 45 – Maria Madalena
- 46 – Maria Raquel
- 47 – Nair Bezerra
- 48 – Olga Pereira
- 49 – Orlando Cabral
- 50 – Oscarina Bezerra
- 51 – Raimunda Elisa
- 52 – Regina Rosália
- 53 – Rosete Brito
- 54 – Sebastiana Paulina de Morais
- 55 – Severina Batista
- 56 – Severino Correia
- 57 – Teodora Batista
- 58 – Valdemar Batista
- 59 – Venina Odília de Araújo
- 60 – Vicente Dutra de Morais
- 61 – Zulmira de Medeiros

Fonte: *Livro de Atas da Escola Rudimentar da Vila de São Miguel de Jucurutu* (1927-1932).

Em posse dessa relação nominal, empreendemos uma busca entre os jucurutuenses nonagenários, objetivando encontrar algum que houvesse estudado na referida Escola Rudimentar e que pudesse narrar aspectos das metodologias de ensino adotadas por essas professoras. Considerando que a presença dessas educadoras no atual município de Jucurutu se deu há mais de oitenta anos, essa tarefa não rendeu muitos resultados. Quase todos os seus ex-alunos já haviam falecido; entretanto, localizamos dois deles, que nos prestaram importantes informações.

A senhora Josefa Bezerra de Araújo (Irmã Evelina), religiosa vinculada à Congregação das Filhas do Amor Divino e ex-aluna da professora Theodora Valle, nos informou que a Escola Rudimentar da Vila de São Miguel de Jucurutu foi a primeira instituição escolar na qual estudou. “Nessa época, essa escola funcionava num imóvel que corresponde à atual residência paroquial de Jucurutu, mas, no período, era uma casa pertencente ao Coronel Joel Damasceno, que ele cedeu para a instalação dessa escola.” (ARAÚJO, J., 2011). Buscamos no 1º Cartório de Registro de Imóveis da cidade de Jucurutu

documentos que fundamentassem essa informação. De fato, no *Livro nº 3 das Transcrições de Transmissões do Registro de Imóveis da Comarca de Jucurutu/RN (1956-1960)*, consta que o mencionado imóvel tratava-se de

Uma casa construída de tijolos e telhas, nesta cidade de Jucurutu, cita a rua antiga Coronel Joel Damasceno, medindo trinta e sete palmos de frente, com os respectivos fundos, com calçada, muro, etc. em chão próprio, herdada pela Senhora Raquel Elvira de Araújo⁸, tudo conforme documentos. (PRIMEIRO CARTÓRIO DE REGISTRO DE IMÓVEIS DA CIDADE DE JUCURUTU/RN, 1956-1960, p. 69).

A imagem a seguir mostra a atual caracterização arquitetônica dessa residência. O prédio passou por diversas remodelações e não apresenta características estéticas típicas das construções do início do século XX.

Imagem 4 – Atual fachada da residência paroquial de Jucurutu, onde funcionou a Escola Rudimentar da Vila de São Miguel de Jucurutu (2015).



Fonte: Acervo de Nanael Simão.

O senhor Francisco Ovídio Pereira, ex-aluno da professora Olívia Pereira, confirmou a informação prestada por sua contemporânea escolar. Visitando suas reminiscências, ele narrou outros aspectos do seu cotidiano escolar, contando como eram as características físicas do imóvel, a farda usada pelos alunos, as carteiras existentes nas salas de aula, a maneira

⁸ Segundo Araújo, J. (2000,p.29), a Senhora Raquel Elvira de Araújo foi esposa do Coronel Joel Damasceno. Após o falecimento do Coronel em 27 de abril de 1940, a referida Senhora herdou parte dos seus bens.

como a professora Olívia ensinava a ler, escrever e contar, inclusive como repreendia a indisciplina em sala de aula. Essas informações reconstituem, em parte, o perfil profissional dessa professora, permitindo-nos vislumbrar algumas de suas práticas em sala de aula.

Além de procurarmos persistentemente por ex-alunos das professoras pesquisadas, desenvolvemos pesquisas no acervo da Secretaria Municipal de Educação de Jucurutu, mais precisamente no Centro de Ensino Rural Bráulio Lopes Galvão, em funcionamento nessa secretaria.

Nesse acervo, localizamos o Decreto Municipal nº 646, de 18 de abril de 1997 (JUCURUTU/RN, 1997), a partir do qual o então prefeito municipal de Jucurutu, o Sr. Luciano de Araújo Lopes, fazendo uso das atribuições que lhe conferiam o artigo 49, inciso VII, da Lei Orgânica do município, criou a Unidade de Ensino Rural Professora Dorinha Vale (cognome pelo qual era conhecida a professora Theodora Valle). A seguinte declaração, emitida pelo Senhor Aldo Fernandes de Oliveira, diretor do referido Centro de Ensino Rural, mostra o motivo da denominação dessa unidade de ensino:

Declaro, para os devidos fins que se fizerem necessários, que a unidade de Ensino Rural Professora 'Dorinha Vale', que outrora funcionou no sítio Pocinhos, circunscrito à dimensão geográfica do município de Jucurutu, recebeu essa denominação em virtude dos relevantes serviços prestados por essa professora a esse município, bem como, a sua importância para a história educacional Jucurutuense. (OLIVEIRA, 2014).

Ao nos dirigirmos ao sítio Pocinhos, propriedade rural que pertenceu ao esposo da professora Theodora Valle, tivemos a oportunidade de conhecer a referida escola, que se encontra desativada e em estado inicial de ruinação. Ao buscarmos antigos moradores daquela localidade, conhecemos a senhora Iluminata Lopes de Araújo, uma contemporânea dessa professora, que nos informou sobre a sua iniciativa de alfabetizar crianças de famílias humildes da região, na sua própria casa. Esse depoimento enriqueceu nosso conhecimento sobre a trajetória profissional dessa professora, pois se trata de um relato sobre suas práticas educativas em um ambiente extra-escolar.

Não conseguimos coletar outros depoimentos sobre o magistério dessas professoras no período em que lecionaram em Jucurutu, devido aos motivos já expostos. Todavia, no acervo da professora Arlene Bezerra de Araújo (filha de uma ex-aluna de Olívia Pereira), localizamos cópias de uma fotografia datada do ano de 1928. Neste registro, visualizamos a

professora Olívia com sua turma de alunos da Escola Rudimentar da Vila de São Miguel de Jucurutu. O contato com este documento nos permitiu conhecer a fisionomia dessa educadora.

Entre análises fotográficas e conversas com a professora Arlene Bezerra, descobrimos que, no período em que, lecionaram no atual município de Jucurutu, as professoras sobre as quais investigávamos deslocavam-se da cidade de Caicó. Diante deste fato, dirigimo-nos a essa cidade, com o objetivo de pesquisar no acervo do Grupo Escolar Senador Guerra. Acreditávamos que, pelo fato dessa instituição educacional funcionar desde o ano de 1909, seria possível localizarmos fontes documentais relativas à atuação dessas profissionais em outras instituições seridoenses de ensino.

Na Escola Estadual Senador Guerra, atual denominação do referido Grupo Escolar, procuramos o seu diretor, o senhor Ednaldo Medeiros, e, ao informá-lo sobre o motivo da nossa visita, o mesmo não apresentou nenhuma objeção à consulta no acervo da escola. Entretanto, fomos advertidos sobre a inexistência de alguns exemplares de Livros de Ponto, de Atas e de Eventos Escolares, sobretudo os mais antigos. Apesar dessa notícia, a vontade de encontrar registros sobre a atuação das professoras Maria José do Nascimento, Olívia Pereira e Theodora Valle naquele estabelecimento educacional, era maior que qualquer obstáculo que surgisse no caminho da nossa pesquisa.

Analizamos os documentos arquivados no acervo da escola supracitada e localizamos um *Livro de Eventos do Grupo Escolar Senador Guerra (1937-1949)*. Esse documento registra a participação das professoras Olívia Pereira e Theodora Valle⁹, na organização de atividades realizadas pelo Grupo Escolar Senador Guerra, a saber: Passeios Escolares, Encerramento do ano letivo, Festa da Natureza, Festa da Bandeira, Festa da Pátria e Semana da Criança. (GRUPO ESCOLAR SENADOR GUERRA, 1937-1949). Analisando esse livro, conhecemos cada vez mais o contexto que permeou a docência dessas professoras, uma vez que, durante a realização desses eventos, era comum aos seus alunos recitarem declamações poéticas previamente por elas orientadas. Essa realidade exemplifica suas práticas educativas. Ressaltamos que não localizamos no acervo do Grupo Escolar Senador Guerra documentos que testemunhem a atuação da professora Maria José do Nascimento nessa instituição.

Entre os documentos localizados no acervo do Grupo Escolar Senador Guerra, destacamos também o *Livro de registro dos bens móveis pertencentes ao Grupo Escolar Senador Guerra (1940)*. Esse documento elenca os materiais didáticos dispostos à utilização

⁹ Apesar do mencionado livro-documento registrar a participação da professora Theodora Valle na organização de tais eventos, o mesmo não especifica o nível de ensino no qual essa professora lecionava. Portanto, não conseguimos nos aprofundar no estudo das suas práticas no Grupo Escolar Senador Guerra.

dos professores daquele estabelecimento de ensino, como: mapas de diversas tipologias, sólidos geométricos, globo terrestre e um piano. (GRUPO ESCOLAR SENADOR GUERRA, 1940). O registro sobre esses instrumentos de ensino nos permitiu refletir sobre as possibilidades didático-pedagógicas dispostas nessa instituição para utilização das professoras Theodora Valle e Olívia Pereira.

Outro acervo pesquisado na cidade de Caicó foi o Laboratório de Documentação Histórica da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, situado no Centro de Ensino Superior do Seridó. Esse acervo reúne as primeiras edições de exemplares bibliográficos que analisam a história, a cultura e a sociedade da região do Seridó. Citamos como exemplo os seguintes livros: *Famílias seridoenses*, de autoria de José Augusto Bezerra de Medeiros (1940); *Velhos costumes do meu sertão*, de autoria de Osvaldo Lamartine (1965); e *Velhas famílias do Seridó*, de autoria de Olavo de Medeiros Filho (1981). A leitura dessas obras nos permitiu compreender aspectos da formação histórica da sociedade seridoense e que refletiram o contexto em que viveram e atuaram as professoras dessa pesquisa.

Nesse acervo, localizamos também exemplares hemerográficos da imprensa caicoense, como *O Binóculo* (1916-1918), que se trata de um jornal crítico, humorístico e noticioso, fundado pelo senhor Pedro Militão e que circulou na cidade de Caicó. Esse jornal faz referência à atuação da professora Theodora Valle no município de Caicó, numa edição do ano de 1918, noticiando sua participação na elaboração de um jornal de cunho educativo intitulado *A Escola*. (VALLE SOBRINHO, 1918).

Igualmente, localizamos exemplares do *Jornal das moças* (1926-1932), um semanário editado pelas professoras Georgina Pires, Dolores Diniz e Júlia Medeiros, que circulou em Caicó e outras cidades do Rio Grande do Norte. Entre esses, destaca-se um artigo escrito pela professora Maria Leonor Cavalcanti, no dia 14 de fevereiro de 1926, cujo título é: *A cultura intelectual da mulher* (CAVALCANTI, 1926). Nesse texto, a autora mostra a importância em proporcionar a melhor educação possível às meninas e mulheres sertanejas nascidas em Caicó, mesmo que fosse necessário às suas famílias enviá-las para colégios situados na capital potiguar e nos estados vizinhos. Segundo Capelato (1994, p. 13), os jornais constituem importantes fontes de pesquisa histórica, pois,

Em cada página nos deparamos com aspectos significativos das vidas dos nossos antepassados, que permitem recuperar suas lutas, idéias, compromissos e interesses. Manancial dos mais férteis para o conhecimento do passado, a imprensa possibilita ao historiador acompanhar o percurso dos homens através dos tempos.

Durante a realização de pesquisas no Centro de Ensino Superior do Seridó, também consultamos o acervo da Biblioteca Setorial Maria Lúcia Bezerra da Costa onde localizamos trabalhos acadêmicos que se relacionam diretamente com a nossa pesquisa. Esses estudos analisam práticas de professoras primárias no Seridó potiguar durante as décadas iniciais do século XX, reconstituindo o perfil das educadoras primárias dessa região.

A Tese intitulada *Abraço de gerações: memórias de professoras primárias no Seridó – uma viagem pelo século XX* (MORAIS, G., 2004) é um estudo sobre a educação primária no Seridó norte-rio-grandense, a partir de três gerações sucessivas de professoras que lecionaram nas cidades de Caicó, Ipueira, Jardim de Piranhas, Jardim do Seridó e São João do Sabugi. Nessa pesquisa, as práticas dessas professoras primárias são reconstituídas através de suas memórias matizadas por vivências pessoais e profissionais. O estudo desse trabalho ampliou nossa compreensão sobre as dificuldades de locomoção geográfica e reduzidos materiais didáticos com que se deparavam professoras que lecionavam nos ermos sertões potiguares do início do século XX. Entretanto, apesar das adversidades, essas profissionais contribuía, ao seu modo, para o combate ao analfabetismo, transformando, muitas vezes, as suas próprias residências em salas de aula, assim como fizera a professora Theodora Valle, no sítio Pocinhos.

Outra obra localizada foi o livro *Mestres do Seridó*, organizada por Araújo et al. (2006). Nessa pesquisa, a história educacional da região do Seridó é estudada desde o período colonial, perpassando pela monarquia e alcançando o período republicano, no final do século XX. O estudo dessa obra nos fez entender aspectos do funcionamento do Grupo Escolar Senador Guerra, instituição onde lecionaram as professoras constantes nesta pesquisa.

Na busca pelos familiares das professoras Maria José do Nascimento, Olívia Pereira e Theodora Valle, localizamos o senhor José Antônio Pereira Rodrigues, filho da professora Olívia Pereira e de seu esposo, Francisco Rodrigues. O mesmo nos disponibilizou o acervo pessoal de sua mãe. Esse acervo inclui fotografias, documentos profissionais, gravações de depoimentos dessa professora em fitas VHS, uma crônica de sua autoria e uma comenda de honra ao mérito a ela oferecida pela Câmara Municipal de Caicó.

A partir do contato com o filho de Olívia Pereira, dirigimo-nos à capital norte-rio-grandense e realizamos entrevistas com o mesmo. As reminiscências do senhor José Antônio nos fizeram conhecer particularidades da atuação pedagógica de sua mãe na região do Seridó. Suas lembranças eram diversas; percebemos que havia entre o mesmo e sua genitora uma

intensa relação dialógica, o que muito contribuiria para a nossa pesquisa. A figura dessa educadora tornava-se cada vez mais visível diante do nosso olhar de pesquisadores.

Durante a realização das entrevistas, fomos informados pelo senhor José Antônio sobre a existência de uma ex-colega de trabalho e de três ex-alunos da professora Olívia Pereira, residentes na cidade de Natal e ainda lúcidos. Tratam-se, respectivamente, da senhora Guiomar Alves da Nóbrega, do senhor Carlos Pereira da Silva, da senhora Anita Brito e da senhorita Otilia Pereira. Procuramos cada um deles e realizamos entrevistas sobre aspectos profissionais dessa professora. Nessa perspectiva, destacamos que, conforme Thompson (1998), as entrevistas orais, conduzidas devidamente estreitam os laços entre o entrevistado e o pesquisador, à medida que viabilizam o acesso a documentos particulares, como fotografias, cartas e outros documentos pessoais. Destacamos aqui que também utilizamos entrevistas realizadas num período anterior à escrita dessa Dissertação. Tratam-se de depoimentos registrados no período em que ainda cursávamos a graduação em História.

Após a realização de entrevistas com o filho e com ex-alunos da professora Olívia Pereira, mantivemos contato com o senhor Otomar Lopes Cardoso Júnior, também residente na cidade de Natal. Esse senhor é neto materno da professora Theodora Valle e, juntamente à sua mãe, a senhora Déa Lopes Cardoso, nos atendeu de maneira solícita. Destacamos que, apesar da senhora Déa Lopes residir na cidade de Paris, capital da França, a mesma nos remeteu, via correspondência eletrônica, respostas às perguntas que elaboramos, previamente, num questionário sobre a formação e atuação profissional de sua genitora na região do Seridó.

O mencionado neto da professora Theodora Valle nos disponibilizou parte do acervo pessoal de sua avó, constituído por documentos profissionais, fotografias e páginas digitalizadas de um diário pessoal, escrito por essa professora. Seus manuscritos rememoram momentos da fase inicial de sua escolarização e descrevem seu percurso de professora primária no estado do Rio Grande do Norte. Esses escritos mesclam o magistério com as vivências dessa educadora, expondo suas atuações profissionais matizadas às suas memórias. Ao elencarmos esse registro de caráter autobiográfico entre os documentos que fundamentam nossa pesquisa, partimos

[...] do pressuposto de que, quando os professores falam de si e do que fazem, reconstroem saberes e fazeres educativos, mobilizando aspectos de suas idiossincrasias relevantes como fonte de interpretação da História da Educação. Ao compor e recompor suas trajetórias de vida, estão realçando valores de dimensão pessoal e cultural de matriz antropológica, alicerçando as bases de aprofundamento das discussões sobre a formação ou construindo

um discurso ordenado, rico e fortalecido sobre a mesma. Ao investigarem os métodos de ensino e as práticas pedagógicas adotadas de um modo geral em suas trajetórias, realizam uma reflexão que contribui para o enriquecimento da história da profissão, quando se tornam encorajados a sentirem-se sujeitos criadores do conhecimento e de suas performances modeladoras/marcadoras de suas identidades. (MORAIS, G., 2004, p. 11).

Na capital potiguar, também pesquisamos no acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, onde encontramos documentos como Leis, Decretos e Mensagens Governamentais relacionadas ao nosso objeto de pesquisa. Tratam-se de determinações da legislação educacional potiguar das primeiras décadas do século XX. Citamos como exemplo o Regimento Interno das Escolas Rudimentares e o Regimento Interno dos Grupos Escolares, que prescreviam, dentre outras recomendações, a fundação de escolas de nível primário, normas de conduta a serem seguidas pelos professores dessas instituições e os livros escolares recomendados. Esses documentos nos permitiram contextualizar as práticas das professoras Maria José do Nascimento, Olívia Pereira e Theodora Valle com as determinações da Diretoria Geral de Instrução Pública do Rio Grande do Norte.

Nesse acervo, consultamos os exemplares remanescentes da Revista *Pedagogium*, uma edição da Associação de Professores do Rio Grande do Norte, cujo primeiro exemplar circulou no mês de julho de 1921, sob a direção de Nestor dos Santos Lima. Essa revista expõe as concepções pedagógicas que vogavam no contexto educacional potiguar das primeiras décadas do século XX. Nos exemplares dessa revista localizamos artigos de autoria de Etevam (1925) e Freire (1927), que, respectivamente, escreveram sobre os Passeios Escolares e as Lições de Coisas, praticas recorrentemente utilizadas pelas professoras aqui estudadas.

Outro informativo de cunho pedagógico localizado no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte foi a *Revista de Ensino* (1917), cujo primeiro exemplar circulou no Rio Grande do Norte sob a direção do professor Luiz Correia Soares de Araújo. Nesse periódico educativo, analisamos outro artigo que aborda o ensino das *Lições de Coisas* (VASCONCELOS JÚNIOR, 1917). Ao estudarmos esses textos, percebemos a importância das Lições de Coisas para o ensino da leitura e da escrita, o que nos permitiu reconstituir em parte, as práticas educativas das professoras em análise.

Dialogamos também com os exemplares remanescentes do Jornal *A República*. Nesse documento localizamos artigos escritos numa coluna assinada pelo professor Nestor

dos Santos Lima, intitulada *Pedagogia*. Nos seus textos, esse educador socializava metodologias pedagógicas apropriadas para o ensino de disciplinas como Lições de Coisas, Caligrafia, Leitura e Escrita.(LIMA, 1911a; 1911b; 1911c). Tais disciplinas eram amplamente difundidas nas escolas primárias do Rio Grande do Norte, nas primeiras décadas do século XX.

Segundo Lopes e Galvão (2001, p. 87), numa pesquisa de caráter histórico-educacional, nós historiadores da educação podemos recorrer aos jornais e revistas pedagógicas como fontes de pesquisa, pois,

Utilizados há mais tempo, e gozando de maior prestígio na pesquisa historiográfica, estão os jornais e as revistas. Os historiadores da educação têm se voltado. Sobretudo, para os impressos que, pertencendo a esses gêneros, circulavam especificamente junto a um público escolar. Pesquisas que abordam a imprensa pedagógica (como fonte e/ou como objeto) e jornais produzidos por alunos, por exemplo, têm se tornado cada vez mais frequentes.

No Campus Central da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, dirigimos consultas ao banco de dados do Grupo de Pesquisa História da Educação Literatura e Gênero, coordenado pela professora Maria Arisnete Câmara de Moraes. Nesse acervo, selecionamos livros, Teses, Dissertações e trabalhos de Iniciação Científica produzidas por esse grupo, cujos estudos analisam a participação de educadoras primárias na história educacional do Rio Grande do Norte.

Dentre os livros de autoria da professora Maria Arisnete Câmara, destacamos *Isabel Gondim uma nobre figura de mulher* (MORAIS, M., 2003) que, estuda a produção intelectual e a dedicação ao magistério da escritora potiguar Isabel Urbana de Albuquerque Gondim, uma das mais antigas professoras primárias do Rio Grande do Norte. Do mesmo modo, citamos o livro *Chicuta Nolasco Fernandes, intelectual de Mérito* (MORAIS, M., 2006), que analisa as contribuições dessa professora para a história da educação potiguar. Essa obra evidencia aspectos como a infância, a formação intelectual e a atuação profissional dessa educadora seridoense, nascida na zona rural do atual município de Jardim de Piranhas-RN.

As concepções educativas de Chicuta Nolasco Fernandes foram publicadas em artigos dos jornais *A República* (entre 1948 e 1950) e *A Ordem* (entre 1947 e 1951) e no livro *Menina feia e amarelinha* (1973). A trajetória profissional dessa educadora exemplifica o prestígio intelectual e o reconhecimento social que mulheres oriundas do sertão potiguar

conquistaram através da dedicação ao magistério público no Estado do Rio Grande do Norte. (MORAIS, M., 2006). Embora não tenham obtido a mesma visibilidade que Chicuta Nolasco, as professoras Olívia Pereira e Theodora Valle também lecionaram em instituições educativas da capital potiguar. Citamos como exemplo o Grupo Escolar Áurea Barros e a Escola Regimental do 16º Batalhão de Infantaria.

A Tese de Doutorado de Morais, M. (1996), intitulada *Leituras femininas no século XIX (1850-1900)*, analisa a inserção feminina em espaços sociais diferentes do ambiente doméstico, na transição do século XIX para o Século XX. Essa conquista é configurada na literatura brasileira, principalmente nos primeiros jornais femininos que surgem no país na segunda metade do século XIX, onde as mulheres passaram a publicar timidamente seus anseios e perspectivas sociais. Na temporalidade circunscrita por essa pesquisa, o Brasil vive as efervescências sócio-políticas da transição do governo imperial para o republicano. Diante desse pano de fundo, o público feminino ensaiou conquistas como o direito à profissionalização, incorporando espaços como as salas de aula, onde atuaram como educadoras.

A Tese de Doutorado de Pinheiro (2009), cujo título é *Mãe-esposa e professora: educadoras no final do século XIX*, analisa os anseios da educação feminina nas primeiras décadas do Brasil republicano, contextualizando-a com o estado do Rio Grande do Norte. Nessa pesquisa, as exigências sociais, educacionais e morais, impostas às mulheres que viveram nesse período, são configuradas nas relações de gênero tramadas por mulheres que viveram na capital potiguar entre os anos de 1889 e 1914. Essa obra nos permite reconstituir, em parte, os papéis sociais desempenhados pelas mulheres norte-rio-grandenses no início do século XX.

A pesquisa intitulada *Josefa Botelho e sua prática pedagógica nos Grupos Escolares durante o período de 1908 a 1930*, de autoria de Morais, M. e Silva, I. (2008), analisa a prática educativa da professora Josefa Botelho no Rio Grande do Norte, durante o período de 1908 a 1930. Nesse trabalho, as autoras analisam sua condição na sociedade, seja no espaço público ou privado. O trabalho também expõe a contribuição dessa educadora para a difusão de práticas de ensino que contribuíram para a construção de uma sociedade letrada do Rio Grande do Norte.

Todos esses registros constituem o principal *corpus* documental da nossa pesquisa. Documentos como estes são, para o historiador, não a comprovação do que realmente aconteceu, mas os fragmentos de uma memória histórica que poderá reconstituir a trajetória

percorrida pela expansão do ensino primário no Seridó potiguar, durante as décadas iniciais do século XX.

Assim como Jacques Le Goff (1994, p. 245), entendemos que um documento é “[...] o resultado inconsciente da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continua a ser manipulada”. O entendimento do documento nesta perspectiva metodológica constitui o resultado de diversas produções, resultando em monumentos que possibilitam perceber as transformações educativas frente à atuação de educadoras no território seridoense. Nossa tarefa, portanto, foi, selecionar, isolar, organizar, enfim, transformar esses documentos em monumentos, como propõe Jacques Le Goff (1994), para, em seguida, analisá-los em um itinerário narrativo, pois, conforme afirma Michel de Certeau (2002, p. 81),

[...] em história, tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em ‘documentos’ certos objetos distribuídos de outra maneira. Esta nova distribuição cultural é o primeiro trabalho. Na realidade, ela consiste em produzir tais documentos, pelo simples fato de recopiar, transcrever ou fotografar estes objetos mudando ao mesmo tempo o seu lugar e o seu estatuto.

A partir desse procedimento metodológico, atribuímos valor histórico a objetos como fotografias, textos autobiográficos, manuscritos, fragmentos de jornais e revistas e depoimentos orais. Estes objetos ganham sua importância ao serem contextualizados com os documentos oriundos dos arquivos institucionais e referências bibliográficas de autores que analisam a história da educação brasileira e norte-rio-grandense. Com essa tarefa, tentamos reconstituir a formação educacional/profissional de Maria José do Nascimento, Olívia Pereira e Theodora Valle, seus percursos pelo território norte-rio-grandense e principalmente, as suas práticas educativas. Os documentos aqui estudados nos permitiram construir uma narrativa acerca dos procedimentos de ensino de matérias como Leitura, Escrita, e Cálculo, recorrentemente ministradas por essas professoras.

3 QUEM FORAM ESSAS EDUCADORAS?

Durante a realização dessa pesquisa, verificamos que a trajetória profissional das educadoras Maria José do Nascimento, Olívia Pereira e Theodora Valle, representou o desempenho de novos papéis sociais protagonizados por mulheres do Seridó norte-riograndense. Essas mulheres caracterizam um grupo que gradativamente deixa a casa paterna, de onde comumente só saíam após o matrimônio, e migra para capital potiguar em busca de uma profissionalização através do magistério ou desde jovens (como ocorrera com Theodora Valle), dedicam-se a instrução pública em lugares diferentes da terra natal. Acerca desse contexto Cavalcanti (1926, p.2) mencionava a realidade das mulheres caicoenses atestando que

É um problema assaz importante o da cultura intelectual da mulher, mormente da mulher sertaneja. Caicó, evoluindo, caminhando a passos de gigante, no domínio das letras, dá-nos uma idéia do período histórico. Há uns dez anos atrás, quando havia grande dificuldade em transporte, quando ir à Natal ou ao Recife, se nos afigurava ir ao Rio de Janeiro ou a Europa, custosa se tornava a educação para a mulher caicoense. Mais tarde porém, vence-se a primeira necessidade, inauguram-se estradas de rodagem. Torna-se mais fácil a educação [...].

Nesse sentido, mostramos em nosso estudo que ao se deslocarem para a capital potiguar em busca de uma formação pedagógica, ou atuarem em outras vilas e cidades distantes da casa paterna, essas profissionais configuravam uma mudança vivenciada pela sociedade seridoense durante a transição do século XIX para o XX, haja vista que costumeiramente as mulheres dessa região nesse período

[...] raramente se mostravam às pessoas estranhas e em casa vestiam vestidos de chita, sem casacos, exibindo camisas muito alvas e enfeitadas de belas rendas de almofada. Nas solenidades religiosas [...]. As mulheres trajavam vestidos de seda e xales custosos que eram trazidos da ‘praça’, Recife, enfeitavam-se de jóias, sendo rara a que não trazia, ao pescoço, um pesado crucifixo de ouro, preso a um trancelim do mesmo metal. (LAMARTINE, 1965, p. 29).

O Perfil descrito por Lamartine (1965) retrata as antigas seridoenses de maneira recatada e religiosa, reclusas ao ambiente doméstico, salvo quando participavam das solenidades religiosas católicas. Esse comportamento resulta historicamente da sociedade

patriarcal que predominou no processo de povoamento do sertão potiguar¹⁰. Entretanto, com o avanço gradativo do tempo rumo ao século XX, novos comportamentos femininos, são inseridos nesse contexto. Essa mudança, reflete o âmbito cultural brasileiro daquela época, pois,

Se na primeira metade do século XIX a mulher quase não saía de casa, a não ser para ir à missa; se sua existência transcorria, quase sempre, na casa paterna e, por extensão, na casa do marido; na marcha gradativa do tempo, esses costumes modificam-se na segunda metade do século XIX. (MORAIS, M., 2002, p. 59).

Essa realidade mostra a conquista de novos espaços sociais que as mulheres brasileiras alcançaram fora do ambiente doméstico, conquista essa, representada pelo acesso a educação escolarizada e o exercício de uma profissão como, por exemplo, de educadora. No sertão potiguar as professoras dessa pesquisa viveram essa realidade. Esse fato materializava um discurso apregoado por intelectuais brasileiros que desde as últimas décadas do século XIX, defendiam a idéia de que

[...] as mulheres tinham ‘por natureza’, uma inclinação para o trato com as crianças, que elas eram as primeiras e ‘naturais educadoras’, portanto nada mais adequado que lhes confiar a educação escolar dos pequenos. Se o destino primordial da mulher era a maternidade, bastaria pensar que o magistério representava, de certa forma, ‘a extensão da maternidade’, cada aluno ou aluna vistos como um filho ou uma filha ‘espiritual’. (LOURO, 2004, p. 450).

A presença das professoras Maria José do Nascimento, Olívia Pereira e Theodora Valle é notada nos registros que legaram aos acervos das instituições educacionais seridoenses onde lecionaram, bem como, na memória de ex-alunos e colegas de profissão. Igualmente, são mencionadas em obras literárias de autores que escrevem sobre a História, a Cultura e a Sociedade dessa região.

O livro *A invenção de Caicó* (CIRNE, 2004) evidencia aspectos históricos e culturais dessa cidade. No tocante à história educacional caicoense, destaca a atuação da professora Olívia Pereira. No livro *Caicó: subsídios para a história completa do Município*

¹⁰ Segundo Medeiros, J. (1940) o povoamento da Região do Seridó deve-se aos “[...] fundadores das grandes famílias que ainda hoje ocupam, a título quase exclusivo, o território banhado pelo Rio Seridó e seus afluentes, na hora presente abrangendo oito circunscrições municipais – Caicó, Acará, Jardim do Seridó, Serra Negra, Currais Novos, Florânia, Parelhas, Jucurutu, a primeira das quais o Caicó, compreendendo então todas as outras, teve a sua autonomia oficial em 31 de junho de 1788”.

(MONTEIRO, 1944), consta uma lista com os nomes dos professores que lecionaram na instrução primária desse município, durante o período imperial e em épocas sucessivas. Dentre os professores mencionados, está Olívia Pereira, que, segundo essa obra, tomou posse do cargo de professora no Grupo Escolar Senador Guerra, no dia 01 de fevereiro de 1930. Essa professora é ainda lembrada por uma ex-aluna no livro intitulado *Sem cursos e com poucos recursos* (AZAMBUJA, 2013). Segundo essa obra, Olívia Pereira lecionava no 2º ano do ensino infantil do Grupo Escolar Senador Guerra.

O livro *Orações/Devoções de Dorinha Vale Lopes* (LOPES, 1998) trata-se de uma coletânea de orações católicas escritas e apreciadas pela professora Theodora Valle, que foram publicadas postumamente, por iniciativa de sua filha Déa Lopes Cardoso. Entre os textos que compõem essa obra, consta o poema intitulado *Ave Maria* (BILAC, 1929). Esse documento mostra, em parte, as preferências literárias dessa professora.

O livro *Breve Genealogia da Família Vale* (MEDEIROS, J., 2009) expõe traços biográficos de descendentes dessa família oriunda de Portugal e estabelecida na região do Seridó desde o século XIX, entre esses a professora Theodora Valle. Essa obra mostra parte de sua trajetória profissional no sertão potiguar, menciona as cidades e vilas seridoenses, bem como as respectivas datas nas quais lecionou. Destacamos que na galeria de imagens desse livro consta uma fotografia dessa professora, o que nos permitiu conhecer a sua fisionomia.

A partir do conhecimento sobre as atuais cidades seridoenses onde lecionou a professora Theodora Valle, a saber: São Fernando, Jardim de Piranhas, Ouro Branco, Jucurutu e Caicó, buscamos documentos que mostrassem sua presença nesses lugares. Percorremos instituições como: prefeituras, secretarias municipais de educação e as mais antigas escolas da rede estadual de ensino. Entretanto, foi somente nos municípios de Jucurutu e de Caicó onde localizamos documentos relativos à sua atuação.

Exemplificando os referidos trabalhos acadêmicos que mencionam a atuação dessas profissionais, citamos a Dissertação cujo título é *Jornal das Moças (1926-1932): Educadoras em manchete* (ROCHA NETO, 2002). Nesta obra, o autor faz referência à professora Theodora Valle, ao expor sua participação num jornal manuscrito denominado *A Escola*. Este jornal circulou no município de Caicó, no ano de 1918, e tratava-se de um informativo de cunho educacional, comprometido com a educação das crianças da cidade.

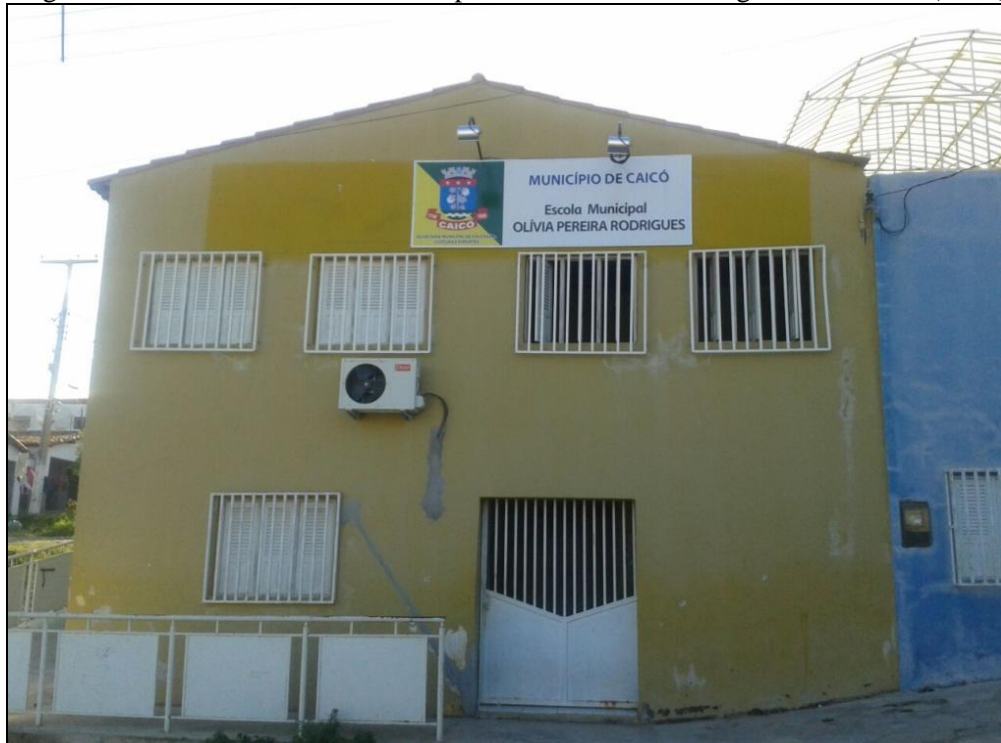
Na Tese intitulada *A educação da mulher norte-rio-grandense segundo Júlia Medeiros* (ROCHA NETO, 2005), existem referências sobre a trajetória profissional de Olívia Pereira, quando fora colega da professora Júlia Medeiros na Escola Normal de Natal. Ao

produzir este trabalho, o referido autor entrevistou a professora Olívia, que, apesar da idade avançada, narrou-lhe aspectos cotidianos vivenciados pelas jovens seridoenses que, assim como ela e Júlia Medeiros, buscaram a formação docente na capital do estado.

Ressaltamos que, apesar de uma persistente pesquisa em acervos como: bibliotecas públicas e particulares da Região do Seridó, bem como em livrarias e sebos existentes nas cidades seridoenses, não localizamos nenhuma referência bibliográfica sobre a professora Maria José do Nascimento, tampouco ex-alunos ou ex-colegas de trabalho que nos relatassem sobre seu perfil profissional. Entretanto, conforme já foi registrado, em fontes oficiais provenientes do Grupo Escolar Antonio Batista, localizamos documentos relativos às suas práticas educativas.

Essas professoras (aqui nos referimos a Olívia Pereira e Theodora Valle) nomeiam escolas de ensino primário da Região do Seridó. A Lei nº 3.876, de 25 de maio de 2001 (CAICÓ/RN, 2001a), aprovada e sancionada pela Câmara Municipal de Caicó, durante a gestão do prefeito Roberto Medeiros Germano, dispôs sobre a denominação da Escola Municipal Olívia Pereira Rodrigues, situada no Bairro Paulo VI, Rua Padre Inácio Gonçalves de Melo, nº 40. A foto a seguir mostra a fachada dessa instituição:

Imagem 5 – Fachada da Escola Municipal Olívia Pereira Rodrigues, Caicó/RN (2015).



Fonte: Acervo de Nanael Simão.

Do mesmo modo, o Decreto nº 646, de 18 de abril de 1997 (JUCURUTU/RN, 1997), sancionado pelo então prefeito municipal de Jucurutu, o Sr. Luciano Araújo Lopes, dispôs sobre a criação da Unidade de Ensino Rural Dorinha Vale, situada no sítio Pocinhos. Atualmente, essa escola encontra-se desativada e em fase inicial de arruinamento, conforme observamos na imagem abaixo:

Imagem 6 – Fachada da Unidade de Ensino Rural Professora Dorinha Vale – Sítio Pocinhos, Jucurutu/RN (2014).



Fonte: Acervo de Nanael Simão.

No município de Jucurutu, existe também uma rua denominada professora Dorinha Vale, situada no Bairro Santa Izabel, cujo registro consta no Arquivo do Imposto Predial e Territorial Urbano da Prefeitura Municipal de Jucurutu/RN (JUCURUTU/RN, 2014). A imagem abaixo mostra a localização dessa via pública.

Imagem 7 – Rua Professora Dorinha Vale, Jucurutu (2015).



Fonte: Acervo de Nanael Simão.

Em reconhecimento aos relevantes serviços prestados pela professora Olívia Pereira à cidade de Caicó, a Câmara Municipal, através do Decreto Legislativo nº 025/01 (CAICÓ/RN, 2001b), outorgou-lhe a comenda *Vila do Príncipe*. Esta é a mais alta honraria concedida por essa edilidade às pessoas de relevo na sociedade local. Os registros escritos constantes na imagem a seguir evidenciam esse fato.

Imagem 8 – Comenda Vila do Príncipe (2001).



Fonte: Acervo particular de Nanael Simão.

As professoras Olívia Pereira e Theodora Valle foram também mencionadas em matérias de jornais que circularam no Rio Grande do Norte. Esses textos mostram suas trajetórias de vida e colaborações para a história da educação na Região do Seridó. As imagens a seguir mostram fragmentos desses exemplares hemerográficos existentes nos seus acervos pessoais.

Imagem 9 – Reportagem sobre a professora Theodora Valle (1978).

FIGURAS DO SERIDO

— “Vendo as embarcações e as pontes do Rio Sena, a placidez do Danúbio Azul, lembrava-me com saudade do Rio Seridó lá no nosso Rio Grande do Norte, rio também com muita largura, cheio de cachoeiras e camaleões. Só tinha água assim com abundância no tempo do inverno”. Do seu diário de viagem”.

Quem escrevia assim, deixando a razão se dominar pelo que lhe ditava o sentimento, só podia ser alguém que amasse muito a sua terra. Uma seridoense por convicção e não somente pelo fato de ter nascido ali. Uma pessoa que afirmava sempre achar o Arco da Igreja de Santana em Caicó mais bonito do que o Arco do Triunfo de Etoile em Paris. Um sentimento de amor à terra sem meio termo, definitivo.

— “Aqui em Caicó sou principalmente tratada. Não posso nem distinguir quem mais alegre me recebe, desde criança de dois anos, até os anciões de 80 anos”.

Quem escrevia assim, com carinho e entusiasmo era D. Teodora Vale, ou D. Dorinha, que nasceu em 1901 em Caicó, ensinou praticamente à metade da cidade e faleceu neste 1º de



D. Dorinha numa foto feita há 12 anos, aparecendo com um dos seus netos, filho de Otomar Lopes Cardoso e Déa.

junho em Natal pedindo a Deus para, se voltasse a ter saúde poder viajar mais uma vez para participar da Festa de Santana, que se aproxima.

Era mais uma vez a devoção à Santa do Seridó entre as suas prioridades. Sua vida foi marcada por um sentimento de humildade e religiosidade profundos, em que um longo caminho foi percorrido com perseverança, desde os quinze anos de idade, quando recebeu a fita de Filha de Maria, até a idade já avançada com que ainda se dispôs a atravessar o Atlântico para ir encontrar seus filhos Déa e Otomar e netos que estavam na Europa. La teve oportunidade de conhecer lugares sagrados como a Basílica de N. S. de Fátima (Cova da Iria, Portugal), Basílica de Santa Terezinha (Lisieux, França), a capela onde Nossa Senhora apareceu a Santa Catarina de Laboré (Paris), a Igreja de Santo Antônio (Pádua, Itália), e a Praça de São Pedro, no Vaticano, onde ouviu a saudação da Páscoa do Santo Padre e recebeu a sua bênção: “Foi muito emocionante vermos a grande multidão de peregrinos de todos os países do mundo, vivendo a mesma fé”.

Assim foi sempre: Franciscana da Ordem Terceira, em 1947, pertencente ao Apostolado da Oração em Caicó (Secretária e Tesoureira), sócia da Obra Pontifícia da Propagação da Fé, Secretária da Ação Católica, e fazia parte de diversas irmandades em Caicó - das Almas, Santana e N. S. do Carmo, sendo também terceira isolada. E para, ela isso era o mais importante: estivesse em Caicó, Natal, Brasília ou na Europa; como professora, esposa, mãe, viúva, e sobretudo avó (por parecer avó de todos nós) soube sempre levar sua lição de paz, humilde e fé.

Hoje, ela estaria se preparando para a Festa de Santana em Caicó. Ou, quem sabe, ela está mesmo, repetindo o que escrevera na sua caderneta de anotações: “De tudo parece que hoje tenho saudades, porém sinto-me feliz por achar-me no meu torrão, onde entendo a todos e todos me conhecem” (Rejane Cardoso Serejo)

Imagem 10 – Reportagem sobre a professora Olívia Pereira (MERCÊS, 2009).

Dona Olívia mais de um século de histórias

NATURAL DE CAICÓ, AOS 105 ANOS ELA É MÃE, AVÓ, BISAVÓ, PROFESSORA E DEDICADA ÀS EXPRESSÕES ARTÍSTICAS E CULTURAIS

Elina Mercês
Escritora

As datas comemorativas são momentos que aproveitamos para homenagear aqueles que convivem conosco diariamente, além de ser uma oportunidade para valorizarmos a história de vida de cada uma dessas pessoas. No Dia das Mães, celebrado neste domingo, o procurador do Estado José Antônio Pereira Rodrigues relembra a trajetória de sua mãe, dona Olívia Pereira Rodrigues, que completou 105 anos no dia 6 de maio, lúcida e emocionada pela saudade de um tempo que traz na lembrança.

Com mais de um século de histórias para contar, Olívia Rodrigues teve seis filhos, dez netos e seis bisnetos, sempre dividindo seu tempo entre a família e a profissão de professora. Natural de Caicó, ela foi diplomada na turma de 1928 pela Escola Normal de Natal. NO mesmo ano foi nomeada para reger a Escola Ruridimemar Mixta de São Miguel de Itacumã. Em 1931, assumiu a cadeira "mixta" do Grupo Escolar Senador Guerra de Caicó. "Mamãe nunca limitou sua atividade pedagógica ao processo de alfabetização dos alunos, uma vez que sempre demonstrou preocupação com a formação artístico-musical dos estudantes e de pessoas estranhas à escola", revelou José Antônio Rodrigues.

O filho de dona Olívia lembra que depois que ela voltou para Caicó, ela procurou o professor Manoel Fernandes com o objetivo de incentivá-la a fundar uma escola de música. "Ela era considerada músico de gram-



Foto do grupo da escola de música do professor Manoel Fernandes, tirada em 28 de outubro de 1930, por Zé Elino, em Caicó



da. Logo o grupo de interessados cresceu e as atividades começaram com um grupo formado por 18 alunos", disse.

Ao olhar para as fotos da época, dona Olívia se emociona. Com os olhos marejados, ela deixa que todos vejam o sentimento de saudade de suas lembranças nostálgicas dos momentos registrados nas fotografias. "Mamãe conta se sensibilizou com a situação do professor Fernandes, pois mesmo com tanto preparo profissional vivia apertado. E como ela sempre teve uma visão empreendedora, especialmente para sua época, ela diz que achava que ele poderia fazer de

mentou José Antônio.

A ousadia daquela mulher interiorana nascida no ano de 1904 não parou por ali. Ao lado da colega Guiomar Nóbrega, começou a realizar festas na cidade com o objetivo de angariar fundos para a compra do primeiro piano de Caicó, em Recife. E assim aconteceu. Penúltima dos doze filhos do casal José Antônio Pereira e Ubaldina de Medeiros Pereira, dona Olívia é de um tempo em que a cidade era iluminada pelos lampiões de Cipo da Uzina e ainda não tinha recebido o calçamento da pedreira de Zé Bezouro.

Em sua trajetória de mais de 30

para Natal, ela foi aluna do professor Francisco Ivo Cavalcanti, considerado um dos mestres mais importantes na redefinição dos rumos da educação potiguar. Mamãe foi contemporânea de Dinarte Mariz, que mais tarde se tornaria Senador da República. Além disso, foi professora do vice-governador Iherê Ferreira de Souza e do senador João Faustino Ferreira Neto, depois de sua mudança para Natal, em 1947, no Externato São Luiz", enfatizou o filho de dona Olívia.

O procurador do Estado, José Antônio Rodrigues, observou que sua mãe é uma testemunha viva de dois séculos. "Quão longa é sua vida,

Fonte: Acervo da família de Olívia Pereira.

3.1 Maria José do Nascimento, professora de ingentes esforços e munida dos melhores métodos cívicos

Conforme consta na Relação dos professores diplomados pela Escola Normal de Natal no ano de 1925, a professora Maria José do Nascimento era filha do senhor Miguel Januário do Nascimento e foi diplomada pela Escola Normal de Natal no ano de 1925 aos 21 anos de idade (RIO GRANDE DO NORTE, 1934, p. 10). Essas informações podem ser visualizadas no documento abaixo

Imagem 11 – Relação dos alunos diplomados pela Escola Normal de Natal em 1925.

		1 9 2 5		
1	Etelvina Emerenciano	18	anos	Montano Emerenciano
2	Carmen da Cunha Fernandes	17	"	Carlos B. de Araujo Fernandes
3	Anna Brandão	17	"	Epaminondas Brandão
4	Dario de Andrade Filho	18	"	Dario J. de Andrade
5	Maria Fernandes	18	"	Carlos B. de Araujo Fernandes
6	Ezilda Elita da Silva	21	"	Joaquim Ferreira da Silva
7	Lindalva Taveira	18	"	Antonio Alves Taveira
8	Beatriz Myrthes de Araujo	20	"	Manoel Ubaldo da S. Netto
9	Jeanna Sampaio	18	"	Manoel Alexandre Leite
10	Helena Bezerra de Mello	19	"	João Bezerra de Mello
11	Josepha Lopes de Oliveira	20	"	João Lopes de Oliveira
12	Laura Saraiva de Moura	17	"	João Saraiva de Moura
13	<u>Maria Jose de Nascimento</u>	21	"	Miguel Januarie de Nascimento
14	Miguel Monteiro	22	"	Felippe C. Monteiro

Fonte: Rio Grande do Norte (1934).

Ao concluir o Curso Normal, essa professora esteve habilitada para lecionar em qualquer uma das instituições primárias em funcionamento no Rio Grande do Norte. O estado só reconhecia “[...] para o aproveitamento efetivo no magistério público, os professores diplomados pela Escola Normal do Rio G. do Norte, externato dirigido por pessoa de livre nomeação do governador, dentre os professores ou dentre os profissionais estranhos ao mesmo estabelecimento”. (RIO GRANDE DO NORTE, 1917, p. 11).

Maria José do Nascimento lecionou durante o ano letivo de 1927, na Escola Rudimentar da Vila de São Miguel de Jucurutu. Segundo Cascudo (1968), a Vila de São Miguel de Jucurutu originou o atual município de Jucurutu/RN, emancipado politicamente no ano de 1935 pelo Interventor Federal Mário Câmara. Essa Vila era “[...] uma das mais importantes povoações do município¹¹, a população é independente e mais ou menos abastada. Fabrica a borracha de Maniçoba em grande quantidade e a criação do gado é aí mais densa que em qualquer outra parte do município.” (CASCUDO, 1968, p. 199, grifo nosso).

A imagem a seguir mostra a configuração arquitetônica do centro histórico da Vila de São Miguel de Jucurutu. Nela visualizamos a Igreja Matriz de São Sebastião, bem como as residências das famílias abastadas do lugar, que, no referido registro, reuniram-se para festejar o padroeiro daquela comunidade, durante a procissão de encerramento da festa de São Sebastião.

¹¹ Trata-se do município de Caicó/RN ao qual essa povoação pertencia.

Imagem 12 – Procissão de São Sebastião no Centro Histórico da Vila de São Miguel de Jucurutu (1928).



Fonte: Acervo de Nanael Simão.

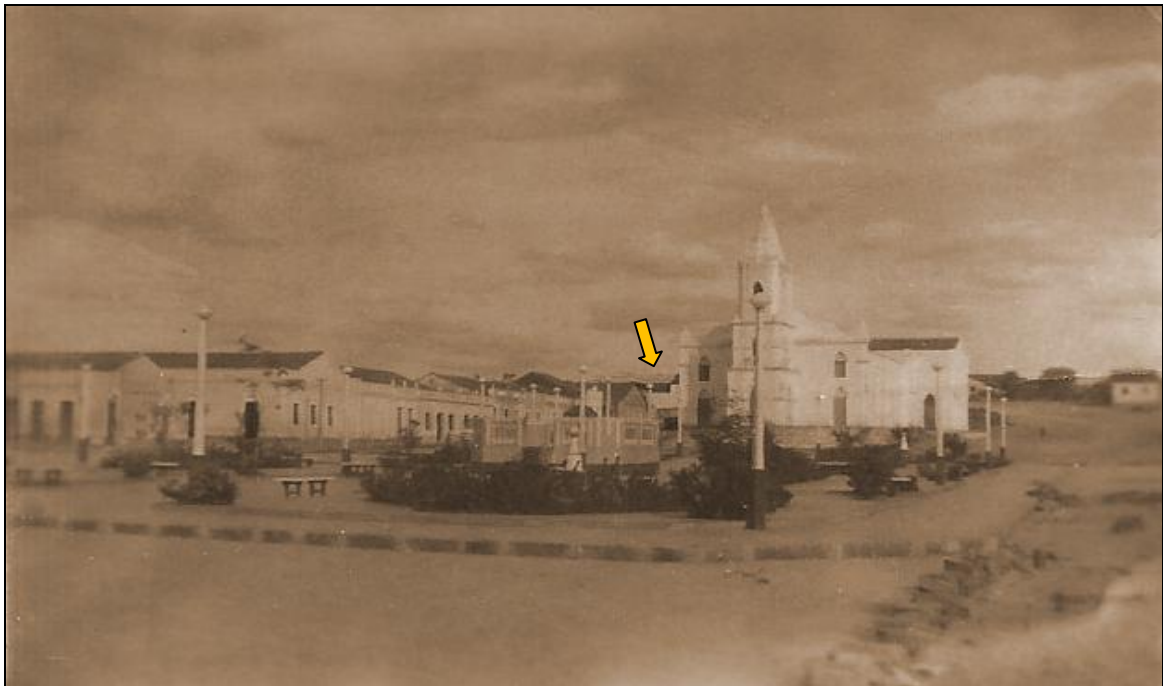
A Escola Rudimentar dessa Vila foi instalada no ano de 1922, durante o governo de Antonio José de Mello e Souza, quando “foram criadas 22 escolas rudimentares nas seguintes povoações: Campestre e S. Bento, no município de Nova Cruz, Jardim de Piranhas e S. Miguel de Jucurutu, no de Caicó [...]” (RIO GRANDE DO NORTE, 1922, p. 14).

A única fotografia que localizamos dessa escola é datada do ano de 1935 (imagem 13); nela, consta, entre outras residências do centro histórico de Jucurutu, a fachada de uma antiga casa pertencente ao Coronel Joel Damasceno¹². Conforme já informamos no Capítulo II, esse imóvel que compreende a atual residência paroquial serviu de sede para a referida Escola Rudimentar¹³.

¹² “Foi o primeiro administrador de Caicó a receber a denominação de Prefeito Municipal, de 1921 a 1928” (ARAÚJO, J., 2000, p. 29).

¹³ Essa situação fundamentava-se nas determinações do Regimento Interno das Escolas Rudimentares do Rio Grande do Norte. “Os Governos municipais, associações ou particulares, que forem interessados pela escola, darão a casa, com o respectivo material escolar e pedagógico, fornecerão o material de expediente e se encarregarão do asseio e conservação do prédio (RIO GRANDE DO NORTE, 1925b, p. 7).

Imagem 13 – Localização da Escola Rudimentar da Vila de São Miguel de Jucurutu (1935).



Fonte: Acervo de Nanael Simão.

Ao tomar posse do cargo de professora na Escola Rudimentar da Vila de São Miguel de Jucurutu, Maria José do Nascimento enviou um ofício ao Departamento Estadual de Educação, comunicando o ocorrido. Nesse documento, ela informa o seguinte:

Ilmo. Sr. Diretor Geral do Departamento de Educação. Tenho a honra de comunicar a V.Sa. que no dia 5 de Fevereiro, a professora Maria José do Nascimento assumiu o exercício da cadeira rudimentar mista, para a qual foi nomeada por ato de 31 de Janeiro de 1927. Saudações. A professora Maria José do Nascimento. (ESCOLA RUDIMENAR DA VILA DE SÃO MIGUEL DE JUCURUTU, 1927-1932, p. 2).

No tocante à atuação profissional da professora Maria José do Nascimento, no Seridó potiguar, extraímos do *Livro de Atas da Escola Rudimentar da Vila de São Miguel de Jucurutu (1927-1932)* o seguinte relato:

Aos trinta e um dias do mês de maio do ano de 1927, visitei esta Escola Rudimentar Mista, regida pela inteligente **professora D^a Maria José do Nascimento que, cheia de ingentes esforços e munida dos melhores métodos cívicos, sabe conduzir os seus alunos ao mais alto grau de desenvolvimento.** Formulo junto a este os meus parabéns, adjunto-lhe áureas felicidades e as mais prepotentes glórias. São Miguel de Jucurutú, 31 de maio de 1927. Álvaro da Costa Lopes. (ESCOLA RUDIMENTAR DA VILA DE SÃO MIGUEL DE JUCURUTU, 1927-1932, p. 35, grifo nosso).

O depoimento acima registrado pelo Inspetor de Ensino Álvaro da Costa Lopes demonstra a capacidade pedagógica e o empenho dessa professora, ao exercer suas funções na referida Escola Rudimentar. Esse relato demonstra que, apesar de sua curta permanência nessa instituição, Maria José do Nascimento foi uma profissional comprometida com a instrução dos seus alunos.

3.2 Olívia Pereira, mestra de práticas artísticas e literárias

O dia 06 de maio de 1904 testemunhou o nascimento da professora Olívia Pereira, a penúltima dos doze filhos gerados pelo casal José Antônio Pereira e Ubaldina de Medeiros Pereira. Olívia nasceu na fazenda Pai Bastião, situada no município de Caicó/RN. “Olívia Pereira foi alfabetizada na fazenda dos seus pais, aprendeu as primeiras letras com sua tia paterna, a senhora Severina Pereira de Brito, uma mestra-escola que, anos depois, lecionou na Escola Paroquial de Caicó.” (RODRIGUES, J., 2013).

Após sua alfabetização, Olívia Pereira transferiu-se para a cidade de Caicó, onde passou a residir numa casa pertencente a seus pais¹⁴, situada na Rua Amaro Cavalcanti. Foi matriculada no Grupo Escolar Senador Guerra, criado pelo Decreto nº 189, de 16 de fevereiro de 1909 (RIO GRANDE DO NORTE, 1909, p. 40). Nessa época, esse estabelecimento de ensino “[...] funcionava em três dependências da prefeitura de Caicó, cedidas pelo prefeito Joaquim Martiniano Pereira. Ali, funcionou por 16 anos (de 1909 a 1925) [...]” (MORAIS, G., 2006, p. 31).

Neste Grupo Escolar, Olívia Pereira foi aluna da professora Josefa Botelho¹⁵ e contemporânea do futuro Senador da República brasileira, Dinarte de Medeiros Mariz. Essas informações constam numa crônica escrita e proferida por esta professora na Escola Doméstica de Natal, durante a realização de uma homenagem aos 80 anos do aniversário natalício deste político. Num dos trechos dessa crônica, a professora Olívia referiu-se a esse momento da sua vida com as seguintes palavras: “Naquela época, eu era aluna da Professora Josefa Botelho, Dinarte era aluno do professor Pedro Gurgel. Mais tarde, enquanto eu ia cursar a Escola Normal em Natal, Dinarte movimentava-se em sua incipiente carreira

¹⁴ Essa informação consta numa crônica escrita e proferida pelo filho de Olívia Pereira em homenagem aos 105 anos natalícios de sua mãe (RODRIGUES, J., 2009, p. 2).

¹⁵ A professora Josefa Botelho foi diplomada na primeira turma da Escola Normal de Natal, em 1910. Suas práticas educativas são investigadas pelo Grupo de Pesquisa História da Educação, Literatura e Gênero, através do Projeto de Pesquisa *História da Leitura e da Escrita no Rio Grande do Norte (1910-1980)* (MORAIS, M., 2014).

política.” (RODRIGUES, O., 1983, p. 1). A fotografia abaixo nos foi cedida pelo senhor José Antônio Pereira (filho de Olívia Pereira) e registra esse fato; nela, observamos a professora Olívia homenageando o seu contemporâneo escolar, por meio do referido discurso, cujo trecho foi supratranscrito.

Imagem 14 – Homenagem realizada na Escola Doméstica de Natal, aos 80 anos natalícios do Senador Dinarte Mariz (1983).



Sentados ao centro da esquerda para a direita: Diva Wanderley Mariz (esposa do homenageado), Dinarte Mariz, Noilde Ramalho (diretora da Escola Doméstica). De pé: uma neta do homenageado e a professora Olívia Pereira. Fonte: Acervo da família de Olívia Pereira.

Após concluir o ensino primário, Olívia Pereira transferiu-se para a capital norte-riograndense, onde ingressou, em 1924, na Escola Normal de Natal. Diante dessa realidade, salientamos que, segundo Moraes, M. (2006, p. 40) “No interior, quando as crianças terminavam o primário, os pais que dispunham de condições financeiras enviavam suas filhas para estudar em colégios distantes, seja em Natal, seja em Recife.” A foto a seguir (imagem 15), mostra Olívia Pereira juntamente a suas irmãs e uma sobrinha elegantemente trajadas durante uma festa de Sant’Ana, em Caicó, no ano de 1929. Esse documento nos foi cedido pelo senhor José Antônio Pereira e ilustra o poder aquisitivo da família dessa professora.

Imagem 15 – Da esquerda para a direita: Olívia Pereira, suas irmãs Dalila Pereira e Maria Rosa e sua sobrinha Maria Afra (1929).



Fonte: Acervo da família de Olívia Pereira.

Numa entrevista concedida a professora Ana Zélia Moreira, no ano de 1994, Olívia Pereira relatou aspectos que evidenciam o poder aquisitivo de sua família e a maneira como os recursos provenientes da sua herança paterna foram importantes para a sua formação profissional. Suas palavras foram as seguintes:

Meu pai era conhecido como ‘Zé Capitão,’ vendia algodão para o Coronel Gorgônio, ele morreu moço, era doente do coração. Deixou muita riqueza, era dono da fazenda Pai Bastião. Mas, os filhos não souberam conservar isso. Com a minha parte, eu me diplomei¹⁶. Meus pais tinham muitos amigos, o Coronel Joel Damasceno era compadre de mamãe e de papai. (RODRIGUES, O., 1994)

Ao entrevistar Olívia Pereira, no ano de 2004, o professor Manoel Pereira da Rocha Neto colheu um outro depoimento, no qual essa professora, compartilhando suas memórias, narrou as dificuldades de locomoção que enfrentou, quando fora estudar na capital potiguar:

¹⁶ Olívia Pereira referiu-se ao custeio com despesas materiais durante a sua permanência na Escola Normal de Natal.

A professora Olívia Pereira, ao ser entrevistada, disse-me que a viagem até a capital durou cerca de três dias e três noites, com pontos estratégicos como paradas para alimentação e pernoites. Suas lembranças vieram à tona à época da entrevista, em dia 24 de junho de 2004, quando já era centenária. Ela lembra que foi uma viagem cansativa e adoeceu no meio do trajeto. Pensou em voltar. (ROCHA NETO, 2005, p. 44).

Na mencionada entrevista, concedida à professora Ana Zélia Moreira, Olívia Pereira também relatou momentos vividos na cidade de Natal, no período em que estudou na Escola Normal. Num trecho de sua fala, essa professora disse o seguinte:

Aqui em Natal, fui hóspede do Tenente Inácio Vale casado com Dona Lílisa. Eles me ofereceram hospedagem e lá eu passei dois anos e meio. Depois fui para o pensionato de uma professora francesa – Mademoiselle Julia – esse pensionato ficava por trás da Escola Normal, lá na Ribeira. Mademoiselle Julia era diretora da Escola de Comércio e foi professora também da Escola Doméstica. Ela gostava de levar as internas para o teatro. (RODRIGUES, O., 1994).

Ao estudar a profissionalização educacional de mulheres potiguares na Escola Normal de Natal durante as décadas iniciais do século XX, Morais, M. e Silva, F. (2013, p. 2) relatam que nesta instituição:

De vinte e sete diplomados, em 1910, vinte eram mulheres. Somente sete eram rapazes. Mestres diplomados que atuaram em importantes cargos educacionais da sociedade norte-rio-grandense. Este fato ilustra o processo de feminização do magistério primário intensificado nas décadas seguintes.

Esta intensificação da presença feminina entre os professores formados pela Escola Normal de Natal a partir do ano de 1910 é visualizada na turma integrada pela professora Olívia Pereira, ou seja, a turma do ano de 1928. De seis alunos diplomados, cinco eram mulheres. Eis a relação nominal dos normalistas que compuseram esta turma:

Imagem 16 – Relação dos professores diplomados pela Escola Normal de Natal, turma de 1928.

1928				
1	<u>Olivia Pereira</u>	21	"	José Antonio Pereira
2	Sebastião Diniz Henrique	20	"	Redelpho Henrique
3	Clotilde Guedes de Macedo	21	"	Cypriano Guedes de Macedo
4	Djanira Bezerra Freire	18	"	Antonio Eduardo Freire
5	Luiza de França Teixeira	18	"	Miguel Gomes Teixeira
6	Hereise Abraão de Nascimento	18	"	João Manoel de Nascimento

Fonte: Rio Grande do Norte (1934, p. 5).

Segundo Almeida (2007), a intensificação do magistério feminino, nas primeiras décadas do século XX recebeu a contribuição de influências oriundas das idéias pregadas pelo movimento feminista europeu e pelas escolas protestantes norte-americanas que chegam ao Brasil ainda no século XIX. A presença dessas concepções em nosso país trouxe à tona discussões que envolveram políticos, intelectuais e educadores acerca da ampliação dos direitos sociais femininos. Tais direitos eram expressos em reivindicações como o acesso às Escolas Normais, que garantiria às mulheres o exercício de uma profissão, proporcionando-lhes autonomia e prestígio social. Na imagem abaixo, visualizamos Olívia Pereira trajando a beca e o capelo da Escola Normal de Natal, durante sua solenidade de colação de grau.

Imagem 17 – Olívia Pereira durante a sua diplomação pela Escola Normal de Natal (1928).



Fonte: Acervo da família de Olívia Pereira.

Nessa solenidade, Olívia Pereira também usou o seu anel de formatura. Localizamos essa jóia, no acervo da sua família; nela, existem símbolos que enaltecem o valor do ensino da leitura e da escrita, a saber, uma gema em água marinha cravejada num aro de ouro, contendo em um dos seus lados uma pena e no outro um livro aberto onde estão escritas as três primeiras letras do alfabeto. A análise da imagem abaixo permite essa observação.

Imagem 18 – Anel de formatura de Olívia Pereira (2015).



Fonte: Acervo da família de Olívia Pereira.

Essas características foram determinadas pelo Decreto nº 221, de 13 de maio de 1910, que criou um anel de ouro para os professores primários titulados pela Escola Normal, decretando o seguinte:

Os professores de instrução primária, titulados pela Escola Normal do Estado, usarão, como distintivo, anel de ouro, aro de 0,006, com pedra água-marinha em forma hexagonal, ladeada por emblemas da leitura e da escrita, em relevo, uma pena à direita e um pergaminho deixando ver as três primeiras letras do alfabeto, à esquerda do engaste. (RIO GRANDE DO NORTE, 1910, p. 73).

No ano de sua diplomação, ou seja, 1928, Olívia Pereira foi nomeada pelo presidente do Estado do Rio Grande do Norte para ocupar o cargo de professora da Escola Rudimentar da Vila de São Miguel de Jucurutu. A imagem abaixo registra o início da sua carreira profissional. Nesse documento, a educadora em análise posou para a posteridade com a sua turma de alunos. Observamos na fisionomia dessa mestra traços da sua juventude.

Imagem 19 – Professora Olívia Pereira (em destaque) e sua turma de alunos da Escola Rudimentar da Vila de São Miguel de Jucurutu (1928).



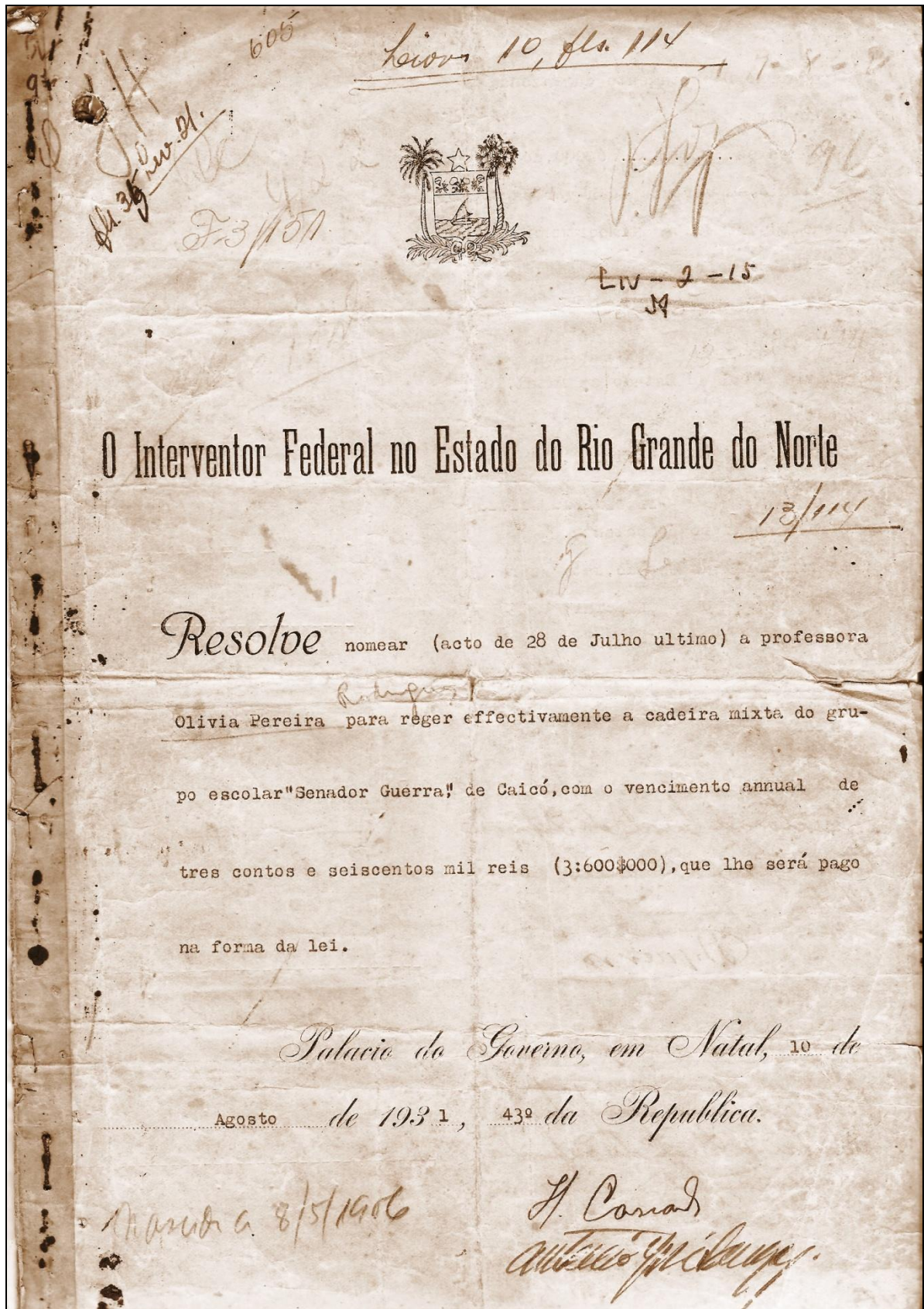
Fonte: Acervo de Arlene Bezerra, Jucurutu/RN.

Num ofício constante no *Livro de Atas da Escola Rudimentar da Vila de São Miguel de Jucurutu (1927-1932)*, e que foi enviado ao Departamento de Educação do Rio Grande do Norte, por essa professora, a mesma registrou sua posse nessa instituição com as seguintes palavras:

Estado do Rio Grande do Norte. Departamento de Educação. São Miguel de Jucurutu 18 de Fevereiro de 1928. Ilmo. Sr. Director Geral do Departamento de Educação. Comunico a V.Sa. que no dia 17 do corrente, assumi o exercício da cadeira rudimentar desta Vila para a qual fui nomeada pelo Exmo. Sr. Presidente do Estado. Sirvo-me da oportunidade, para apresentar a V.Sa. os meus protestos de estima e consideração. Saudações atenciosas. Olívia Pereira. (ESCOLA RUDIMENTAR DA VILA DE SÃO MIGUEL DE JUCURUTU, 1927-1932, p. 40).

Após lecionar durante o período de 1928 a 1929 nessa Escola Rudimentar, no ano de 1930 Olívia Pereira teve seu cargo de professora transferido para a cidade de Caicó. Conforme Monteiro (1944, p. 131), tal fato ocorreu “no dia 1º de Fevereiro de 1930”. Nessa cidade, passou a lecionar no Grupo Escolar Senador Guerra, em virtude de nomeação emitida pelo Exmº Sr. Herculino Cascardo, então Interventor Federal do Rio Grande do Norte.

Imagem 20 – Nomeação da professora Olívia Pereira para a regência do Ensino Infantil Misto do Grupo Escolar Senador Guerra (1931).



Conforme registra a imagem 20, na nomeação de Olívia Pereira como professora do Grupo Escolar Senador Guerra constam determinações como o seu ordenado e o nível de ensino no qual lecionaria:

O Interventor Federal do Rio Grande do Norte Resolve nomear (ato de 28 de julho último) a professora Olívia Pereira para reger efetivamente a cadeira mista do grupo escolar 'Senador Guerra' de Caicó, com o vencimento anual de três contos e seiscentos mil reis (3:600\$000), que lhe será pago na forma da lei. Palácio do Governo em Natal, 10 de Agosto de 1931, 43º da República. H. Cascardo. (RIO GRANDE DO NORTE, 1931a).

No período em que ocorreu a nomeação de Olívia Pereira para ocupar o cargo de professora do Ensino Infantil Misto do Grupo Escolar Senador Guerra, essa instituição já funcionava em sua sede própria pois,

Ao tempo da administração do Major Camboim (1920-1923), aconteceu o lançamento da pedra fundamental da sede própria. O trabalho de edificação esteve sob a responsabilidade do construtor L. Sigaud. Os custos foram assumidos pelo município conforme determinava a legislação da época contanto com o prestimoso auxílio de recursos estaduais. Em 22 de setembro de 1925, o prédio foi inaugurado pelo governador do Estado, o caicoense Dr. José Augusto (1924 a 1927). Era prefeito de Caicó o Cel. Joel Damasceno (1924 a 1926). (MEDEIROS, M., 2003)

Entretanto, a atuação pedagógica de Olívia Pereira na cidade de Caicó não se limitou ao espaço físico das salas de aula do Grupo Escolar Senador Guerra. Essa educadora, tão logo chega a Caicó, alia-se ao maestro Manuel Fernandes de Araújo¹⁷ e fundam, ainda no ano de 1930, uma escola de iniciação musical, popularmente conhecida como a Escola de Bandolins de Caicó.

Localizamos no acervo da família de Olívia Pereira uma fotografia (Imagem 21) que registra uma aula de música nessa escola. Nessa imagem, observamos a professora Olívia sentada na extremidade direita da fileira frontal de alunos; ao centro, apresenta-se sentado o maestro Manoel Fernandes, segurando, com sua mão direita, uma batuta e, com a esquerda, uma partitura musical. Os demais alunos retratados completam o cenário empunhando violinos e bandolins.

¹⁷ Segundo Medeiros Filho (2004, p. 323) foi o "Professor Manuel Fernandes de Araújo, maestro da Banda de Música '4 de maio' de Caicó".

Imagem 21 – Escola de bandolins de Caicó (1930), Olívia Pereira em destaque.



Fonte: Acervo da família de Olívia Pereira.

No verso desse documento, Olívia Pereira escreveu a seguinte frase: “fotografia tirada aos 28 de outubro de 1930, em um domingo, em Caicó, pelas 5 horas da tarde” (RODRIGUES, O., 1930).

Conforme Veiga (2010, p. 414) “[...] no Brasil republicano, as belas artes estiveram presentes nos currículos das escolas primárias, escolas normais e secundárias [...]. Na escola normal previa-se também música, desenho e trabalhos de agulha [...].” Conforme Rodrigues, J. (2014, p. 2), Olívia Pereira “[...] havia estudado música na Escola Normal de Natal, na década de 20, tendo sido aluna do maestro italiano professor Giuseppe Babini.” A Escola de Bandolins co-fundada por essa professora poderia ser fruto de sua formação pedagógica contemplada pela disciplina *Princípios de Música*¹⁸. A imagem abaixo retrata o professor Babini, mestre da Escola Normal de Natal e formador inicial da cultura artística de Olívia Pereira.

¹⁸ Conforme Silva, F. (2013), o programa de ensino adotado pela Escola Normal de Natal, entre os anos de 1922 a 1938, contemplava entre outras matérias, *Princípios de Música*.

Imagem 22 – Retrato do professor Giuseppe Babini (1920).



Fonte: Instituto Tavares de Lyra, Macaíba/RN.

No início de sua docência em Caicó, Olivia Pereira conciliava as funções de educadora com as de mãe de família, uma vez que no dia 14 de março de 1932, contraiu matrimônio com o comerciante caicoense Francisco Rodrigues Nunes Franco, passando a assinar-se, a partir dessa data por Olívia Pereira Rodrigues¹⁹.

Dessa união nasceram os seguintes filhos: José Antônio Pereira Rodrigues (falecido em 1941), Francisco Pereira Rodrigues, Manoel Rodrigues Pereira, Ronaldo Pereira Rodrigues, Irma Pereira Rodrigues e José Antônio Pereira Rodrigues (homônimo ao irmão falecido em 1941). A imagem abaixo documenta o enlace matrimonial dessa professora.

¹⁹ Por medida de padronização, na escrita dessa pesquisa, os documentos lavrados por Olívia Pereira serão referenciados pelo sobrenome RODRIGUES, pois o mesmo consta na maioria desses registros.

Imagem 23 – Casamento de Olívia Pereira com Francisco Rodrigues Nunes Franco (1932).



Fonte: Acervo da família de Olívia Pereira.

Já nos últimos anos de docência na região do Seridó, a professora Olívia Pereira, em parceria com a professora Guiomar Alves da Nóbrega, então diretora do Grupo Escolar Senador Guerra, fizeram uma campanha para a compra de um piano que integraria o acervo dos instrumentos didáticos daquele Grupo Escolar, a partir do ano de 1946.

A referida campanha concretizou-se por meio de vendas de comidas típicas e apresentações culturais realizadas em frente ao Grupo Escolar Senador Guerra. A soma da renda pecuniária das barracas de comida com as doações em dinheiro oferecidas pelos comerciantes locais resultou na quantia necessária para a compra desse instrumento musical. Ao entrevistarmos a professora Guiomar Alves, no ano de 2013, colhemos o seguinte depoimento acerca deste episódio:

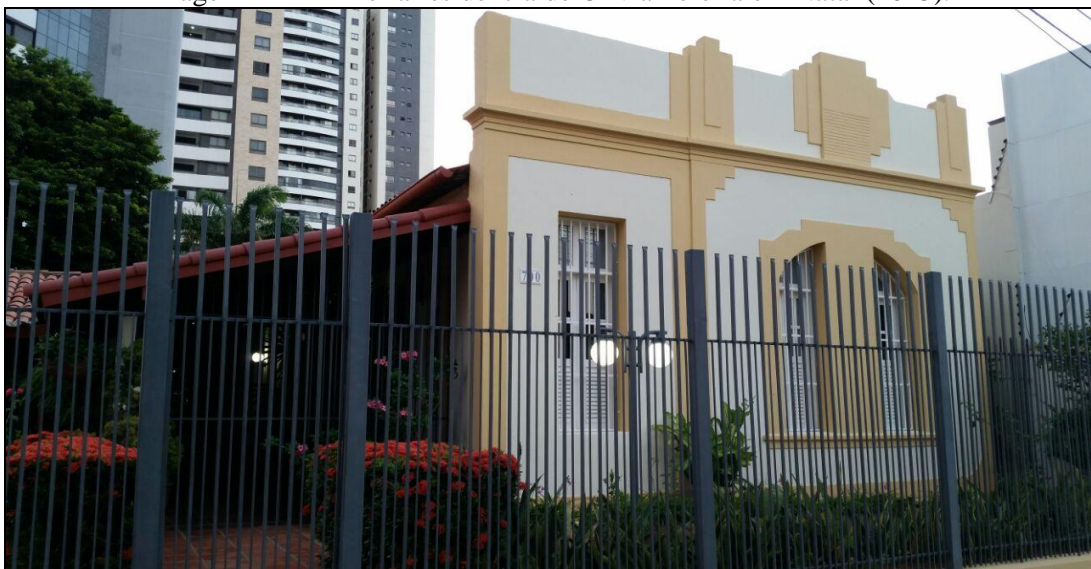
Essa campanha aconteceu quando eu estava na direção do Grupo Escolar Senador Guerra; fizemos uma festa com barraquinhas de comidas típicas, para tanto, pedimos donativos no comércio de Caicó, organizamos também apresentações de dramas no Grupo Escolar; as artistas eram as alunas mesmo. Com tudo isso, apuramos o dinheiro, quem intermediou a compra do

piano foi “Zé Ezelino”, não me lembro mais onde ele comprou, de onde veio esse piano, a verdade é que o piano saiu! “Dona Olívia” tinha uma cabeça prodigiosa, eu nunca vi uma mulher de uma memória tão boa como Dona Olívia. Ela era muito querida pelos alunos. (NÓBREGA, 2013).

No ano de 1947, a professora Olívia Pereira teve seu cargo transferido para a cidade de Natal, onde passou a lecionar no Grupo Escolar Áurea Barros, localizado no cruzamento da Avenida Afonso Pena com a Rua Açú, até o ano de sua aposentadoria, ocorrida em 1960. Nesse período, lecionou também no Externato São Luiz, pertencente ao Padre Eymard L’Eraistre Monteiro, localizado na Rua General Osório, onde foi professora de Iberê Ferreira de Souza e de João Faustino Ferreira Neto, que, anos mais tarde, tornaram-se, respectivamente, Governador e Senador da República pelo Rio Grande do Norte (MERCÊS, 2009).

Além dessas escolas, a professora Olívia ensinou também numa escola particular que ela mesma organizou em sua primeira residência, localizada no Bairro de Petrópolis, mais precisamente na Avenida Rodrigues Alves, nº 700, onde estudaram crianças da vizinhança que a procuravam com o intuito de reforçar os conhecimentos obtidos nas instituições oficiais de ensino²⁰. A imagem abaixo mostra essa residência que ainda conserva características da arquitetura Art Decó, marcada pela verticalidade das linhas e valorização dos traços geométricos, típicas das construções erigidas na primeira metade do século XX.

Imagem 24 – Primeira residência de Olívia Pereira em Natal (2015).




Fonte: Acervo de Nanael Simão.

²⁰ Essa informação consta numa crônica escrita e proferida pelo filho de Olívia Pereira, em homenagem aos 105 anos natalícios de sua mãe (RODRIGUES, J., 2009, p. 2).

Segundo consta em sua Certidão de Óbito, Olívia Pereira faleceu em sua residência, em Natal-RN, no dia 10 de fevereiro de 2010, aos 105 anos de idade, tendo como causa da morte “Fibrilação ventricular, infarto agudo do miocárdio, aterosclerose coronariana”. (RODRIGUES,2010). Seu óbito foi atestado pelo médico Kerginaldo Paulo Torres, foi sepultada no Cemitério Parque Nova Descoberta, em Natal, conforme foi registrado no documento seguinte:

Imagem 25 – Certidão de Óbito de Olívia Pereira (2010).

REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS		
CERTIDÃO DE ÓBITO		
NOME: OLIVIA PEREIRA RODRIGUES		
MATRÍCULA: 094987 01 55 2010 4 00246 237 0059977 - 12		
SEXO feminino	COR Branca	ESTADO CIVIL E IDADE viúva, com 105 anos de idade
NATURALIDADE Caicó - RN	DOCUMENTO DE IDENTIFICAÇÃO RG: 062040 SSP - RN	ELEITOR não era eleitora
FILIAÇÃO E RESIDÊNCIA JOSÉ ANTONIO PEREIRA (falecido) e UBALDINA DE MEDEIROS PEREIRA (falecida), na Rua: Min. Raimundo de Brito, 1676, Morro Branco, Natal - RN		
DATA E HORA DE FALECIMENTO dez de fevereiro de dois mil e dez às 16:30 horas		DIA MÊS ANO 10/02/2010
LOCAL DE FALECIMENTO na sua residência em Natal - RN		
CAUSA DA MORTE fibrilação ventricular, infarto agudo do miocárdio, aterosclerose coronariana		
SEPULTAMENTO/CREMAÇÃO (MUNICÍPIO E CEMITÉRIO SE CONHECIDO) no Cemitério Parque de Nova Descoberta, Natal - RN		DECLARANTE José Antonio Pereira Rodrigues, (filho)
NOME E NÚMERO DO DOCUMENTO DO MÉDICO QUE ATESTOU O ÓBITO Kerginaldo Paulo Torres CRM:922		
OBSERVAÇÕES AVERBAÇÕES Não deixou bens, deixou filhos. Feito no prazo legal, nos termos da Lei 9.534/97. Expedida gratuitamente. Ato registrado no Livro C-246, fls. 237, nº. 59.977.		
Natal Cartório do Quarto Ofício de Notas Oficial: Maria de Fátima Rebouças Sampaio Av. Eng. Roberto Freire, 2920 Shopping Cidade Jardim, Cidade Jardim Natal - RN 0433217-0900		O conteúdo da certidão é verdadeiro. Dou fé. Natal - RN, 18 de fevereiro de 2010 Assinatura do Oficial
 4º OFÍCIO DE NOTAS Maria de Fátima Rebouças Sampaio Tabeliã Hugo Franco Sampaio José Neto de Oliveira Mário Alfredo Rebouças Sampaio Francisca Nunes Domingos SUBSTITUTO		

Fonte: Acervo da família de Olívia Pereira.

3.3 Theodora Valle, educadora de ampla atuação no Seridó norte-rio-grandense.

Ao escrever uma *Breve Genealogia da Família Valle*, José Hélio de Medeiros (2009) esboçou em cinco páginas a biografia da professora Theodora Valle. Segundo este pesquisador, essa professora nasceu no município de Caicó/RN, ficou conhecida na região do Seridó pelo cognome de *Dorinha Valle*, que foi a “Quarta filha de Aleixo Augusto Valle e Leocádia Cordeiro Valle. Nasceu em 16/10/1901. [...] Aluna do Grupo Escolar Senador Guerra até 1915. Estudou com o professor Pedro Gurgel e o Dr. Francisco Gurgel no ‘Externato Seridoense’, em 1916 e 1917.” (MEDEIROS, J., 2009, p. 113).

Imagem 26 – Pais de Theodora Valle (década de 1930).



Fonte: Acervo da família de Theodora Valle.

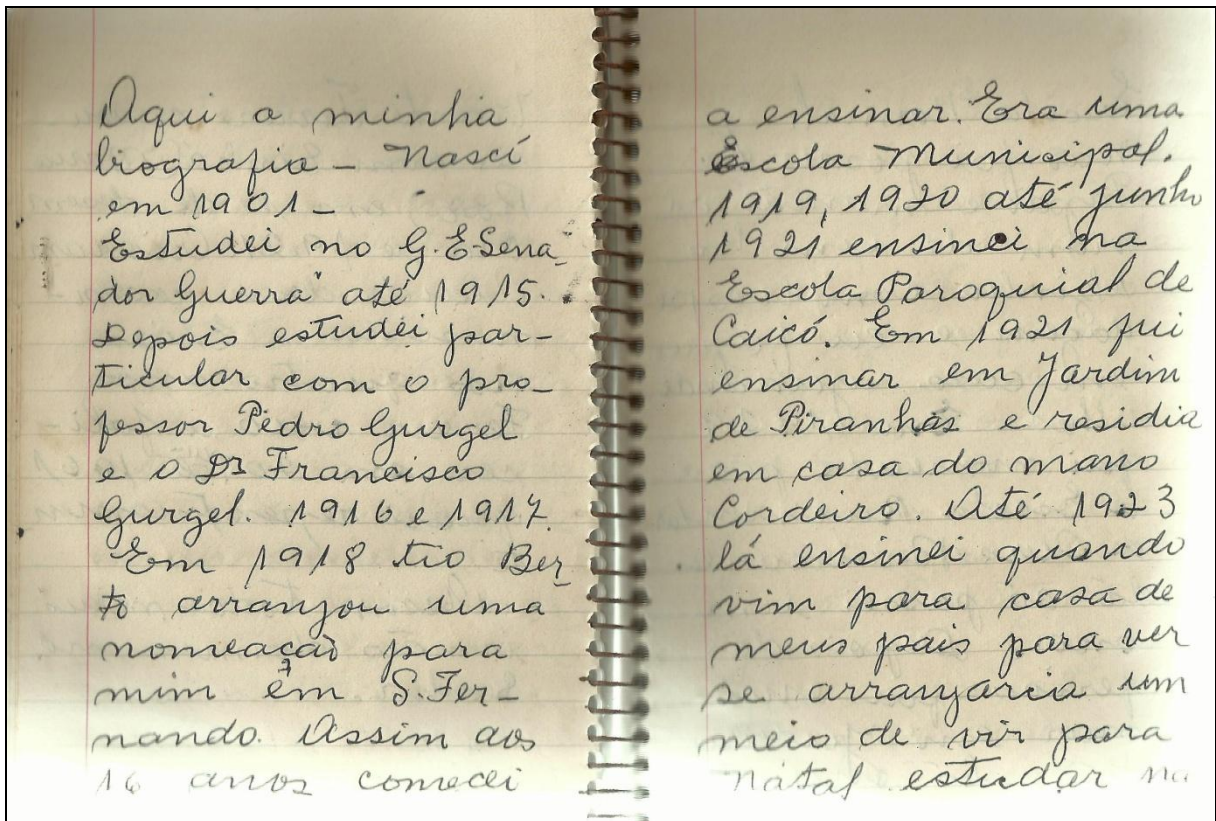
Medeiros, J. (2009) também nos informa que, no ano de 1918, quando já havia concluído o ensino primário, Theodora Valle foi nomeada professora da Escola Municipal de São Fernando, tendo na época 16 anos de idade. Apesar de não deter o diploma de pedagoga graduada pela Escola Normal de Natal (um desejo não realizado), essa professora consolidou sua formação educacional/profissional no Grupo Escolar Senador Guerra, onde concluiu o ensino primário.

Esse fato foi possível devido a uma norma existente na legislação educacional do Rio Grande do Norte. Segundo consta no capítulo VII do Regimento Interno das Escolas Rudimentares, essas instituições poderiam ser regidas por professores que tivessem “[...] o

curso complementar ou elementar completo, ou os que requererem e fizerem prática, durante um a três meses, em Grupo Escolar designado pelo Diretor do Departamento de Educação”. (RIO GRANDE DO NORTE, 1925b, p. 17). Em face disso, a mencionada professora pôde iniciar a sua carreira profissional em Escolas Rudimentares que funcionaram no Seridó Potiguar.

Theodora Valle registrou em seu diário acontecimentos que marcaram sua atuação em instituições de ensino seridoenses, durante as primeiras décadas do século XX. Em seus escritos, ela descreve a sua trajetória profissional, iniciando a narrativa da seguinte maneira: “Em 1918, tio Berto arranhou uma nomeação para mim em S. Fernando. Assim aos 16 anos comecei a ensinar. Era uma Escola Municipal.” (VALLE, 1959, p. 5). A imagem a seguir mostra o mencionado documento.

Imagem 27 – Páginas do Diário de Theodora Valle (1959).



Fonte: Acervo da família de Theodora Valle.

Segundo Valle Sobrinho (1918), no ano de 1918, Theodora Valle também colaborou na produção de um jornal manuscrito, que circulou na cidade de Caicó, intitulado *A escola*. Todavia, não localizamos exemplares desse jornal. A imagem abaixo mostra a jovem

professora Theodora Valle fotografada no período em que iniciou o magistério na Região do Seridó.

Imagem 28 – Professora Theodora Valle na sua juventude (Década de 1920).



Fonte: Acervo da família de Theodora Valle.

Em seu diário, Valle (1959) registrou que foi professora também na Escola Paroquial de Caicó, nos anos de 1919, 1920 e durante o mês de junho de 1921. Sobre sua atuação na região em anos posteriores, ela registrou o seguinte: “Em 1921 fui ensinar em Jardim de Piranhas e residia em casa do mano Cordeiro²¹. Até 1923, lá ensinei, quando vim para casa de meus pais²² para ver se arranjava um meio de vir para Natal estudar na Escola Normal. Não foi possível. (VALLE, 1959, p. 7)”.

Ao detalhar outros aspectos da sua trajetória profissional, a referida professora assim os descreve: “Em 1929, fui nomeada para a Escola Rudimentar de Ouro Branco²³ e lá passei um ano. Depois das férias fui ensinar em Jucurutu. Lá ensinei até 1934.” (VALLE, 1959, p. 8).

²¹ Trata-se do senhor Cordeiro Vale, irmão dessa professora

²² Essa residência situava-se na cidade de Caicó.

²³ Nessa época, o atual município de Ouro Branco tratava-se de uma Vila denominada “Espírito Santo”, pertencente ao município de Jardim do Seridó/RN.

Aos 28 dias do mês de março de 1930, Theodora Valle assumiu o cargo de professora no atual município de Jucurutu. No *Livro de Atas da Escola Rudimentar da Vila de São Miguel de Jucurutu (1927-1932)*, ela registrou esse fato nos seguintes documentos, remetidos às respectivas autoridades:

Uma petição ao Dr. Diretor Geral do Departamento de Educação, de uma caderneta diária. Um ofício ao Dr. Diretor Geral do Departamento de Educação e outro ao Presidente da Intendência de Caicó, comunicando a reabertura desta escola. S. Miguel de Jucurutu, 1º de Fevereiro de 1930. Theodora Valle. Professora. (ESCOLA RUDIMENTAR DA VILA DE SÃO MIGUEL DE JUCURUTU, 1927-1932, p. 77).

Durante sua presença na cidade de Jucurutu, Theodora Valle contraiu matrimônio “[...] em 5 de janeiro de 1934, com Elísio Lopes de Araújo, um fazendeiro nascido em 11/07/1881, filho de Manuel Lopes (Minéu) e Josefa Maria da Anunciação.” (MEDEIROS, J., 2009, p. 11). Dessa união, nasceram os seguintes filhos: “Déa Lopes Cardoso, Maria Gislane Lopes de Araújo (falecida criança) e Tarcísio Vale de Araújo (falecido criança). A imagem a seguir registra esse enlace matrimonial.

Imagem 29 – Professora Theodora Valle e seu esposo Elísio Lopes de Araújo (1936).



Fonte: Acervo da família de Theodora Valle.

Segundo informações da senhora Déa Lopes Cardoso, Theodora Valle “[...] em 1936, organizou uma classe em sua própria casa, na Fazenda Adequê, após o seu casamento, com o objetivo de ensinar aos moradores e aos seus filhos analfabetos, por absoluta falta de escola nas proximidades” (CARDOSO, 2014, p. 3). Sobre esse fato, a senhora Iluminata Lopes de Araújo, contemporânea dessa professora na fazenda Adequê, nos informou o seguinte:

Dorinha Vale era uma professora antiga de Jucurutu, uma vez ela formou uma escola na sala da casa dela mesmo, no sítio Adequê. Os alunos eram os filhos dos moradores, meu tio, o finado Zé Anísio, estudou com ela. Era uma professora muito boa, nunca ouvi falar que usou palmatória. As paredes da casa dela eram enfeitadas com cartazes e retratos de santos, eu andava muito lá. Ela me deu a primeira boneca que possuí na vida. (ARAÚJO, I., 2013).

Diante desse fato, salientamos que segundo Morais, G.(2004), durante as primeiras décadas do século XX, apesar da fundação de Grupos Escolares e outros estabelecimentos oficiais de ensino mantidos pelo governo do Rio Grande do Norte na região do Seridó, era comum a atuação de professores que lecionavam muitas vezes nas salas de suas próprias casas. Essa realidade permeou principalmente o cotidiano de fazendas, vilas e cidades menores. A imagem abaixo mostra a casa-sede da fazenda Adequê; nessa residência, a professora Theodora constituiu sua família, conciliava as atividades de mãe e educadora, contribuindo para o combate ao analfabetismo nessa localidade sertaneja.

Imagem 30 – Fazenda Adequê (2014).



Fonte: Acervo de Nanael Simão.

Ao visitarmos outras reminiscências manuscritas pela professora Theodora Valle, descobrimos que sua atuação não se restringiu aos ambientes escolares, já que a mesma também ocupou um cargo comissionado na prefeitura municipal de Jucurutu. Sobre esse fato, ela registrou o seguinte: “Em 1937, passei a ser Secretária da Prefeitura de Jucurutu. Cargo que exerci até 1939.” (VALLE, 1959, p. 8).

A imagem seguinte mostra a antiga fachada da prefeitura municipal de Jucurutu. Nesse imóvel de arquitetura eclética que mescla os estilos Art Decó e Neoclássico, Theodora Valle desenvolveu a função de secretária municipal, auxiliando o então prefeito²⁴ Alcindo Dias de Oliveira nas questões burocráticas daquela edilidade municipal. Destacamos que atualmente esse prédio não mais conserva suas características arquitetônicas originais.

Imagem 31 – Fachada da Prefeitura Municipal de Jucurutu (Década de 1930).



Fonte: Acervo de Nanael Simão.

No ano de 1940, Theodora Valle retornou, juntamente com a sua família, para o município de Caicó, passando a residir inicialmente, nos sítios Carnaubinha e Riacho da Serra. Nesse segundo sítio, lecionou numa Escola Subvencionada, até o ano de 1946; entretanto, não localizamos nenhum documento relativo a essa etapa profissional. No ano de 1947, passou a residir na urbe caicoense, mais precisamente na casa nº 113, situada a Rua

²⁴ Segundo Araújo, N. (2012), entre os anos de 1937 a 1939, o município de Jucurutu foi administrado pelo prefeito Alcindo Dias de Oliveira.

Coronel Manoel Vale, no centro daquela cidade. A imagem a seguir retrata o referido imóvel, que apresenta arquitetura parcialmente preservada. Nesse registro percebemos remanescentes características da arquitetura Neoclássica, típica das primeiras décadas do século XX, marcada pela presença de pináculos e florões modelados em argamassa.

Imagem 32 – Residência de Theodora Valle em Caicó (2014).



Fonte: Acervo de Nanael Simão.

Ao retornar para Caicó, a professora Theodora Valle lecionou no Grupo Escolar Senador Guerra, entre os anos de 1947 a 1958. Esses fatos foram por ela registrados com as seguintes palavras:

Assim, em 1940, fomos residir nos sítios Carnaubinha e Riacho da Serra, onde abri uma Escola Subvencionada. Em 1946, fomos para a fazenda Santa Maria e deixamos Déa²⁵ com Belú²⁶ em Caicó freqüentando o Colégio Santa Terezinha. Em 1947 voltei a ensinar no Grupo Escolar Senador Guerra, até 1958. (VALE, 1959, p. 9, grifo nosso).

Após lecionar durante 11 anos no Grupo Escolar Senador Guerra, Theodora Valle transferiu-se, juntamente ao seu esposo, para a cidade de Natal, onde lecionou até o mês de maio de 1959, no Grupo Escolar Áurea Barros. Posteriormente, foi transferida para a Escola

²⁵ Trata-se da filha de Theodora Valle.

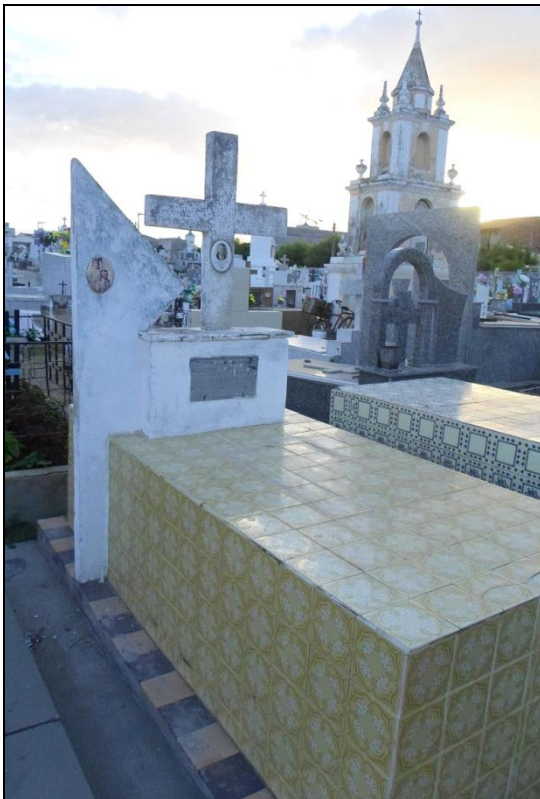
²⁶ Trata-se da irmã de Theodora Valle, conhecida por esse apelido.

Regimental do 16º Regimento de Infantaria (RI). Em seu diário, ela narrou os acontecimentos supracitados com a seguinte descrição:

Em novembro desse ano²⁷ viemos para Natal. Em 1959 arranjei um lugarzinho no Grupo Escolar Áurea Barros e lá ensinei até maio quando fui transferida para a Escola Regimental do 16º RI. Com os anos que ensinei particular, tenho 49 anos de ensino [...]. Agora, estão os processos para a minha aposentadoria. (VALLE, 1959, p. 7).

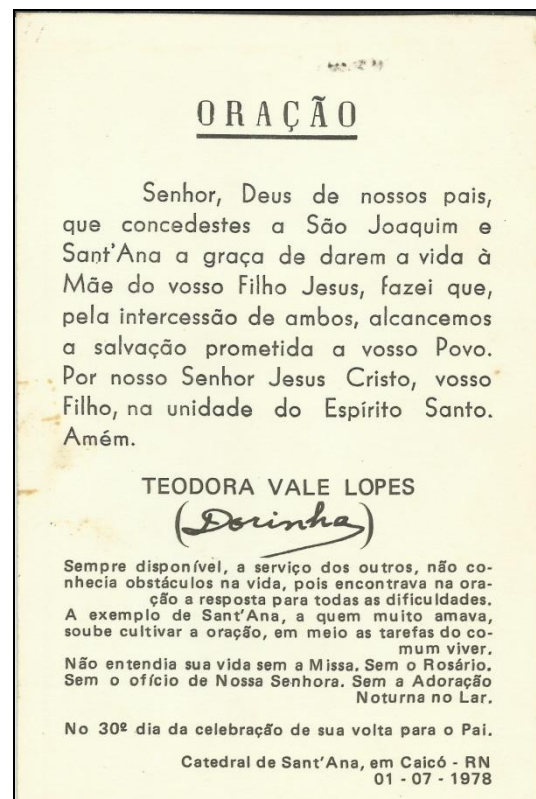
Segundo Medeiros, J. (2009), Theodora Valle aposentou-se no ano de 1959, tendo lecionado durante 49 anos. Faleceu no dia 1 de junho de 1978, na UTI do Hospital Universitário Onofre Lopes, na cidade de Natal, quando assistida por um ex-aluno. Foi sepultada no cemitério São Vicente de Paula, na cidade de Caicó. As imagens a seguir mostram respectivamente sua sepultura e uma oração póstuma, distribuída na catedral de Sant'Ana, em Caicó, durante a missa de 30º dia em sufrágio de sua alma.

Imagem 33 – Sepultura de Theodora Valle (2014).



Fonte: Acervo de Nanael Simão.

Imagem 34 – Oração póstuma à Theodora Valle (1978).



Fonte: Acervo da família de Theodora Valle.

²⁷ Ou seja, o ano de 1958.

4 AS PRÁTICAS EDUCATIVAS DAS PROFESSORAS ESTUDADAS

Com o alvorecer do século XX, o governo do estado do Rio Grande do Norte buscou melhorias para a instrução pública. Para tanto, promoveu reformas educacionais pautadas em Leis e Decretos que objetivaram, entre outras prerrogativas, qualificar os professores formados pela Escola Normal de Natal e expandir uma rede de escolas pelo território norte-rio-grandense, onde esses profissionais exerceriam o magistério.

Um exemplo dessa realidade foi a Lei nº 249, de 22 de novembro de 1907 (RIO GRANDE DO NORTE, 1908a). Votada pelo congresso legislativo, durante a administração do governador Antônio José de Mello e Souza e operacionalizada pelo Decreto nº 178, de 29 de abril de 1908 (RIO GRANDE DO NORTE, 1908b), criado pelo governador Alberto Maranhão, que, além de restaurar “[...] a antiga diretoria geral de instrução pública, suprimida pelo Decreto nº 153, de 23 de fevereiro de 1905, criava um grupo escolar em cada sede de comarca e uma escola mista nos demais municípios, e estabelecia a Escola Normal desta capital, ivamente instalada a 13 de maio desse ano [...]”. (LIMA, 1927, p. 167).

Segundo Araújo, M. (1998), com base no mencionado Decreto, Francisco Pinto de Abreu, então Diretor-Geral da instrução pública, extinguiu as escolas primárias (denominadas cadeiras) até então mantidas pelo Estado. Colocou em disponibilidade os professores considerados inadaptáveis aos métodos modernos de ensino pestalozziano,²⁸ adotados nos recém-construídos Grupos Escolares, implantando uma reforma que fora batizada com o seu nome.

Com o avanço do tempo, uma nova reforma educacional foi realizada no território potiguar; dessa vez, pautada na Lei nº 405, de 29 de novembro de 1916, denominada Lei orgânica do Ensino, que, entre outras prioridades, objetivou criar escolas, manter e fiscalizar o ensino ministrado nos estabelecimentos públicos de ensino primário. O Artigo nº 42, dessa Lei determinava a metodologia de ensino a ser implantada nas referidas escolas, ou seja, os processos intuitivos de ensino:

²⁸ Ou seja, os métodos intuitivos de ensino que tiveram como um dos principais precursores o educador suíço Johann Heinrich Pestalozzi “Os defensores do método intuitivo chamaram a atenção para a importância da observação das coisas, dos objetos, da natureza, dos fenômenos e para a necessidade da educação dos sentidos como momentos fundamentais do processo de instrução escolar. Essa etapa da observação minuciosa e organizada é a condição para a progressiva passagem, pelos alunos, de um conhecimento sensível para uma elaboração mental superior [...]”. (FARIA FILHO, 2010, p. 143).

Art. 42 – Nos estabelecimentos de ensino primário, dar-se-á a instrução primária infantil e elementar, de acordo com o programa adotado, sem preferências de uma sobre as outras matérias; as lições serão sobretudo práticas e concretas; os professores as encaminharão, de modo que as faculdades do aluno sejam incitadas a um desenvolvimento gradual e harmônico, cumprindo ter em vista o desenvolvimento da faculdade de observação, empregando-se para isto **processos intuitivos**. (RIO GRANDE DO NORTE, 1917, p. 44, grifo nosso).

Segundo Faria Filho (2010), os processos intuitivos de ensino apregoavam que era importante o professor prestar atenção aos processos de aprendizagem dos alunos, pois, somente assim os mestres poderiam ensinar bem. Essa concepção fundamentou o denominado método intuitivo de ensino, que

[...] deve essa denominação à acentuada importância que os seus defensores davam à intuição, à observação, enquanto momento primeiro e insubstituível da aprendizagem humana. Ancorados nas tradições empiristas de entendimento dos processos de produção e elaboração mental dos conhecimentos, sobretudo na forma como foram apropriadas e divulgadas por Pestalozzi²⁹. (FARIA FILHO, 2010, p. 143).

A observância do método intuitivo de ensino nas escolas potiguares das primeiras décadas do século XX preparou o terreno para a fecundação dos preceitos pedagógicos da Escola Nova³⁰. Essa realidade configurava o âmbito educacional brasileiro daquele período no qual “A pedagogia do método intuitivo manteve-se como referência durante a Primeira República, sendo que, na década de 1920, ganha corpo o movimento da Escola Nova, que irá influenciar várias das reformas da instrução pública efetivadas no final dessa década.” (SAVIANI, 2008, p. 140).

As orientações educativas de cunho escolanovista foram privilegiadas pelo plano administrativo do governador José Augusto, em cujo mandato (1924-1928) criou os Regimentos Internos das escolas primárias do Rio Grande do Norte. Esses documentos foram

²⁹ O educador suíço Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827), nasceu “[...] em Zurique, filho de um pastor protestante de origem italiana, estudou na cidade natal e participou pelo movimento pela independência suíça. Foi influenciado – na fase mais juvenil – pelo pensamento de Rousseau e por alguns aspectos do movimento romântico (em particular, a exaltação da imaginação)”. (CAMBI, 1999, p. 417).

³⁰ Esse movimento educacional teve origem na Europa, “Seus fundamentos são a Psicologia, a Biologia e a Sociologia que se tornam ciências fontes da educação. Trazendo uma outra visão da infância, de suas necessidades e da importância do social na formação dos sentimentos e da personalidade humana, fundamentam um novo modelo de escola. Este modelo, em oposição ao tradicional, tem no aluno o centro da ação educativa”. (PEIXOTO, 1998, p.8).

elaborados com base na reforma educacional imposta pela Lei nº 405, de 29 de novembro de 1916³¹.

Descrever as realizações pedagógicas escolanovistas do Governo de José Augusto no processo de reformulação da educação em curso desde 1916 ou antes, com a chamada Reforma Pinto de Abreu, de 1908 (quando começou a imprimir nova orientação pedagógica ao ensino por meio da introdução dos princípios do método intuitivo), é importante para evidenciar a dimensão *prática* do projeto político-cultural considerado modernizador das práticas e relações sociais. (ARAÚJO, M., 1998, p. 127).

No tocante às práticas educativas dos professores potiguares, os mencionados Regimentos, expedidos pela Diretoria Geral do Departamento de Educação, no ano de 1925, orientaram as metodologias de ensino, o quadro de horários, as matérias e materiais didáticos a serem utilizados nas instituições de ensino primário mantidas pelo governo, a saber: Escolas Rudimentares, Escolas Isoladas e Grupos Escolares.

Desse modo, a Pedagogia Nova se apresentou na forma de um pensamento educacional que compreendia uma política educacional, uma teoria da educação e de organização escolar e metodologias próprias. Estas características permitiram ao escolanovismo compor um ideário que orientou as reformas educacionais no Brasil, como também no Rio Grande do Norte.[...] Essa concepção se materializou nas orientações didático-pedagógicas, por meio dos métodos intuitivos e das Lições de Coisas. (ROCHA NETO, 2005).

Enquanto professoras atuantes em escolas potiguares de nível primário, Maria José do Nascimento, Olívia Pereira e Theodora Valle praticaram métodos intuitivos de ensino prescritos pelos Regimentos Internos dessas instituições. Citamos, como exemplo, os passeios escolares por elas realizados com os alunos da Escola Rudimentar da Vila de São Miguel de Jucurutu em sítios e fazendas situados nos arredores dessa Vila. Tais eventos foram documentados no Livro de Atas dessa instituição; nesses registros constam que essas professoras utilizavam esses espaços rurais para ministrar Lições de Coisas relacionadas a esses ambientes. Essas lições eram matérias ensinadas nas escolas primárias brasileiras e constituíam-se como a base do método intuitivo de ensino. Para ministrá-las, o professor deveria criar condições para que os alunos pudessem

³¹ Conforme Araújo, M. (1998, p. 151), no Rio Grande do Norte “Para efeito de homogeneização pedagógica e administrativa do ensino, foi elaborado pelo Conselho de Educação, com base na Lei da Reforma de 1916, o Regimento Interno para cada escola primária”.

[...] ver, sentir, observar os objetos. Podia-se realizar tal procedimento utilizando-se dos objetos escolares ou dos objetos levados para a escola (caneta, carteira, mesa, pedras, madeiras, tecidos...), ou realizando visitas e excursões à circunvizinhança da escola, ou, ainda, possibilitando aos alunos a gravuras diversas, que tanto poderiam estar nos próprios livros, de ‘lições de coisas’ ou de outros conteúdos[...]. (FARIA FILHO, 2010, p. 143).

As Lições de Coisas ministradas pelas mencionadas professoras possibilitavam que os seus alunos mantivessem contato direto com a natureza local, podendo assim, por meio dos seus sentidos, refletirem sobre os objetos estudados a partir da sua observação direta em localidades rurais sertanejas. Com base no *Livro de Atas da Escola Rudimentar da Vila de São Miguel de Jucurutu (1927-1932)*, elaboramos o seguinte quadro demonstrativo que especifica os locais escolhidos, os passeios escolares e as respectivas Lições de Coisas ministradas pelas professoras Maria José do Nascimento, Olívia Pereira e Theodora Valle no período em que regeram essa Escola Rudimentar. (ESCOLA RUDIMENTAR DA VILA DE SÃO MIGUEL DE JUCURUTU, 1927-1932).

Quadro 1 – Passeios Escolares realizados pela Escola Rudimentar da Vila de São Miguel de Jucurutu (1927-1932)

Professora organizadora	Passeio Escolar/ local (data)	Lição de Coisas ministrada
Maria José do Nascimento	Sítio Timbaúba (07/05/1927)	Não foi registrada em Ata
	Sítio Mudubin (28/10/1927)	Lição de Coisas sobre a produção da cana de açúcar
Olívia Pereira	Fazenda Jucurutu (29/03/1928)	Lição de Coisas sobre denominações dadas às terras e as águas
	Fazenda Pedra do Navio (24/08/1928)	Lição de Coisas sobre as principais vegetações do estado do Rio Grande do Norte
	Sítio Timbaúba (28/09/1928)	Lição Geral sobre Geografia
	Fazenda Jucurutu (28/09/1929)	Lição de Coisas sobre os Reinos da Natureza
Theodora Valle	Fazenda Jucurutu (13/03/1930)	Lição de História Pátria sobre a Colonização
	Fazenda Pedra do Navio (23/10/1930)	Lição de História Pátria sobre a Proclamação da República

Professora organizadora	Passeio Escolar/ local (data)	Lição de Coisas ministrada
	Fazenda Poço Comprido (30/04/1931)	Lição de Moral sobre o fumo, o álcool, o jogo e os meios de serem combatidos
	Fazenda Riacho Fundo (23/07/1931)	Lição de coisas que versou sobre as produções: o algodão, a mandioca, os cereais e a cana de açúcar
	Fazenda Pedra do Navio (23/10/1931)	Lição Geral de Geografia que versou sobre a capital e os municípios
	Fazenda Poço Comprido (17/03/1932)	Lição de Coisas sobre a flora sertaneja
	Fazenda Aroeira (26/05/1932)	Lição de Coisas sobre os presidentes da República e os elementos da Natureza
	Margem esquerda do rio Piranhas (25/08/1932)	Lição de Coisas que versou sobre as produções; o algodão, o sal, a mandioca, os cereais e a cana de açúcar

FONTE: Elaborado com base no *Livro de Atas da Escola Rudimentar da Vila de São Miguel de Jucurutu (1927-1932)*.

Os Passeios Escolares supratranscritos eram momentos de ensino-aprendizagem, atividades recomendadas pelo Regimento Interno das Escolas Rudimentares. Segundo esse documento, “Os professores deverão realizar, sempre que for possível, **passeios escolares**, outras comemorações cívicas e encerramento festivo” (RIO GRANDE DO NORTE, 1925b, p. 13, grifo nosso).

Na edição do mês de julho de 1925, a revista *Pedagogium* publicou um artigo intitulado *Os Passeios*. Nesse texto, o educador Antônio Estevam rememorava aos professores das instituições de ensino primário do Rio Grande do Norte as determinações legais e as vantagens pedagógicas dessas atividades extraescolares, para tanto, argumentava que

A própria Lei da Reforma do Ensino no seu art. 56 pondera que os passeios escolares se dirigirão aos campos agrícolas, fazendas, etc. Efetivamente a Lei orgânica não estabelece obrigatoriedade no que toca a prática dos passeios, mas, se não nos falha a retentiva o saudoso Dr. Manoel Dantas, quando diretor geral da instrução, recomendou em circular a todos os professores que não desprezem essa modalidade da escola bem acabada, acrescentando que os passeios colimam fins de natureza pedagógica, educativa e de propaganda do ensino infantil. (ESTEVAM, 1925, p. 49-50).

No quadro 1, percebemos a sintonia entre os locais onde ocorriam os Passeios Escolares e as Lições de Coisas ministradas pelas mencionadas professoras. Ou seja, localidades como fazendas e sítios adjacentes à Vila de São Miguel de Jucurutu serviam para o ensino de Lições sobre: Geografia, denominações dadas às terras e as águas, as principais vegetações do estado do Rio Grande do Norte, os Reinos da Natureza, a Colonização, o algodão, o sal, a mandioca, os cereais, a cana de açúcar, a Flora sertaneja e os elementos da Natureza. Essas práticas de ensino estavam sintonizadas com as concepções de Lima (1911c, p. 1) acerca dos procedimentos empregados para o ministério das Lições de Coisas, considerando que

As Lições de Coisas devem ser concretas, rudimentares e práticas: concretas porque só devem ser dadas com o objeto à vista, o que provoca a observação do aluno sobre o seu todo, suas partes, qualidades, etc.; rudimentares porque as inteligências infantis não comportam investigações sutis, discussão de teorias e leis; práticas porque devem ter um emprego na vida comum; tais sejam os alimentos, os objetos, usuais, noções de fisiologia, etc.

Estudos como esse justificam o fato das professoras desta pesquisa conduzirem seus alunos a áreas de produção agrícola, durante o ensino das referidas Lições de Coisas. Haja vista que os objetos estudados como: gêneros alimentícios de origem vegetal, os tipos de relevo e os exemplares dos Reinos da Natureza eram apreciados pelos alunos. Em conformidade com essa orientação educacional, o Regimento Interno das Escolas Rudimentares do Rio Grande do Norte prescrevia, entre as atividades de linguagem oral, a “[...] descrição de objetos da casa, da escola, **da fazenda, dos arredores, etc., já conhecidos do aluno.**” (RIO GRANDE DO NORTE, 1925b, p. 26, grifo nosso).

Ao seguir essa norma, as professoras Maria José do Nascimento, Olívia Pereira e Theodora Valle organizavam os mencionados passeios escolares em locais conhecidos pelos seus alunos, onde os objetos estudados nas Lições de Coisas eram simultaneamente apreciados. Mostramos como exemplo um passeio realizado pela professora Maria José do Nascimento, no qual os alunos receberam uma Lição de Coisas sobre a produção da cana de açúcar:

Aos vinte e oito dias de outubro do ano de 1927, a Escola Rudimentar da Vila de São Miguel de Jucurutu, realizou um passeio escolar presente a professora e trinta e quatro (34) alunos. O local escolhido para o referido passeio foi o sítio Mudubin. Chegando ao local supra, depois do indispensável descanso os alunos receberam uma **Lição de Coisas que**

versou sobre a produção da cana de açúcar, a qual foi ouvida com a máxima atenção que se provou com um ligeiro interrogatório sobre a mesma. Terminando esta parte, seguiu-se a parte recreativa, que constara de merenda, jogos e calistênica ao ar livre. Com a maior harmonia, voltou-se ao edifício da escola, o que verificou-se às nove e meia horas. Terminando o passeio, lavrei o presente Termo que assino. Eu, Maria José do Nascimento professora dessa Escola Rudimentar. (ESCOLA RUDIMENTAR DA VILA DE SÃO MIGUEL DE JUCURUTU, 1927-1932, p. 31, grifo nosso).

O cultivo da cana de açúcar foi estudado por educadores potiguares, como o professor Acrísio Freire. Numa coluna intitulada *Lições de Coisas*, constante numa edição da revista *Pedagogium* datada de 1927, ele publicou um artigo mostrando a importância histórico-econômica da cana de açúcar para a formação do Brasil. O mencionado texto, dirigido aos professores das escolas primárias do Rio Grande do Norte, também afirmava ser essa planta genuinamente brasileira. Percebemos essa assertiva no seguinte trecho:

[...] podemos dizer que a cana de açúcar existia em nosso país ao tempo do descobrimento, o que não é de admirar, pois, se ela é planta dos países equatoriais e se reproduz com facilidade nessas regiões, é lógico que em nossos colossais países existisse a *sakkrá*, como lhe chamava os asiáticos. E foi o frade Antônio St. a Maria Jaboatão quem afirmou ser a cana de açúcar indígena no Brasil, a qual, encontrada em S. Vicente, foi transplantada para outras capitanias, batizando-se com o nome de cana crioula ou mirim. (FREIRE, 1927, p. 65, grifo do autor).

O texto acima fundamenta a importância histórica de uma abordagem sobre a produção da cana de açúcar nas escolas potiguares. O registro de uma Lição de Coisas sobre esse tema, realizado pela professora Maria José, na Ata supratranscrita, exemplifica esse estudo. Outro defensor do ensino das Lições de Coisas foi o educador Benigno de Vasconcelos Júnior. Num artigo intitulado *Lições de Coisas* (VASCONCELOS JÚNIOR, 1917), ele asseverava que o estudo das espécies vegetais produzia a fitologia ou botânica. Esse método desenvolvia a linguagem da criança, instigando-a a descrever as coisas e seus nomes. Os interrogatórios feitos pela professora Maria José do Nascimento, no referido passeio por ela organizado, cuja descrição consta na mencionada Ata datada de 28 de outubro de 1927, ilustram essa metodologia de ensino, pois,

São as coisas que com seus nomes, nomes de suas propriedades, de suas ações, nos levam ao estudo da linguagem. É o estudo das formas dos objetos que produz a geometria, bem como o seu número fez nascer o caçulo. É do exame da localidade e de seus habitantes que resulta a geografia e a história.

É do conhecimento dos animais, vegetais e minerais que produz a zoologia, a fitologia ou botânica e a mineralogia. (VASCONCELOS JÚNIOR, 1917, p. 8).

Nessa perspectiva, as Lições de Coisas contribuíam para o desenvolvimento da linguagem dos alunos. A habilidade em descrever as características físicas dos objetos repercutia nas maneiras de ler e escrever daquelas crianças; dessa feita “[...] O ensino-aprendizagem da leitura e da escrita centrava-se na valorização da intuição como fundamento de todo o conhecimento e as lições de Coisas considerada a chave para desencadear a pretendida renovação do ensino.” (MORAIS, M.; COSTA, K.; MORAIS, J.; 2013, p. 174).

O ensino das Lições de Coisas também era ministrado pela professora Olívia Pereira nas salas de aula do Grupo Escolar Senador Guerra. Segundo seu ex-aluno Carlos Pereira da Silva, nas aulas de Geografia era comum a utilização de mapas de diversas tipologias como instrumentos de ensino. O contato direto com esses recursos didáticos aguçava a curiosidade e, conseqüentemente, a intuição dos alunos. Nas aulas dessa professora

Ela usava o Globo Terrestre, mapas, tinha canudo de mapa por tudo quanto era canto, tinha Mapa do Brasil, mapa só dos estados, tinha Mapa Mundi, que era o Mapa do Mundo, ela usava demais, todos os professores do Grupo Escolar Senador Guerra usavam. Eu rodei muitas vezes esse globo terrestre com o dedo. (SILVA, C., 2014).

Esse depoimento expõe, em parte, os recursos didáticos dispostos aos professores daquele Grupo Escolar, para o ensino da matéria Geografia. Tais recursos viabilizavam a aprendizagem dos alunos, incutido-lhes visualmente a dimensão geográfica de espaços como o território nacional brasileiro e seus estados, e os continentes do planeta Terra. O *Livro de Registro dos Bens Móveis do Grupo Escolar Senador Guerra* (1940) registra o acervo de mapas existentes nessa instituição. (GRUPO ESCOLAR SENADOR GUERRA, 1940). Com base nesse documento, elaboramos a seguinte tabela contendo esses materiais:

Quadro 2 – Instrumentos didáticos para o ensino de Geografia no Grupo Escolar Senador Guerra (1940).

Instrumento de Ensino	Quantidade	Estado de Conservação
Globo Terrestre	1	Bom estado
Mapa da Ásia	1	Velho
Mapa da Europa	1	Velho
Mapa de Iniciação Geográfica	2	Bom estado
Mapa do Rio Grande do Norte	2	Bom estado
Mapa do Brasil	4	Bom estado
Mapa Cosmográfico	1	Bom estado
Mapa da América do Sul	1	Bom estado
Mapa da América do Norte	4	Velho
Mapa Econômico do Brasil	1	Novo

FONTE: Elaborado com base no *Livro de Registro dos Bens Móveis do Grupo Escolar Senador Guerra (1940)*.

Esses instrumentos de ensino assumiam importância para a prática dos professores do mencionado Grupo Escolar que, assim como Olívia Pereira, deveriam ensinar nas aulas de Geografia conteúdos prescritos pelo Programa de Ensino dessa matéria, a exemplo dos “[...] Pontos cardeais e colaterais. Idéia de um mapa cartográfico. Noção sobre o continente sul-americano: relevo geral. O Brasil. O Nordeste. O Rio Grande do Norte” (RIO GRANDE DO NORTE, 1925a, p. 54).

Além dos Passeios Escolares e das aulas de Geografia, as Festas Escolares constituíam-se também como momentos nos quais as professoras aqui estudadas ensinavam as Lições de Coisas. Segundo o *Livro de Atas da Escola Rudimentar da Vila de São Miguel de Jucurutu (1927-1932)*, essas professoras organizavam festas escolares na instituição; nesses momentos, orientavam os seus alunos durante a entoação de hinos e apresentações de dramas, monólogos, diálogos e poesias. (ESCOLA RUDIMENTAR DA VILA DE SÃO MIGUEL DE JUCURUTU, 1927-1932). Essas práticas pedagógicas caracterizavam as Lições de Coisas que, dada a peculiaridade com a infância, deveriam [...] ser **associadas à recreação e ao prazer**, estratégias para obter a atenção e o aguçamento da curiosidade, conseguindo-se assim formar o hábito de atenção firme, necessário à educação intelectual (VALDEMARIN, 2006, p. 171, grifo nosso).

De acordo com o citado Livro de Atas, as professoras Maria José do Nascimento, Olívia Pereira e Theodora Valle também ministravam palestras relacionadas às datas comemoradas durante as festas escolares. Nessas ocasiões faziam preleções cívicas sobre a descoberta do Brasil, os heróis da Independência e a Bandeira Nacional. Esse fato evidencia “[...] a presença constante das Lições de Coisas nas matérias e festividades realizadas na escola primária. Essa instituição utilizava o método intuitivo, as Lições de Coisas, para inculcar valores e hábitos nas crianças.” (MORAIS, M.; COSTA, K.; MORAIS, J., 2013, p. 174). Por esse motivo, as festas escolares eram momentos propícios para o ensino de conteúdos correlatos às datas em que eram comemoradas.

Diante dessas práticas, destacamos que, conforme Souza (1998, p. 241, grifo nosso), durante a consolidação do sistema republicano, a escola primária brasileira

Corporificou os símbolos, os valores e a pedagogia moral e cívica que lhe era própria. Festas, exposições escolares, desfiles dos batalhões infantis, exames e comemorações cívicas constituíram momentos especiais na vida da escola pelos quais ela ganhava ainda maior visibilidade social e reforçava sentidos culturais compartilhados. **Eles podem ser vistos como práticas simbólicas que, no universo escolar, tornaram-se uma expressão do imaginário sociopolítico da República.**

O Regimento Interno das Escolas Rudimentares do Rio Grande do Norte instituiu três festas obrigatórias: A Festa da Natureza, Festa da Pátria e a Festa da Bandeira, a serem realizadas respectivamente nos dias 03 de maio, 07 de setembro e 19 de novembro. (RIO GRANDE DO NORTE, 1925b).

Segundo o relato do senhor Francisco Ovídio, ex-aluno de Olívia Pereira na Escola Rudimentar de São Miguel de Jucurutu, com dias de antecedência à realização dessas festas, essa professora escrevia no quadro, versos e poesias que eram copiados pelos alunos nos seus cadernos e posteriormente lidos repetitivamente em voz alta. Após esse ensaio, eles estavam preparados para declamá-los durante tais eventos. O seguinte depoimento mostra essa prática:

Naquele tempo, na escola havia apresentação de dramas, eu declamei muitos! **Dona Olívia copiava no quadro os versos, depois a gente escrevia no caderno e lia alto aqueles versos várias vezes para ela ouvir se tava bom.** Uma vez eu estudei tanto um drama que eu me lembro até hoje, dizia assim: És uma ingrata queres me deixar, já não te bastam os meus carinhos, andas por certo a namorar outro galante bonequinho. Será um pierrô ou um palhaço? Um holandês ou um arlequim? Que tal vieras, verás que faço, para que não fiques tão triste assim! Néris, oh como eu te quero! Néris,

perfumada flor! Nérís, como eu te quero, como é sincero o meu grande amor! (PEREIRA, 2013, grifo nosso).

As recitações poéticas realizadas nas escolas primárias brasileiras do início do século XX estavam sintonizadas com o ideário pedagógico que permeou as exigências educacionais preconizadas pela República. Essas práticas englobavam as propostas de educação estética, direcionadas à sociedade que vivenciou a instauração desse sistema político.

Essa educação estética referia-se às mais variadas formas de expressão artística como o canto, a dança, a música, a literatura, o teatro, os trabalhos manuais, mas, principalmente às formas de educar para produzir uma emoção estética. [...] A educação estética pressupõe sujeitos plásticos, flexíveis que, por meio da educação dos sentidos e do aprimoramento da capacidade de ver, ouvir, falar, olhar e tocar, aprendam a valorizar e usufruir o chamado acervo cultural da humanidade [...]. (VEIGA, 2010, p. 406-407, grifo nosso).

A escola primária foi uma importante difusora da educação estética entre as classes populares brasileiras. Nessas instituições, as crianças despertavam desde cedo o sentimento nacionalista. As festas escolares, por exemplo, constituíam-se como momentos de franca expressão da sensibilidade artística, e da exaltação às datas nacionais. Nessa perspectiva, a escola contribuía para

Educar os sentidos e torná-los ativos por meio do desenho, da música, do teatro e da dança na educação popular, é o objetivo fundamental da educação estética na formação integral da criança. É necessário, para isso, **o exercício efetivo das práticas artísticas na escola**, seja na decoração da sala de aula, na execução de programas didáticos, na realização de exposições, **nas apresentações em festas, na comemoração das datas nacionais** [...]. (VEIGA, 2010, p. 413, grifo nosso)

Segundo o Regime didático constante no Regimento Interno das Escolas Rudimentares do Rio Grande do Norte, as festas escolares seguiam uma série de ritos materializados nas práticas dos professores e alunos dessas instituições. Esse documento asseverava que

§ 1 – *A festa da natureza*, a 3 de Maio, constará de uma reunião ou passeio geral, plantio de árvores, soltura de pássaros, **atos de carinho aos animais domésticos, admiração pelas flores e frutos**, e outras provas de afeto à criação natural, além da **recitação de poesia e prosa e entretenimentos infantis alusivos à data da descoberta do Brasil**.

§ 2 – *A festa da Pátria*, a 7 de Setembro, deverá consistir, **pelo menos, em reunião cívica, para recitativos, cânticos, entretenimentos alusivos à data, homenagem à Bandeira**, recordação dos grandes nomes, da Independência, havendo passeata sempre que for possível.

§ 3 – *A festa da Bandeira*, a 19 de Novembro, versará sobre o hasteamento dela, às 12 horas, no edifício, **com hino, saudações e palmas pelos alunos, passeata e homenagens especiais**. Se houver bandeira de desfile, ela será recebida pelas classes e daí retirada pelo porta-bandeira e guarda de honra, composta dos alunos mais distintos, ao som do hino e das aclamações. A premiação dos alunos e encerramento dos trabalhos do ano, far-se-ão no mesmo dia, após a *festa da bandeira*, com o programa organizado pelo professor. (RIO GRANDE DO NORTE, 1925b, p. 12, grifo nosso).

Essas festas eram “[...] momentos especiais na vida das escolas, das cidades, momentos de integração e de consagração de valores – o culto à pátria, à escola, à ordem social e aos bons costumes.” (SOUZA, 1998, p. 259). Eram, também, momentos de ensino-aprendizagem, seja nos discursos proferidos pelos professores, seja nas apresentações artístico-literárias realizadas pelos alunos. A participação direta dos alunos das professoras Maria José do Nascimento, Olívia Pereira e Theodora Valle, nessas atividades, revelam os princípios do método de ensino intuitivo praticado por essas professoras. Diante dessa realidade, salientamos que, de acordo com Faria Filho (2000), durante a primeira República brasileira, o papel e o estatuto do aluno assistiram sua instituição definitiva como categoria central nas representações e nas práticas pedagógicas escolares.

No *Livro de Atas da Escola Rudimentar da Vila de São Miguel de Jucurutu (1927-1932)*, constam documentos que mostram aspectos dessa centralidade. Tratam-se de Atas que registram hinos entoados, dramas, monólogos, diálogos e poesias declamadas pelos alunos dessa Escola Rudimentar, durante a realização das Festas Escolares. (ESCOLA RUDIMENTAR DA VILA DE SÃO MIGUEL DE JUCURUTU, 1927-1932). Com base no referido documento, elaboramos o seguinte quadro demonstrativo, contendo essas festas organizadas pelas professoras dessa pesquisa, bem como as atividades realizadas pelos seus alunos. Destacamos que em alguns documentos elas inclusive mencionaram os nomes dessas crianças.

Quadro 3 – Festas Escolares realizadas pela Escola Rudimentar da Vila de São Miguel de Jucurutu (1927-1932).

Professora organizadora	Festa Escolar (ano letivo)	Hinos entoados e declamações realizadas pelos alunos (dramas, monólogos, diálogos e poesias)
Maria José do Nascimento	Festa da Natureza (1927)	<ul style="list-style-type: none"> * Hino das Aves * Hino das Árvores * A Árvore (poesia) * O Pássaro Cativo (poesia) * As flores (monólogo) * As aves (drama)
	Festa da Pátria (1927)	<ul style="list-style-type: none"> * Hino à Bandeira * Hino da Independência * Hino Nacional Brasileiro * A Bandeira (poesia) * O Ipiranga (poesia) * Bandeira do Brasil, (poesia) * À São Paulo (poesia) * À Pátria (poesia) * Invocação (poesia) * Sete de Setembro (poesia) * Independência (poesia) * Saudação à Bandeira (poesia) * A minha Pátria (poesia)
	Festa da Bandeira (1927)	<ul style="list-style-type: none"> * Hino Nacional Brasileiro * A Minha Bandeira, pela aluna Donatila Bezerra (poesia) * Meu Brasil, pela aluna Júlia Lula (poesia) * Fantasia Infantil, pela Aluna Donatila Bezerra (monólogo) * A mentirosa comédia, em um ato pelas alunas: Donatila Bezerra, Raimunda Elisa, Elita de Souza, Júlia Lula e Regina Rosália (drama).
Olívia Pereira	Festa da Natureza (1928)	<ul style="list-style-type: none"> * Hino às Aves * Hino às Árvores * A Bandeira (poesia) * O Pássaro Cativo (poesia) * O Pobre (poesia) * Amor à Pátria (poesia) * Pescaria Miraculosa (drama) * Escrava da Moda (drama)
	Festa da Pátria (1928)	<ul style="list-style-type: none"> * Hino à Independência * Hino Nacional Brasileiro * A minha Bandeira (poesia) * 7 de Setembro (poesia) * Meu Brasil (poesia) * A Pátria (poesia) * Independência (poesia)

Professora organizadora	Festa Escolar (ano letivo)	Hinos entoados e declamações realizadas pelos alunos (dramas, monólogos, diálogos e poesias)
Olívia Pereira		* A Minha Pátria (poesia)
	Festa da Bandeira (1928).	* Poesias, Monólogos e Diálogos recitados pelos principais alunos (essas obras não foram citadas no documento)
	Festa da Natureza (1929)	* Hino às Aves * Hino às Árvores * As flores (poesia) * O Pássaro Cativo (poesia) * Alegria da casa (poesia) * Voto Feminino (monólogo) * Alegria da Casa (drama) * Tem Tempo (drama) * Os dois bebês (drama)
	Festa da Pátria (1929)	Esse evento não foi registrado pela professora
	Festa da Bandeira (1929)	* Poesias, Monólogos e Diálogos (essas obras não foram citadas no documento).
Theodora Valle	Festa da Natureza (1930)	* Hino Nacional Brasileiro * As bonecas (monólogo) * Eu cá não falo (monólogo) * A Carta (monólogo) * Saudação à Bandeira (poesia) * A Escola (poesia) * Meu Dever (poesia) * As duas colegas (diálogo) * O Pássaro Cativo (poesia) * 3 de maio (diálogo)
	Festa da Pátria (1930)	* Hino da Independência * Hino Nacional Brasileiro * Poesias
	Festa da Bandeira (1930)	* Hino Nacional Brasileiro * Poesias * Diálogos
	Festa da Natureza (1931)	Esse evento não foi registrado pela professora
	Festa da Pátria (1931)	* Hino da Independência * Hino à Bandeira * Poesias * Monólogos * Diálogos

Professora organizadora	Festa Escolar (ano letivo)	Hinos entoados e declamações realizadas pelos alunos (dramas, monólogos, diálogos e poesias)
Theodora Valle	Bandeira (1931)	* Hino à Bandeira * Diálogos
	Festa da Natureza (1932)	Não foi registrado em Ata
	Festa da Pátria (1932)	* Hino da Independência * Hino à Bandeira
	Festa da Bandeira (1932)	Esse evento não foi registrado pela professora

Fonte: Elaborado com base no *Livro de Atas da Escola Rudimentar da Vila de São Miguel de Jucurutu (1927-1932)*.

No quadro acima, percebemos o cumprimento das prescrições do Regimento Interno das Escolas Rudimentares do Rio Grande do Norte, haja vista que, segundo os exercícios de linguagem constantes nesse documento, era recomendado aos alunos “[...] recitar monólogos, diálogos e poesias.” (RIO GRANDE DO NORTE, 1925b, p. 27). Ao orientar essas atividades, as professoras Maria José do Nascimento, Olívia Pereira e Theodora Valle estimulavam em seus alunos a expressão de suas aptidões sobre o domínio da leitura e da escrita. Diante dessas práticas, a linguagem enquanto veículo de comunicação verbal era inerente à maneira como liam e escreviam esses alunos. Corroborando essa idéia, Gvirtz e Vidal (1999, p. 79) afirmam que

A ‘boa linguagem’, definida como clara e concisa, e, assim, veloz, estava intimamente relacionada à ‘boa escrita’, para a qual os atributos da clareza e velocidade eram, também, fundamentais. Clareza e velocidade somente poderiam ser obtidos pelo desenvolvimento do pensamento lógico e racional e das técnicas apropriadas de expressão. Ao expor suas idéias, as crianças seriam levadas a buscar em tais princípios e técnicas as maneiras adequadas de ordenação do pensamento, tanto no que se refere ao conteúdo, quanto à forma. À disciplina do falar/pensar estaria associada a disciplina do escrever.

As festas escolares constituíam-se, portanto, como momentos propícios para que essas três professoras desenvolvessem com seus alunos exercícios que favoreciam o ensino-aprendizagem da linguagem. No quadro acima, observamos a declamação da poesia *O Pássaro Cativo*, em todas as Festas da Natureza organizadas e documentadas pelas professoras desta pesquisa. Essa poesia integra a obra *Poesias Escolares* (BILAC, 1929). Diante desse fato, salientamos que, de acordo com Veiga (2010, p. 407, grifo nosso), a escola

primária republicana, estimulou “[...] o contato com a **literatura brasileira**, os cantos, a dança, presente no cotidiano das salas de aula, nas festas escolares, nas festas das cidades.” Citamos como exemplo desse âmbito educacional a Festa da Natureza, organizada pela professora Theodora Valle, na Escola Rudimentar da Vila de São Miguel de Jucurutu, no ano de 1930. Esse evento foi registrado na seguinte Ata:

Ata da Festa da Natureza. Aos três de maio do ano de mil novecentos e trinta, a Escola Rudimentar desta Vila, presente a professora, alunos e grande número de pessoas gradas, efetuou a Festa da Natureza com o seguinte programa: ‘As bonecas’, ‘Eu cá não falo’, ‘A carta’ (monólogos). ‘Saudação à bandeira’, ‘A escola’, ‘Meu dever’, ‘**O Pássaro Cativo**’ (poesias), ‘As duas colegiais’ (diálogo), ‘3 de maio’ (comédia). Um discurso pela professora dissertando a data. Para encerrar a festa os alunos cantaram o Hino Nacional. E para constar eu, Theodora Valle, lavrei a presente ata que assino. S. Miguel de Jucurutu, 3 de maio de 1930. (ESCOLA RUDIMENTAR DA VILA DE SÃO MIGUEL DE JUCURUTU, 1927-1932, p. 80, grifo nosso).

Nesse documento, destacamos a poesia *O pássaro cativo*. Essa obra transmite uma mensagem de cunho ambientalista, pautada na conservação das aves em seu habitat natural. Essa festa organizada pela professora Theodora Valle foi, portanto, um momento propício para a declamação dessa poesia que reverencia a representação da liberdade expressa pelo vôo dos pássaros. Essa característica é observada nos seguintes versos que compõem esse poema:

O pássaro Cativo

Armas, num galho de árvore, o alçapão;
 E, em breve, uma avezinha descuidada,
 Batendo as asas cai na escravidão.
 Dás-lhe, então, por esplêndida morada,
 A gaiola dourada;
 Dás-lhe alpiste, e água fresca, e ovos, e tudo:
 Por que é que, tendo tudo, há de ficar
 O passarinho mudo,
 Arrepiado e triste, sem cantar?
 É que, crença, os pássaros não falam.
 Só gorjeando a sua dor exalam,
 Sem que os homens os possam entender;
 Se os pássaros falassem,
 Talvez os teus ouvidos escutassem
 Este cativo pássaro a dizer:
 Não quero o teu alpiste!

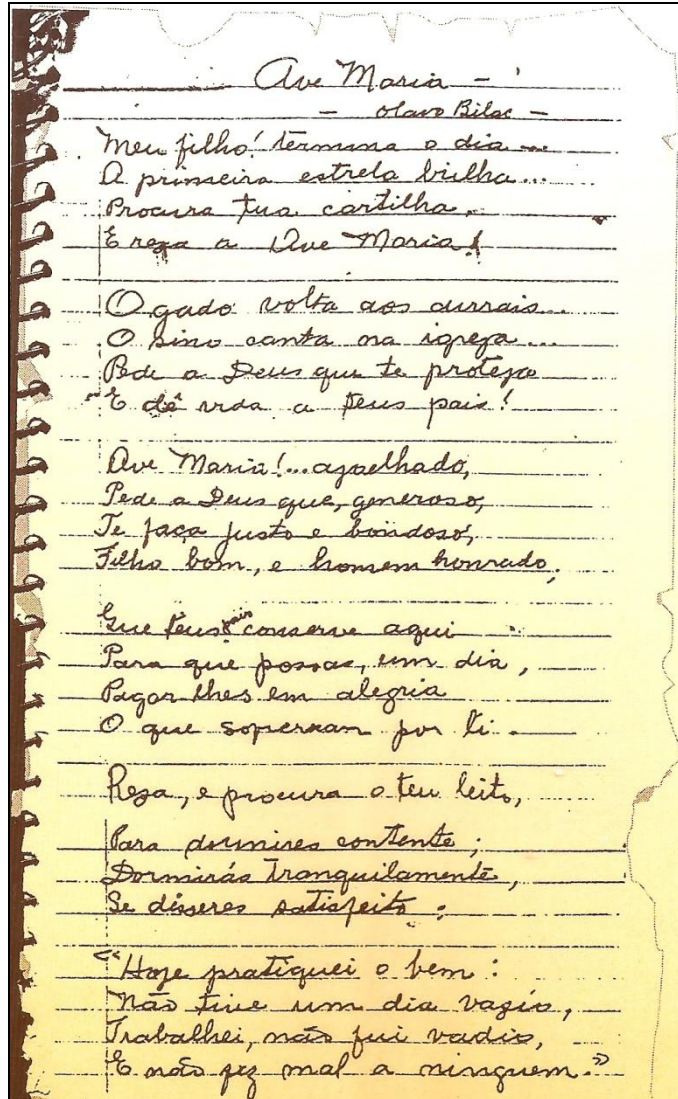
Gosto mais do alimento que procuro
 Na mata livre em que a voar me viste;
 Tenho água fresca num recanto escuro
 Da selva em que nasci;
 Da mata entre os verdes,
 Tenho frutos e flores
 Sem precisar de ti!
 Não quero a tua esplêndida gaiola!
 Pois nenhuma riqueza me consola
 De haver perdido aquilo que perdi...
 Prefiro o ninho humilde, construído,
 De folhas secas, plácido e escondido
 Entre os galhos das árvores amigas...
 Solta-me ao vento e ao sol!
 Com que direito à escravidão me obrigas?
 Quero saudar as pompas do arrebol!
 Quero, ao cair da tarde,
 Entoar minhas tristíssimas cantigas!
 Por que me prendes? Solta-me, covarde!
 Deus me deu por gaiola a imensidade.
 Não me roubes a minha liberdade...
 Quero voar! voar!...
 Estas coisas o pássaro diria,
 Se pudesse falar.
 E a tua alma, criança, tremeria,
 Vendo tanta aflição:
 E a tua mão, tremendo, lhe abriria
 A porta da prisão.
 (BILAC, 1929, p. 10).

Segundo registrou no livro *Província submersa*, o escritor norte-rio-grandense Octacílio Alecrim (2008) também recitou essa poesia no Grupo Escolar Auta de Souza, sediado na cidade de Macaíba/RN, quando fora aluno do professor Bartolomeu Gonçalves. Ao recordar esse episódio, ele se refere ao seu antigo mestre com as seguintes palavras: “A propósito, lembro-me, vez por outra, de dois episódios de sua iniciativa: a pequena composição que escrevi, e por ele revista, num 13 de maio, sobre Castro Alves e a recitação, em parceria com S., uma lolobrígida local, da poesia O Pássaro Cativo, de Olavo Bilac.” (ALECRIM, 2008, p. 147).

Esse fato demonstra que as obras de autores da literatura brasileira eram estudadas nas escolas primárias do Rio Grande do Norte. Segundo Rocha Neto (2005, p. 154), as

poesias de Olavo Bilac “[...] eram dirigidas às crianças e foram constantemente reproduzidas nos livros didáticos e recitadas na escola, durante várias décadas.” Percebemos a predileção da professora Theodora Valle pelas obras de Olavo Bilac em documentos como o seu diário pessoal, no qual ela transcreveu o poema “Ave Maria,” de autoria desse escritor. Assim observamos na imagem a seguir.

Imagem 35 – Transcrição da poesia Ave Maria de Olavo Bilac (1958).



Fonte: Acervo da família de Theodora Valle.

A habilidade em conduzir declamações poéticas, se revelava na inclinação que a professora Theodora Valle possuía para o dom da oratória. Segundo noticiou o Jornal *A Ordem*, na edição datada de 17 de agosto de 1945, durante a realização de um evento promovido pela paróquia de Jucurutu, essa professora foi uma das oradoras oficiais,

esclarecendo brilhantemente um dos temas explanados naquela ocasião. Na matéria intitulada *Jucurutu: semana das Obras das Vocações Sacerdotais*, lê-se o seguinte:

Realizou-se jubilosamente em Jucurutu, no período de 29 de julho a 2 do corrente [mês de agosto], a Semana das Obras das Vocações Sacerdotais com um programa de completa organização, que foi executado pela seguinte forma: [...] Às 19 horas, sessão na matriz, paraninfada pela Diretora das vocações e Zeladoras do Apostolado da Oração, sendo **oradora oficial d. Teodora Vale, que esclareceu brilhantemente** os benefícios e finalidades das Obras das Vocações Sacerdotais. (JUCURUTU..., 1945, p. 2, grifo nosso).

Essas demonstrações das habilidades linguísticas da professora Theodora Valle expõem sua capacidade em desenvolver atividades intelectuais, seja nas declamações poéticas realizadas no ambiente escolar, seja na apreciação da literatura brasileira. Essas práticas demonstram sua capacidade profissional.

A relação entre escrita, linguagem e técnicas de expressão é também percebida nas práticas da professora Olívia Pereira. Segundo o relato do senhor Carlos Pereira da Silva, seu ex-aluno no Grupo Escolar Senador Guerra, essa professora tinha apreço por conduzir declamações poéticas em sala de aula. Para tanto, exigia do aluno o prévio estudo dos versos ou poemas a serem declamados. Conforme Silva, C. (2014, grifo nosso) “[...] a professora Olívia tinha mania de declamação, na sala de aula todos tinham que saber declamar, declamar perante os alunos todinhos. As poesias eram muitas: ‘**Meus oito anos**’, ‘Debaixo das laranjeiras’, etc. Tinha gente que sabia muitas, em Caicó tinha muito orador.”

As declamações de versos e poesias orientadas pela professora Olívia Pereira ilustram uma recorrente estratégia de ensino adotada nas escolas primárias brasileiras, durante as primeiras décadas do século XX. De acordo com Morais, M. e Silva, F. (2011, p. 271) “As condições de produção, de apropriação da leitura são determinadas pelas práticas. No século XIX, por exemplo, a leitura em voz alta era uma prática bastante utilizada como forma de socialização. Na escola primária republicana, esse era um hábito ainda em voga.”

Segundo Otilia Pereira de Medeiros, ex-aluna de Olívia Pereira no Grupo Escolar Senador Guerra, essa professora frequentemente convidava os alunos para declamar em sala de aula, bem como durante as festas escolares realizadas em datas comemorativas. Esse método de ensino da Linguagem lhe era apazível, ela o descreveu com as seguintes palavras:

Tia Olívia fazia muita declamação na sala de aula. A coisa que eu mais gostava era de declamar na escola, eu era muito poética, gostava muito de poesia e não tinha vergonha de declamar. Entre as poesias que nós declamávamos a que eu mais gostava era ‘**Meus oito anos**’: Oh! que saudades que eu tenho da aurora da minha vida, da minha infância querida que os anos não trazem mais!... (MEDEIROS, O., 2014, grifo nosso).

A poesia *Meus Oito anos*, mencionada por Carlos Pereira da Silva (2014) e Otília Pereira de Medeiros (2014), é uma composição do escritor Casimiro de Abreu que integra o Livro *As primaveras*, publicado inicialmente no ano de 1859. Essa obra revela aspectos de uma infância bucólica, vivida em contato direto com a natureza e que se assemelha ao modo de vida de crianças interioranas, como aquelas instruídas pela professora Olívia Pereira no sertão do Rio Grande do Norte. Essa relação se confirma ao lermos os seguintes versos que compõem essa poesia:

Meus oito anos

Oh! Que saudades que tenho
 Da aurora da minha vida,
 Da minha infância querida
 Que os anos não trazem mais!
 Que amor, que sonhos, que flores,
 Naquelas tardes fagueiras,
 À sombra das bananeiras,
 Debaixo dos laranjais!
 Como são belos os dias
 Do despontar da existência!
 – Respira a alma inocência
 Como perfumes a flor;
 O mar é – lago sereno,
 O céu – um manto azulado,
 O mundo – um sonho dourado,
 A vida – um hino d’amor!
 Que aurora, que sol, que vida,
 Que noites de melodia
 Naquela doce alegria,
 Naquele ingênuo folgar!
 O céu bordado de estrelas,
 A terra de aromas cheia
 As ondas beijando a areia
 E a lua beijando o mar!
 Oh! Dias da minha infância!

Oh! Meu céu de primavera!
 Que doce a vida não era
 Nessa risonha manhã!
 Em vez de mágoas de agora,
 Eu tinha nessas delícias
 De minha mãe as carícias
 E beijos de minha irmã!
 Livre filho das montanhas,
 Eu ia bem satisfeito,
 Da camisa aberta ao peito,
 – Pés descalços, braços nus
 – Correndo pelas campinas
 A roda das cachoeiras,
 Atrás das asas ligeiras
 Das borboletas azuis!
 Naqueles tempos ditosos
 Ia colher as pitangas,
 Trepava a tirar as mangas,
 Brincava à beira do mar,
 Rezava as Ave-Marias,
 Achava o céu sempre lindo.
 Adormecia sorrindo
 E despertava a cantar!
 (ABREU, 1972).

O *Livro de Eventos do Grupo Escolar Senador Guerra (1937-1949)* também registra a realização de Festas Escolares nas quais alunos da professora Olívia Pereira participavam declamando poesias e recitando monólogos. (GRUPO ESCOLAR SENADOR GUERRA, 1937-1949). O Regimento Interno dos Grupos Escolares instituiu obrigatoriamente a realização das “[...] festas escolares de 3 de maio, 7 de setembro e 19 de Novembro.” (RIO GRANDE DO NORTE, 1925a, p. 19). Tais datas correspondiam respectivamente à Festa da Natureza, à Festa da Pátria e à Festa da Bandeira.

Durante a comemoração da Festa da Pátria, realizada entre os dias 5 e 7 de setembro de 1944, no Grupo Escolar Senador Guerra, duas alunas do 2º ano do Curso Infantil Misto, nível de ensino no qual Olívia Pereira lecionava, recitaram declamações durante a realização do evento. A atuação dessas alunas deu-se no dia 7 de setembro, a partir das 16 horas, na seguinte ordem de apresentações: “X – Pátria Querida – poesia – por Teresinha Silva, do 2º ano. XI – Saudação á bandeira – monólogo – por Dulce Pereira, do 2º ano.” (GRUPO ESCOLAR SENADOR GUERRA, 1937-1949, p. 55).

Ao conduzir declamações poéticas com os seus alunos do Grupo Escolar Senador Guerra, a professora Olívia Pereira seguia uma norma do Regimento Interno dos Grupos Escolares do Rio Grande do Norte. Segundo esse documento, na parte oral da disciplina Língua Materna, era recomendado aos alunos como exercício de aprendizagem a “Declamação de poesia ou prosa” (RIO GRANDE DO NORTE, 1925a, p. 51).

A primazia atribuída ao ensino da leitura e da escrita nas escolas primárias do Rio Grande do Norte, durante as primeiras décadas do século XX, refletia-se no Regimento Interno dessas instituições de ensino. Enquanto professoras atuantes na Escola Rudimentar da Vila de São Miguel de Jucurutu (aqui nos referimos a Maria José do Nascimento, Olívia Pereira e Theodora Valle) e, posteriormente, no Grupo Escolar Senador Guerra (aqui nos referimos apenas a Olívia Pereira e Theodora Valle), essas profissionais tiveram suas práticas educativas submetidas às regulamentações impostas por esses documentos.

O Regimento Interno das Escolas Rudimentares do Rio Grande do Norte foi expedido pelo Diretor Geral do Departamento de Educação, no dia 03 de abril de 1925. O artigo 13 do Capítulo IV desse documento determinava o seguinte:

Haverá todos os dias exercícios de leitura, escrita, linguagem e contabilidade, de acordo com os programas anexos, e na quinta-feira, será dada a explicação das noções gerais, em que os assuntos do programa serão continuamente revezados. Se a quinta-feira for feriado, a explicação será dada na quarta-feira. (RIO GRANDE DO NORTE, 1925b, p. 10).

Igualmente, o Regimento Interno dos Grupos Escolares do Rio Grande do Norte, de 1925, primava pelo ensino da leitura, da escrita e do cálculo nessas instituições, atribuindo prioridade ao ensino dessas disciplinas. O artigo 32 do Capítulo IV desse documento afirmava que “O fundamento do ensino primário consiste em leitura e escrita, língua materna, cálculo e desenho, que serão cuidadosamente seriados, constituindo as demais disciplinas os elementos acessórios da instrução primária.” (RIO GRANDE DO NORTE, 1925a, p. 16).

Esses aspectos da legislação educacional potiguar mostram a preocupação em combater o analfabetismo nos estados brasileiros no início do século XX. Com a instauração da República no Brasil “[...] o analfabetismo é alçado ao estatuto de marca da inaptidão do país para o progresso. Erradicá-lo é a nova prioridade na hierarquia das providências de reforma educacional.” (CARVALHO, 2010, p. 227).

Ao reconstituirmos as práticas educativas das professoras Maria José do Nascimento, Olívia Pereira e Theodora Valle, observamos a consonância entre o seu fazer docente e a legislação escolar expressa nos mencionados documentos. Conforme já conceituamos no Capítulo I, as práticas educativas são transmissoras de conhecimentos definidos por um conjunto de normas inerentes a culturas educacionais estabelecidas pelas sociedades em cada época. Em consonância, Julia (1995), Faria Filho e Vidal (2004, p. 143) enfatizam que, no campo da história da educação,

Normas e práticas não podem ser analisadas sem se levar em conta o corpo profissional dos agentes que são chamados a obedecer a essas ordens e, portanto, a utilizar dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar sua aplicação, a saber, os professores primários e os demais professores.

No caso das mencionadas professoras, as práticas seguidas eram as prescrições dos mencionados Regimentos Internos. A análise dos documentos catalogados em nossa pesquisa nos mostra que o ensino da leitura, escrita e cálculo era a tônica das práticas educativas das professoras estudadas. No Termo de visita e Inspeção Técnica, lavrado no dia quatro de junho de mil novecentos e trinta, por exemplo, constam as seguintes informações sobre as lições e exercícios ministrados pela professora Theodora Valle na Escola Rudimentar da Vila de São Miguel de Jucurutu:

Termo de Visita de Inspeção Técnica

[...] **Lições**

Leitura: **Nos livros recomendados**

Gerais: Zonas do Rio Grande do Norte

Aritmética: **Ainda estão em multiplicar**

Língua materna: **Noções de gramática**

Exercícios

Desenho: –

Caligrafia: **Os alunos escrevem regularmente**

Calistenica: Exercícios físicos [...]

Trabalhos manuais: Pontos de agulha

(RIO GRANDE DO NORTE, 1930, p. 1, grifo nosso).

Igualmente, no Termo de visita e Inspeção Técnica, lavrado no dia dez de abril de mil novecentos e trinta e um, consta que a professora Theodora Valle ministrava na Escola Rudimentar da Vila de São Miguel de Jucurutu Lições de Leitura, Aritmética e Língua Materna, assim como exercícios de caligrafia, prescritos pela legislação educacional da época. Essa realidade é percebida no seguinte trecho desse documento:

Termo de Visita de Inspeção Técnica

[...] **Lições**

Leitura: **Nos livros recomendados**

Gerais: Uma vez por semana (5ª feira)

Aritmética: **As quatro operações** (2ºano)

Língua materna: **Exercícios de linguagem**

[...] **Exercícios**

Desenho: –

Caligrafia: **Sim**

Calistenica: –

Trabalhos manuais: Crochê e pontos de marcar (para as meninas).
(RIO GRANDE DO NORTE, 1931b, p. 1, grifo nosso).

A partir da análise desses documentos, identificamos parte do material didático-pedagógico utilizado pela professora Theodora Valle, em sala de aula, e constatamos o rendimento na aprendizagem dos seus alunos, no tocante à assimilação da leitura e da escrita. Essa situação se evidencia na expressão “Os alunos escrevem regularmente”, contida no primeiro Termo de Visita supratranscrito. Segundo o Regimento Interno das Escolas Rudimentares, os livros escolares recomendados para o ensino nessas escolas eram os seguintes:

Para os alunos: Leitura (1º ano) Cartilha, de Hilario Ribeiro, Ensino Rápido, de Mariano de Oliveira, Páginas Infantis, de Mariano de Oliveira, Leitura Preparatória, de Francisco Vianna. (2º ano): Primeiro, Segundo e Terceiro Livro de Francisco Vianna, Nossa Pátria, de Rocha Pombo, Saudade, de Thales de Andrade. Para os professores: Exercícios de linguagem (livro do discípulo), por um professor. Aritmética, de A. Trajano (curso médio e progressivo). Lições de Coisas, de V. Martel, ou Mario, de Paulo Tavares. O Rio Grande do Norte, do Dr. Manoel Dantas. Constituição Política do Rio Grande do Norte, do Dr. Antonio de Souza. Geografia primária, de Veiga Cabral. (RIO GRANDE DO NORTE, 1925b, p. 34).

Os livros de leitura eram instrumentos de ensino didático amplamente utilizados pelos professores dos estabelecimentos oficiais de ensino primário do Rio Grande do Norte. O seguinte relato do senhor Francisco Ovídio Pereira, ex-aluno da professora Olívia na Escola Rudimentar da Vila de São Miguel de Jucurutu, no ano de 1928, também exemplifica os recorrentes ensinamentos da leitura, escrita e cálculo nas escolas primárias daquela época:

A professora Olívia Pereira era uma professora muito boa, era calma e paciente com os alunos, quando algum aluno não entendia a lição ela explicava tudo de novo. **Ela escrevia no quadro as letras, as palavras e os números. Cada aluno tinha seu caderno de escrever a lição. Ela ensinava a ler, a escrever e a contar, eu fui aluno dela no primeiro ano.** (PEREIRA, 2013, grifo nosso).

Esse relato mostra parte dos procedimentos que a professora Olívia Pereira utilizava em sala de aula, ou seja, escrita simultânea no quadro negro e cópia da lição de leitura. Diante desse fato, destacamos que, entre os exercícios de Leitura e Escrita prescritos pelo Programa de Ensino constante no Regimento Interno das Escolas Rudimentares do Rio Grande do Norte, era recomendado aos alunos do

Primeiro ano: Copiar o nome próprio. Reproduzir, na ardósia, ou no papel, as letras, sílabas, palavras ou frases, de acordo com a lição de leitura. Segundo ano: Reprodução de traslado ou modelo do professor, no papel ou no quadro negro. Letra corrida, redonda e legível, sem apêndices. (RIO GRANDE DO NORTE, 1925b, p. 26).

Esse documento reflete a importância do domínio sobre a leitura e a escrita nas escolas brasileiras de ensino primário, no início do século, segundo o mesmo, o ensino rudimentar compreendia “[...] a leitura, a escrita, a linguagem, a contabilidade e as noções gerais de conhecimentos úteis.” (RIO GRANDE DO NORTE, 1925b, p. 7).

Nesse sentido, Mortatti (2006, p. 2) destaca que, com o advento da República brasileira, “[...] saber ler e escrever se tornou instrumento privilegiado de aquisição de saber/esclarecimento e imperativo da modernização social [...]”. Ou seja, do ponto de vista educacional, o processo de consolidação da República apregoava a difusão de uma cultura letrada que ajustaria os cidadãos à nova realidade sociopolítica do país.

As práticas educativas da professora Olívia Pereira no Grupo Escolar Senador Guerra também demonstram a importância que o ensino da leitura e escrita assumia nas escolas

primárias do Rio Grande do Norte no início do século XX. Segundo o depoimento do senhor Carlos Pereira da Silva, seu sobrinho e ex-aluno naquela instituição

Ela escrevia frases e mais frases no quadro, aí apagava e dizia: fulano, venha até o quadro e repita o que eu fiz! **Fazia ditado de palavras**, toda semana tinha uma aula de ditado. O dia variava e tinha dia que era cópia, **ela pegava o livro de leitura e dizia: abra o livro na página tal!** A gente abria o livro de leitura, aí tava lá. Todo mundo tinha o livrinho, **ela dizia: Vamos fazer a cópia dessa leitura aí! A gente fazia a cópia e depois ela botava as notas**, toda vida foi assim. (SILVA, C., 2014, grifo nosso).

As práticas descritas eram orientadas pelo Programa de Ensino do Curso Infantil Misto, constante no Regimento Interno dos Grupos Escolares do Rio Grande do Norte. Segundo esse documento, o ensino da leitura e escrita prescrevia a

Escrita simultânea, no quadro negro ou no papel liso, das sentenças, ou palavras, ou sílabas, ou letras da leitura. Escrita do nome do aluno, do grupo escolar, do curso infantil, data e localidade da escola. [...] Escrita corrente, igual, legível, sob modelo, de sentenças. **Cópia da lição de leitura. Ditados simples de palavras e sentenças da lição. Exercícios de caligrafia inclinada:** cuidados especiais com a posição do corpo, do papel e da pena, entre os dedos. Uso da pena e da tinta. (RIO GRANDE DO NORTE, 1925a, p. 49, grifo nosso).

No contexto educacional potiguar do início do século XX, Nestor dos Santos Lima³² emergiu como um dos principais intelectuais. Suas concepções educativas, acerca da pedagogia, alfabetização, leitura e escrita, foram publicadas em jornais como *A República*. Nesse periódico, ele assinava uma coluna intitulada *Pedagogia*, cujo objetivo era orientar os professores, evidenciando a importância dessas habilidades. No tocante ao ensino da leitura nas escolas primárias, esse educador destacou os seguintes métodos:

O **método alfabético** que inicia a leitura pelo conhecimento das letras, dando a cada uma destas um nome e um valor, às vezes, diversos, quando juntos nas palavras. **Gato** é soletrado por este método: gê a = ga, tô o =to. Donde vemos que as letras **g, t e o**, não soaram na sílaba e na palavra, do mesmo modo que isoladas.

O **método fônico** (também chamado de Port-Royal), trazendo um adiantamento sobre o alfabético, só dá à letra o valor e não o nome, fazendo surgir as consoantes de um “e” mudo ou articulando-a com um ruído, de

³² “Ele dirigiu a Escola Normal de Natal, de 1910 a 1923, e foi diretor do Departamento de Educação de 1924 a 1928, anteriormente Diretoria Geral da Instrução Pública.” (MORAIS, M.; SILVA, F., 2011, p. 267).

acordo com a sua função na sílaba ou na palavra. A palavra **Sapo** é decomposta assim: Sss... a p...o. Este método começa pelo conhecimento dos sons simples, as vogais, vindo depois as consoantes afim de serem combinadas com os sons puros conhecidos.

O de **silabação**, abstrai do conhecimento das letras, seja tendo nome e valor, seja com valor somente, para estudar os elementos tônicos da palavra – as, sílabas, por onde começa. Assim, a palavra cadeira será decomposta nas sílabas **ca – dei – ra**, desprezando o conhecimento das letras e seus valores.

[...] O **método analítico** que consiste em ensinar a leitura pela palavra e pela sentença. Ele se baseia em que a criança dispõe de grande número de palavras aprendidas em casa e, pois, a escola deve aproveitar os elementos já conhecidos, isto é ouvidos e pronunciados muitas vezes pela criança, para iniciá-la no conhecimento dos caracteres escritos ou impressos que os representam. (LIMA, 1911a, p. 1, grifo nosso).

O método analítico de ensino da leitura se contrapunha aos demais, haja vista basear-se em ensinar a leitura pela palavra e pela sentença. Nesse processo, o professor deveria aproveitar os elementos ouvidos e pronunciados, portanto, conhecidos pela criança, desde o seu ambiente doméstico. Na opinião de Nestor dos Santos Lima “[...] era o método analítico da leitura, oficialmente adotado no Estado de São Paulo, profícuo pela capacidade analítica propiciada ao aluno.”(MORAIS, M.; SILVA, F., 2011, p. 269).

Numa entrevista concedida pela senhora Anita Brito, ex-aluna de Olívia Pereira no Grupo Escolar Senador Guerra, percebemos descrições do método analítico do ensino da Leitura praticado por essa professora em sala de aula:

“[...] para ensinar a letra G por exemplo, Dona Olívia perguntava na sala de aula: ‘com que letra se escreve a palavra galinha?’ então todo mundo respondia: Gêêê... Feito isso, ela mandava todo mundo imitar a galinha, depois escrevamos nos nossos cadernos a palavra galinha. As atividades de escrita e leitura eram todas copiadas pela nossas cartilhas.” (BRITO, 2013).

Desde a segunda metade do século XIX, foram produzidas Cartilhas escolares por educadores brasileiros. O impulso na edição desses materiais acentuou-se, em alguns estados, “[...] a partir da década de 1890, solidificando-se nas primeiras décadas do século XX, quando se observa o engendramento de fenômenos correlatos: apoio de editores e especialização de editoras na publicação desse tipo de livro didático.” (MORTTATI, 2000, p. 42).

Segundo informações de Carlos Pereira da Silva (2014), ex-aluno de Olívia Pereira, uma das cartilhas utilizadas pela professora Olívia Pereira para o ensino da leitura era a *Cartilha de Ensino Rápido da leitura*, de autoria de Mariano de Oliveira, de 1932. O Regimento Interno dos Grupos Escolares recomendava, para Curso Infantil Misto, as

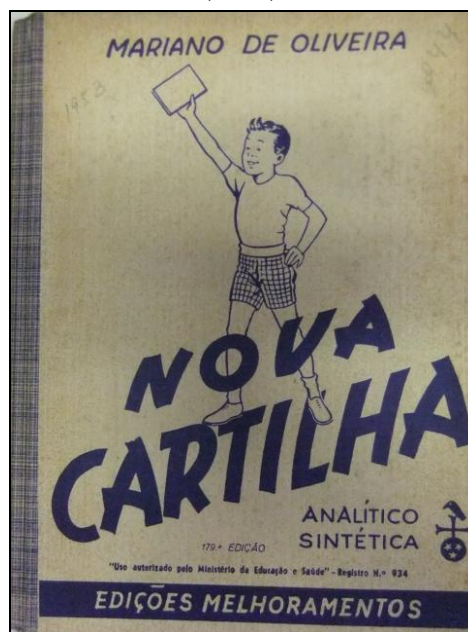
seguintes obras desse autor: Cartilha de Ensino Rápido da Leitura, Cartilha Analítico-Sintética e o Livro Páginas Infantis. (RIO GRANDE DO NORTE, 1925a, p. 79).

Imagem 36 – Cartilha Ensino Rápido da Leitura (1944).



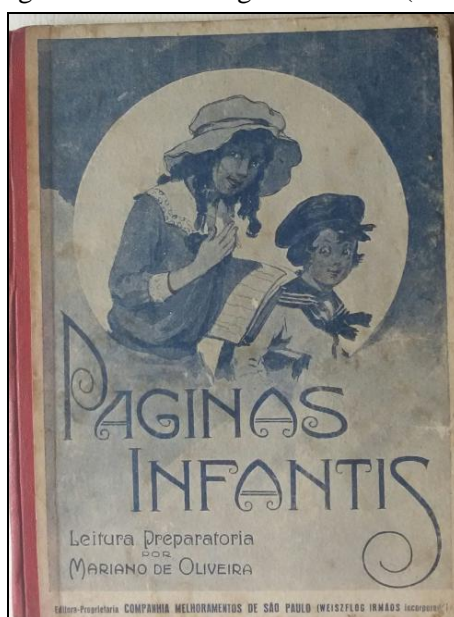
Fonte: Acervo da Escola Caetano de Campos (SP).

Imagem 37 – Nova Cartilha Analítico Sintética (1953).



Fonte: Acervo da Escola Caetano de Campos (SP).

Imagem 38 – Livro Páginas Infantis (193-?).



Fonte: Acervo particular de Janaina Morais.

Para o ensino da escrita, a professora Olívia Pereira, por exemplo, utilizava Cadernos de Caligrafia. O uso desse material didático proporcionava uma letra legível e o domínio sobre essa técnica. Segundo relato de um de seus ex-alunos “[...] Nos cadernos de caligrafia tinha letras garrafais, letras maiúsculas e minúsculas, **a gente fazia todo tipo de letra. A gente aprendia a escrever mesmo! É por isso que todo mundo tinha a letra boa! A gente escrevia tudo no caderno** (SILVA, C., 2014, grifo nosso)

No tocante ao ensino da escrita, (LIMA, 1911b, p.1) refletia que “[...] não há propriamente métodos: há, entretanto, princípios a observar e processos a empregar”. Tais princípios, diziam respeito à posição do corpo, do papel e da pena. Eram eles:

1º Para que a posição do corpo seja boa, é necessário que a carteira e o banco tenham uma altura proporcional ao aluno. Sentado, ele deve apoiar os pés no solo ou no estrado, avançando um pouco o esquerdo, estar de frente para a carteira e não com o lado direito para ela; o tronco vertical, a cabeça levemente inclinada para a frente; os braços apoiados na borda da carteira, o esquerdo segurando o papel e o direito dirigindo a pena. Entre as vistas e o papel deve haver 30 cm de distância.

2º o papel é colocado em sentido perpendicular ao corpo, na caligrafia inglesa e um pouco obliquamente da esquerda para a direita, na caligrafia francesa.

3º A pena deve ser tomada pelos três dedos, polegar, indicador e médio; destinando-se os outros dois a receberem o peso da mão, suspendendo-a do papel. (LIMA, 1911b, p. 1).

Segundo Lima (1911b, p. 1), “A caligrafia é a bela escrita, feita com arte e perfeição e segundo os tipos estabelecidos.” Os tipos de caligrafia são diversos, entretanto dois merecem atenção quando se discute o ensino da escrita na escola primária; são elas: a inglesa ou vertical e a francesa ou inclinada. Os defensores da escrita vertical, a exemplo dos participantes do 5º Congresso Internacional de Higiene, defendiam que a criança tendia para a escrita vertical redonda, pois se aprende em menos tempo que a inclinada. Além disso, seus caracteres são mais legíveis e parecidos com os da imprensa. (LIMA, 1911b).

Por outro lado, os adeptos da escrita inclinada, como os integrantes da Liga de Escrita Nacional da França – composta exclusivamente por higienistas – acreditavam que, do ponto de vista ortopédico, a escrita vertical não permitia à criança uma atitude normal, devido ao contínuo deslocamento do braço

[...] Este movimento do braço ocasiona uma fadiga muscular que torna esta escrita fatigante e muito lenta e apresenta grande perigo para as crianças predispostas às deformações e a câimbra dos escritores. A escrita inclinada, que se produz por um mecanismo mais simples e, por conseguinte, muito menos fatigante, assegura à criança uma atitude correta: **é esta que convém ensinar nas escolas.** (LIMA, 1911b, p. 1, grifo nosso).

No tocante ao ensino do cálculo nas escolas primárias do Rio Grande do Norte, o Regimento Interno dos Grupos Escolares recomendava as metodologias de ensino adequadas aos professores para o ensino de Aritmética. Segundo esse documento, convinha ensinar as “operações sobre números maiores. Conhecimento do $1/2$, $1/3$, $1/4$, $1/5$, $1/6$, $1/7$, $1/8$, $1/9$, $1/10$. Taboada das quatro operações, cada vez mais desenvolvida. Formação prática das unidades, dezenas, centenas e milhares: uso do contador brasileiro”. (RIO GRANDE DO NORTE, 1925a, p. 52).

O depoimento de um dos ex-alunos de Olívia Pereira no Grupo Escolar Senador Guerra exemplifica tais procedimentos de ensino recomendados pelo mencionado Regimento Interno. A seguinte fala ressalta o ensino da tabuada nas aulas de Olívia Pereira.

A aula de Matemática era num livro de Aritmética de Ary Quintela que era um grande matemático. Ela ensinava a somar, diminuir, multiplicar e dividir, as quatro operações. Tinha o dia da tabuada. A gente estudava aquela tabuada em casa, no dia do argumento a gente tinha que saber aquela tabuada por dentro e por fora, ela saía perguntando na sala de um em um, aí saía pulando o nome! (SILVA, C., 2014, grifo nosso)

Ao analisarmos todos esses documentos relativos às práticas educativas das professoras aqui estudadas, constatamos que a tônica do ensino primário no território potiguar, durante as primeiras décadas do século XX, consistia no ensino da leitura, da escrita e do cálculo. Essas matérias deveriam ser ensinadas com base nos métodos intuitivos de ensino, conforme determinava a Lei nº 405, de 29 de novembro de 1916 (RIO GRANDE DO NORTE, 1917, p. 29). A pedagogia do método intuitivo de ensino fundamentou as práticas educativas das professoras dessa pesquisa, cujas metodologias de ensino foram transpassadas pelas Lições de Coisas que se constituíam como a base desse método. Nesse estudo, mostramos uma parte da contribuição dessas três profissionais para a instrução pública de nível primário no Seridó norte-rio-grandense e, conseqüentemente, a construção de uma sociedade letrada.

5 A ESCRITA DESSA HISTÓRIA

A escrita desta Dissertação partiu do nosso lugar social, o município de Jucurutu, historicamente situado na região do Seridó Norte-rio-grandense³³. Acreditamos que toda pesquisa historiográfica

[...] se articula com um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural [...]. É em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delinea uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam. (CERTEAU, 2002, p. 66).

Conforme já destacamos no capítulo I, foi em Jucurutu/RN que estabelecemos o contato inicial com as práticas educativas das professoras Maria José do Nascimento, Olívia Pereira e Theodora Valle, cujas atuações em diversas cidades do interior potiguar, durante a primeira metade do século XX, tiveram como ponto de intersecção geográfica o mencionado município que, até o ano de 1935, tratava-se de uma vila enraizada às margens do Rio Piranhas e que sediava a Escola Rudimentar da Vila de São Miguel de Jucurutu. Portanto, ao buscarmos uma melhor compreensão acerca da história educacional jucurutuense, interessamo-nos em pesquisar as práticas dessas profissionais. Ao avançarmos nesse estudo, percorremos outros caminhos que gradativamente avançavam pelo Seridó potiguar.

Ao realizar essa pesquisa, refletimos sobre a articulação entre as educadoras aqui estudadas e o lugar que ocupavam na sociedade seridoense. Refletimos também, sobre o significado de serem professoras primárias, bem como a importância dessas profissionais para a instrução pública, naquele contexto onde conciliavam as atividades de educadoras e de mães de família (aqui nos referimos somente a Olívia Pereira e Theodora Valle). Essa situação demarcava uma realidade educacional mais ampla, na qual

A mãe-esposa e a institucionalização doméstica associavam o gênero feminino também com a educadora no lar. Seja no público, como professora, seja no privado como mãe-esposa, o cuidado feminino é percebido nessa configuração como a base educacional que a República e o entre-séculos legaram ao século XX brasileiro. (PINHEIRO, 2009, p.9).

³³ Segundo Medeiros Filho (1981), a região do Seridó está historicamente ligada à primeira concessão de sesmaria, ocorrida no ano de 1676, cujo território corresponde ao atual município de Araci/RN. Posteriormente, outros territórios foram gradativamente ocupados, resultando em outros municípios que, a exemplo de Jucurutu, teve como fator de fixação colonizadora a criação bovina.

Seja no convívio familiar, seja no ambiente profissional, investigar as práticas dessas professoras significou ingressar numa viagem pela história da educação potiguar nas primeiras décadas do século XX. Ao trilhar esse percurso, conhecemos suas trajetórias de vida, as dificuldades enfrentadas ao buscarem a formação docente e ao exercerem o magistério nos rincões seridoenses. Visitamos suas salas de aula reconstituídas através das reminiscências de ex-alunos. Igualmente, localizamos documentos que nos mostraram parcialmente os materiais didáticos por elas utilizados e as matérias que ensinavam.

Essa investigação nos conduziu por acervos lacunares de instituições escolares que conservam, de forma inadequada, os seus documentos. (Re) visitamos as memórias dessas professoras, materializadas nos seus álbuns fotográficos, diários pessoais e textos manuscritos. Seus familiares partilharam conosco parte de suas vidas marcadas pela dedicação ao magistério. Descobrimos que, a exemplo da educadora seridoense Chicuta Nolasco Fernandes (nascida no atual município de Caicó/RN), primeira diretora da Escola Normal de Natal e colunista de importantes jornais que circularam no Rio Grande do Norte (MORAIS, M., 2006), as professoras Olívia Pereira e Theodora Valle também prestaram suas contribuições para a educação pública na capital potiguar, lecionando em instituições como o Grupo Escolar Áurea Barros e a Escola Regimental do 16º Batalhão de Infantaria de Natal.

Esse âmbito educacional demonstra a contribuição de mulheres potiguares para a construção da história educacional do nosso estado. Nesse sentido, vale destacar o pioneirismo da escritora Isabel Gondim, primeira mulher a ingressar no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e uma das primeiras a publicar obras de cunho educativo, a exemplo do livro intitulado *Reflexões às minhas alunas*. (MORAIS, M., 2003). Com o avanço das primeiras décadas do século XX, outras mulheres potiguares, por exemplo, Isabel Gondim, buscaram novos espaços, outras realidades sociais onde pudessem mostrar o seu potencial intelectual e profissional. Entre estas, elencamos as professoras desta pesquisa.

Entrecruzamos nossas idas e vindas a bibliotecas e acervos públicos e privados com a fundamentação teórico-metodológica desse estudo, ou seja, a História Cultural. Esta perspectiva também enfatiza a importância que as práticas de sujeitos, muitas vezes anônimos para a história, assumem numa pesquisa. No caso deste estudo histórico, mostramos a materialização da legislação educacional do Rio Grande do Norte nas práticas educativas das mencionadas professoras que, até então, permaneceram desconhecidas, sendo esta a primeira pesquisa de profundidade histórica escrita sobre elas.

Com essa labuta, reconstituímos uma parte do magistério das professoras Maria José do Nascimento, Olívia Pereira e Theodora Valle. Durante muitos anos, os registros sobre as suas práticas estiveram expostos ao inevitável esquecimento que vitimou a memória de muitos dos seus ex-alunos (a maioria atualmente falecidos) e ao anonimato dos seus acervos pessoais guardados por seus familiares. Esperamos contribuir para a história da educacional da região do Seridó, bem como no estado do Rio Grande do Norte. Salientamos que a história de muitas professoras seridoenses ainda permanece desconhecida, aguardando por pesquisadores da educação que poderão, através da sua escrita, mostrar a participação dessas profissionais na instrução pública do território potiguar.

REFERÊNCIAS

ABREU, Casimiro de. **As primaveras**. São Paulo: Livraria Editora Martins S/A co-edição Instituto Nacional do Livro, 1972. Disponível em: <<http://www.culturatura.com.br/obras/As%20primaveras.pdf>>. Acesso em: 1 out. 2015.

ALECRIM, Octacílio. **Província Submersa**. Brasília: Gráfica do Senado Federal, 2008.

ALMEIDA, Jane Soares de. **Ler as letras: por que educar meninas e mulheres?** São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo; Campinas: Autores Associados, 2007.

ARAÚJO, Maria Marta de. **José Augusto Bezerra de Medeiros: político e educador militante**. Natal: EDUFRN, 1998.

ARAÚJO, José Bezerra de. **Livro Iconográfico de José Bezerra de Araújo**. Natal/RN: Moura Ramos Gráfica e Editora. 2000.

ARAÚJO, Ausônio Tércio de; DANTAS, Eugênia Maria; MEDEIROS, Maria das Dores; MACEDO; Muirakytan K. de (Org.). **Mestres do Seridó: Memórias**. Natal: Una, 2006.

ARAÚJO, Josefa Bezerra de. **Entrevista**, maio de 2011.

ARAÚJO, Nanael Simão de. **Grupo Escolar Antônio Batista: um estudo sobre a história da educação no município de Jucurutu/RN (1935-1945)**. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó (RN), 2011.

_____. **O canto do Jucurutu**. Caicó/RN: Gráfica Seridó, 2012.

ARAÚJO, Iluminata Lopes de. **Entrevista**, 20 de setembro de 2013.

AZAMBUJA, Mailde Medeiros. **Sem cursos e com poucos recursos**. Natal/RN: Ed. Bizu, 2013.

AZEVEDO, Fernando de et. al. O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, v. 65, n. 150, p. 407- 425, 1984.

BILAC, Olavo. **Poesias escolares**. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1929.

BRITO, Anita. **Entrevista**. Natal, 20 de abril. 2013

BURKE, Peter. **A Escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999.

CAICÓ/RN. Lei nº 3.876, de 25 de maio de 2001. Denomina a Escola Municipal Olívia Pereira Rodrigues, situada no Bairro Paulo VI, Rua Padre Inácio Gonçalves de Melo nº 40. **Atos Legislativos e Decretos do Governo Municipal**. Caicó-RN, 2001a.

_____. **Decreto Legislativo nº 025/01, de 20 de julho de 2001**. Outorga à Olívia Pereira Rodrigues a comenda Vila do Príncipe pelos seus relevantes serviços prestados a cidade de Caicó. Decretos da Câmara Municipal. Caicó-RN, 2001b.

CAPELATTO, Maria Helena Rolim. **A imprensa na história do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1994.

CARVALHO, Maria Marta Chagas de. Reformas da Instrução Pública. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 225-251.

CARDOSO, Déa Lopes. **Entrevista**. Paris, 10 de agosto de 2014.

CASCUDO, Luiz da Câmara. **Nomes da terra**: história, geografia e toponímia do Rio Grande do Norte. Natal: Fundação José Augusto, 1968.

CAVALCANTI, Maria Leonor. In: **Jornal das Moças**, Caicó-RN, 1926.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Galhardo. Lisboa: Difel. 1990.

CIRNE, Moacy. **A Invenção de Caicó**. Natal/RN: Sebo Vermelho Edições, 2004.

ESCOLA RUDIMENTAR DA VILA DE SÃO MIGUEL DE JUCURUTU. **Livro de Atas da Escola Rudimentar da Vila de São Miguel de Jucurutu**. Jucurutu/RN, 1927-1932.

ESTEVAM, Antonio. Os Passeios. **Revista Pedagogium**. Natal: Tipografia Natalense, n. 20, 1925.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **Dos pardieiros aos palácios**: cultura escolar e urbana em Belo Horizonte na Primeira República. – Passo Fundo: UPF, 2000.

_____. Instrução elementar no século XIX. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 135-149.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VIDAL, Diana Gonçalves. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 139-159, jan./abr. 2004.

FÉLIX, Ezequiel. MOREIRA, Aldo. FREIRE, Francisca Daise Galvão. **Júlia Medeiros: peso da tradição, desejo de liberdade**. 1997. Monografia (Graduação em História) – Departamento de Estudos Sociais e Educacionais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó (RN), 1997.

FREIRE, Acrísio. Lições de Coisas. **Revista Pedagogium**. Natal: Imprensa Diocesana, 1927.

GRUPO ESCOLAR ANTÔNIO BATISTA. **Livro de Atas do Grupo Escolar Antônio Batista**. Jucurutu, 1936-1942. (manuscrito).

GRUPO ESCOLAR SENADOR GUERRA. **Livro de Eventos do Grupo Escolar Senador Guerra**. Caicó/RN, 1937-1949. (manuscrito).

_____. **Livro de Registro dos Bens Móveis Pertencentes ao Grupo Escolar Senador Guerra**. Caicó/RN. 1940. (manuscrito).

GVIRTZ, Silvia; VIDAL, Diana Gonçalves. História da educação comparada na América Latina. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de. (Org.). **Pesquisa em história da educação: perspectivas de análise, objetos e fontes**. Belo Horizonte: HG Edições, 1999. p. 69-86.

JORNAL DAS MOÇAS, (1926-1932). Semanário editado pelas professoras Georgina Pires, Dolores Diniz, Júlia Medeiros e outras colaboradoras na cidade de Caicó/RN.

JUCURUTU, Semana das Obras das Vocações Sacerdotais. **A Ordem**, Natal-RN, p. 2, 17 ago. 1945. (Coluna Pelos Municípios).

JUCURUTU/RN. **Decreto nº 646, de 18 de abril de 1997**. Cria no município de Jucurutu, uma Unidade de Ensino Rural denominado 'Dorinha Vale'. Atos Legislativos e Decretos do Governo Municipal. Jucurutu-RN, 1997.

_____. **Denominação da Rua professora Dorinha Vale**. Arquivo do Imposto Predial e Territorial Urbano. 2014.

JULIA, Dominique. **A cultura Escolar como objeto histórico**. Tradução Gizele de Souza. International journal of the history of education. Suppl. Series, v. I. Coord. A. Nóvoa, M. Depaepe e E. V. Johanningmeier, 1995, p. 353-382.

LAMARTINE, Osvaldo. **Velhos Costumes do meu sertão**. Natal: Edições da Fundação José Augusto, 1965.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: EDUNICAMP, 1994.

LIMA, Nestor dos Santos. A leitura, suas espécies, métodos e processos. **A República**, Natal, p.1, 21 jul. 1911a. (Coluna Pedagogia).

_____. A escrita, seus princípios e processos. A caligrafia. **A República**, Natal, p. 1, 28 jul.1911b. (Coluna Pedagogia).

_____. Lições de Coisas, Sua importância, princípio e método. **A República**, Natal, p. 1, 26 jul. 1911c. (Coluna Pedagogia).

_____. **Um século de Ensino Primário**. Natal: Typografia d'A República, 1927.

LOPES, Dorinha Vale. **Orações e devoções de Dorinha Lopes Vale**. Rio de Janeiro: Marques Saraiva Gráficos e Editores Ltda. 1998.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LOURENÇO FILHO, Manuel Bergstrom. **Introdução ao estudo da Escola Nova**. Editora Melhoramentos, 1978.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (Org.) **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 443-481.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. **Tecendo nexos: história das instituições educativas**. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.

MEDEIROS, José Augusto Bezerra de. **Famílias Seridoenses**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti editores, 1940.

MEDEIROS, José Hélio de. **Breve genealogia da família Vale**. Digitado. Natal/RN, 2009.

MEDEIROS, Maria das Dores. In: MACÊDO, Muirakytan Kennedy de (Org.). **Caicó: uma viagem pela memória seridonense**. UFRN, SEBRAE. Natal: SEBRAE/RN, 2003.

MEDEIROS, Oflia Pereira de. **Entrevista**. Natal, 15 de abril. 2014.

MEDEIROS FILHO, Olavo de. **Velhas famílias do Seridó**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1981.

_____. **Caicó cem anos atrás**. Natal/RN: Sebo Vermelho Edições, 2004.

MERCÊS, Elida. Dona Olívia, mais de um século de história. **Jornal de Hoje**, Natal, p. 9, 10 mai. 2009.

MONTEIRO, Eymard L'E. **Caicó**: Subsídios para a história completa do município. Natal: Nordeste Gráfica, 1944.

MORAIS, Grinaura Medeiros de. **Abraço de gerações**: memórias de professoras primárias no Seridó – uma viagem pelo século XX. 2004. 332 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2004.

_____. Pedro Gurgel do Amaral e Oliveira: o professor e seus múltiplos ofícios. In: ARAÚJO, Ausônio Tércio de; DANTAS, Eugênia Maria; MEDEIROS, Maria das Dores; MACEDO; Muirakytan K. de (Org.). **Mestres do Seridó**: Memórias. Natal,RN: Una, 2006. p. 29-38.

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. **Seridó norte-rio-grandense**: Uma geografia da resistência.2005.422f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. **Leituras femininas no século XIX (1850-1900)**. 1996. 184f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. 1996.

_____. **Leituras de mulheres no século XIX**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

_____. **Isabel Gondim uma nobre figura de mulher**. Natal: Terceirize Editora e Gráfica. 2003.

_____. **Chicuta Nolasco Fernandes**: intelectual de mérito. Natal: Editorial A República. 2006.

_____. **História da Leitura e da Escrita no Rio Grande do Norte (1910-1980)**. Projeto de Pesquisa 2014-2017, CNPq, 2014.

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de; COSTA, Karoline Louise Silva da; MORAIS, Janaina Silva de. Alfabetização no Rio Grande do Norte – presença da professora Helena Botelho (1910-1920), **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 45, n. 31, p. 154-179, jan./abr. 2013.

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de; SILVA , Ingrid Katiúcha Albuquerque da Silva. Josefa Botelho e sua Prática Pedagógica nos Grupos Escolares durante o período de 1908 a 1930. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 5., **Anais...** Aracaju/SE: Universidade Federal de Sergipe. 2008.

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de; SILVA, Francinaide de Lima e. História da Profissão Docente em Natal (1908-1920). **Revista Diálogo Educacional**. Curitiba, v. 9, n. , 2009. p. 267-278.

_____. A leitura e a escrita no Rio Grande do Norte: primeiras décadas do século XX. In: MORTATTI, Maria do Rosário Longo. (Org.). **Alfabetização no Brasil: uma história de sua história**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Oficina Universitária, 2011.

_____. A Primeira Turma da Escola Normal de Natal – Presença de Professoras. In: ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORTE E NORDESTE, 21., 2013. **Anais...** Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2013.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Cartilha de alfabetização e cultura escolar: um pacto secular. **Cadernos CEDES**, Campinas, SP, v. 20, n. 52, p. 1-4, nov. 2000.

_____. **História dos métodos de alfabetização no Brasil**. Seminário Alfabetização e letramento em debate. Brasília: MEC, 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_mortattihisttextalfbbr.pdf. Acesso em: 6 jul. 2015.

NÓBREGA, Guiomar Alves da. **Entrevista**. Natal, 15 de maio de 2013.

NUNES, Clarice; CARVALHO, Marta M. C. de. Título. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 15., 1992. **Cadernos ANPEd...** Caxambu: ANPEd, n. 5, 1993. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/anped/memoria/cadernos-anped>>. Acesso em: 2 set. 2015.

O BINÓCULO (1916-1918). **Jornalzinho crítico, humorístico e noticioso**. Circulou de 14 de maio de 1916 até 02 de junho de 1918, na cidade de Caicó (RN).

OLIVEIRA, Aldo Fernandes de. **Declaração de existência da Unidade de Ensino Rural Professora Dorinha Vale**. Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Jucurutu/RN, 18 ago. 2014.

P.E. A mulher e a educação. **Revista Pedagogium**. Natal, 1941.

PEIXOTO, Anamaria Casasanta. **Exposição 70 anos da Escola Nova**. Folder. Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais: MG.1998.

PEREIRA, Francisco Ovídio. **Entrevista**. Jucurutu, 10 de maio. 2013.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

PRIMEIRO CARTÓRIO DE REGISTRO DE IMÓVEIS DA CIDADE DE JUCURUTU/RN. **Livro nº 3 das Transcrições de Transmissões do Registro de Imóveis da Comarca de Jucurutu/RN**, 1956-1960.

PINHEIRO, Rossana Kess Brito de Souza. **Mãe-esposa e professora: educadoras no final do séculoXIX**. 2009.219 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

RIO GRANDE DO NORTE. Lei nº 249, de 22 de novembro de 1907. Autoriza o governo a reformar a instrução pública. **Atos Legislativos e decretos do governo**. Natal: Typografia d´A República, 1908a.

_____. Decreto nº 178, de 29 de abril de 1908. Reestabelece a Diretoria Geral da Instrução Pública, cria a Escola Normal, Grupos Escolares e Escolas Mistas e dá outras providências. **Atos legislativos e decretos do governo**. Natal: Typografia d´A República, 1908b.

_____. Decreto nº189, de 16 de fevereiro de 1909. Cria na cidade de Caicó, um grupo escolar denominado Senador Guerra. **Atos Legislativos e Decretos do Governo**. Natal: Typografia d´A República, 1909.

_____. Decreto nº 221, de 13 de maio de 1910. Cria um anel de ouro para os professores primários titulados pela Escola Normal de Natal. **Atos Legislativos e Decretos do Governo**. Natal: Typografia d´A República, 1910.

_____. Lei nº 405, de 29 de novembro de 1916. Reorganiza o ensino primário, secundário e profissional, no Estado. **Atos Legislativos e Decretos do Governo**. Natal: Typografia d´A República,1917.

_____. **Mensagem lida perante o congresso legislativo na abertura da segunda sessão da undécima legislatura em 1º de novembro de 1922 pelo governador Antônio J. de Mello e Souza**. Natal: Typ. Commercial – J. Pinto & C, 1922.

_____. **Regimento Interno dos Grupos Escolares**. Natal: Typografia d´A República,1925a.

_____. **Regimento Interno das Escolas Rudimentares**. Natal: Typografia d´A República, 1925b.

_____.**Relação dos professores diplomados pela Escola Normal de Natal**. Natal: Typografia d´A República,1934.

_____. Departamento de Educação. **Termo de visita e inspeção técnica**, 04 jun.1930.

_____. Ato de 28 de julho de 1931.Resolve nomear a professora Olívia Pereira para reger efetivamente a cadeira mista do Grupo Escolar Senador Guerra. **Atos Legislativos e Decretos do Governo**. Natal: Palácio do Governo, 1931a.

_____. Departamento de Educação. **Termo de visita e inspeção técnica**, 10 abr. 1931b.

_____. Departamento de Educação. **Termo de visita e inspeção técnica**, 10 out. 1936.

ROCHA NETO, Manoel Pereira da. **Jornal das Moças (1926-1932): educadoras em Manchete**. 2002. 152f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

_____. **A educação da mulher norte-rio-grandense, segundo Júlia Medeiros (1920-1930)**. 2005. 202 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

RODRIGUES, Olívia Pereira. **Verso da fotografia da Escola de bandolins de Caicó**. Caicó/RN, 1930. (manuscrito).

_____. **Discurso em homenagem aos 80 anos do Senador Dinarte Mariz**. Natal/RN, 1983. (manuscrito).

_____. **Entrevista**. Natal, junho de 1994.

_____. [Certidão de Óbito]. 4º Ofício de Notas, 2010.

RODRIGUES, José Antônio Pereira. **Os 105 anos da Professora Olívia Pereira Rodrigues**. Natal/RN, 2009 (manuscrito)

_____. **Entrevista**. Natal, 10 de dezembro de 2013.

_____. Uma tarde proustiana com Nalva Nóbrega. **Jornal de Hoje**, Natal, p. 2, 6 fev. 2014. (Coluna Opinião).

SAVIANI, Demerval. **História das idéias pedagógicas no Brasil**. 2. ed. Campinas - SP: Editora Autores Associados, 2008.

SILVA, Francinaide de Lima. **Um espaço de formação do professor pirmário: a Escola Normal de Natal (Rio Grande do Norte 1908-1971)**. 2013. 165 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

SILVA, Carlos Pereira da. **Entrevista**. Natal, 20 de maio. 2014.

SILVANO, Geanne Estevam. **Jornal das Moças (1926)**: traços da história das mulheres seridoenses. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Departamento de Pedagogia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó (RN), 2008.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização**: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910). São Paulo: Fundação da UNESP, 1998.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. 2 ed. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

VALDEMARIN, Vera Teresa. Os sentidos e a experiência: professores, alunos e métodos de ensino. In: SAVIANE, Demerval. *et al.* **O legado educacional do século XX no Brasil**. 2.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006. p. 163-203.

VALLE, Theodora. **Diário pessoal**. 1959. (Manuscrito).

VALLE SOBRINHO, Inácio. A Escola. In: **O Binóculo**, Caicó-RN, 1918.

VASCONCELOS JUNIOR, Benigno de. Lições de coisas. **Revista de Ensino**, Natal, v.I, n. 1, p.6-8, fev.1917.

VEIGA, Cynthia Greive. Educação estética para o povo In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 399-421.